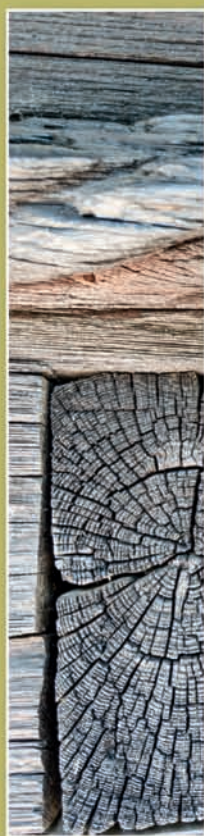


2013



BOLETIM ESTATÍSTICO INDÚSTRIA PAPELEIRA PORTUGUESA





Associação da Indústria Papeleira

2013

BOLETIM ESTATÍSTICO

INDÚSTRIA PAPELEIRA PORTUGUESA



NESTE BOLETIM

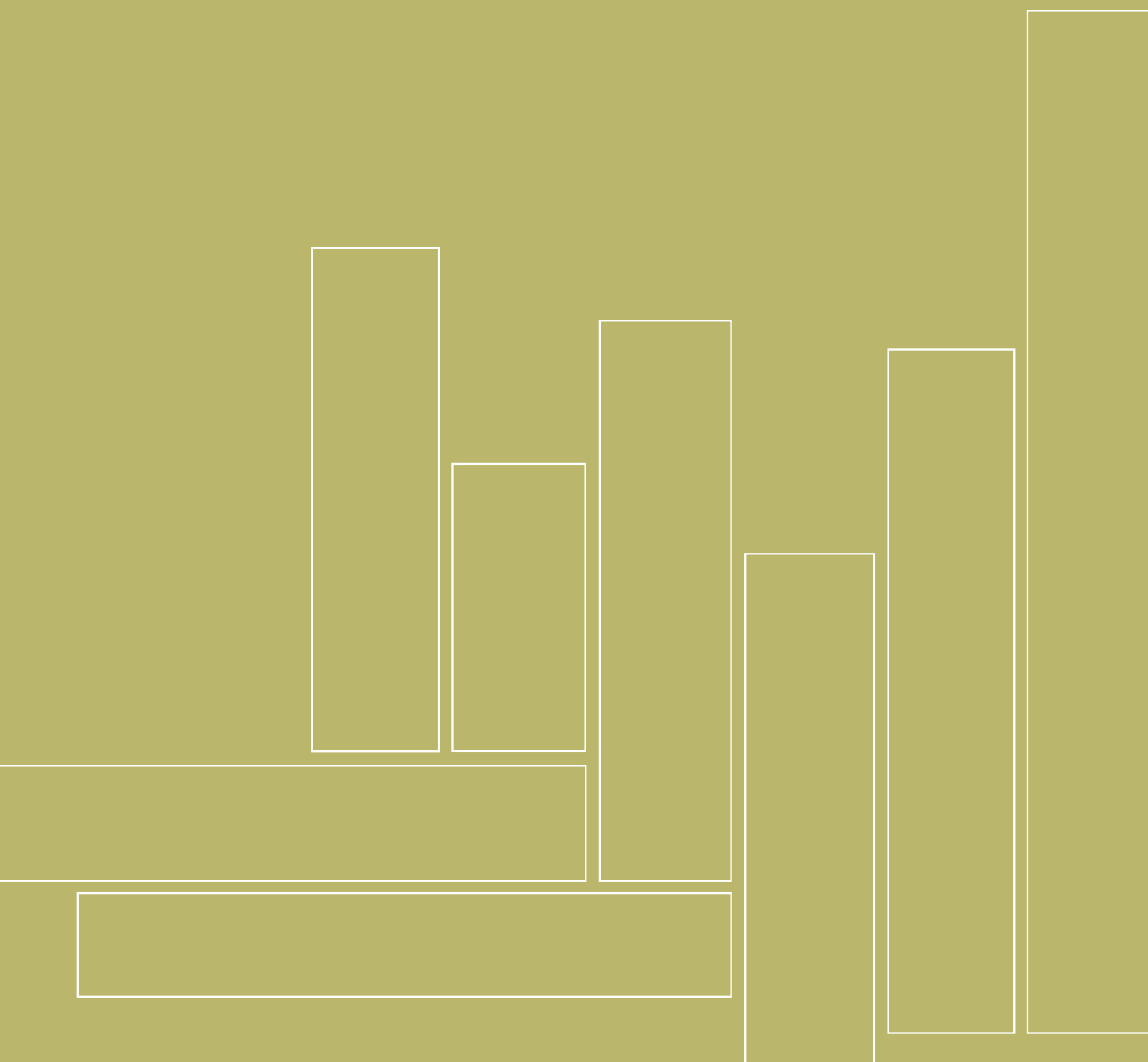
MENSAGEM DO DIRECTOR GERAL

EMPRESAS ASSOCIADAS DA CELPA

ENTIDADES ASSOCIADAS DA RECIPAC

DESCRIÇÃO DO SECTOR PASTA, PAPEL E CARTÃO

ÍNDICE





Eng. Armando Goes
Director Geral

Mensagem do Director Geral

O Boletim Estatístico da CELPA – Associação da Indústria Papeleira, em colaboração com a RECIPAC – Associação Nacional de Recuperação e Reciclagem de Papel e Cartão, vem dar conta da evolução do comportamento do Sector de Pasta e Papel ao longo de 2013.

A indústria de pasta e papel manteve o seu elevado nível de produção, em consequência dos investimentos industriais efectuados nos últimos anos. Felizmente, este incremento de produção foi acompanhado de um esforço muito positivo na diminuição dos impactos ambientais. Falamos especificamente da redução dos consumos energético e hídrico, diminuição no volume de efluentes e emissões de gases acidificantes, bem como na gestão sustentável e valorização dos resíduos.

Dentro do investimento energético, continua a dar-se destaque aos biocombustíveis, responsáveis pela maior quota de consumo, e à produção de electricidade por cogeração, que continua a ter um crescimento interessante.

Não tenhamos dúvidas que a questão energética representará um dos maiores desafios a enfrentar pelo nosso sector no futuro, sobretudo num contexto de globalização económica em que a Europa tem de se bater em concorrência desigual com países produtores, em que os custos energéticos se cifram em metade daqueles que encontramos no Velho Continente. Basta atentar ao que se passa nos EUA para perceber esse contraste gritante.

Em paralelo, também o acesso à matéria-prima apresenta algumas fasquias a ultrapassar. Como no caso da Indústria de Pasta e Papel portuguesa falamos, essencialmente, de fibra virgem, o abastecimento de matéria-prima florestal é fundamental. Infelizmente, a importação de madeira tem vindo a agravar-se nos últimos anos, o que representa uma situação algo paradoxal se tivermos em conta o forte potencial produtivo florestal português.

Todavia, temos elevadas expectativas que a regulamentação proposta pelo Governo Português no âmbito da nova Política Agrícola Comum (PAC/PDR 2014-2020) vá estimular o investimento na floresta produtiva nacional e dê passos seguros para que, a médio prazo, esta situação seja ultrapassada.

No plano da comunicação, a CELPA iniciou mais uma campanha internacional – “Think more paper means less trees? Think Again” – que mais do que emular o sucesso da campanha anterior, “Paper From Portugal”, é ainda mais ambiciosa, alargando o seu alvo de 6 para 19 países. O objectivo, esse, mantém-se: dissipar mitos e preconceitos que persistem à volta da actividade da Indústria da Pasta e Papel e promover a qualidade e sustentabilidade dos produtos papeleiros portugueses, continuando a aumentar as exportações.

Como nota, apesar de a Europac ter deixado de integrar o universo CELPA, este boletim estatístico ainda inclui os valores de produção e de impacto ambiental desta empresa numa tentativa de fornecer uma visão o mais global e completa possível do panorama nacional do Sector da Pasta e Papel.

Mais uma vez, agradecemos às empresas associadas da CELPA - bem como à Europac, que contribuiu com informação da sua empresa -, assim como a todos os seus colaboradores, que se voltaram a empenhar e se mobilizaram para a concretização deste Boletim Estatístico.



Empresas Associadas da CELPA

Grupo Portucel Soporcel



PORTUCEL - Empresa
Produtora de Pasta e
Papel, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com



SOPORCEL - Sociedade
Portuguesa de Papel, S.A.

Tel. 233 900 100
www.portucelsoporcel.com



Portucel Florestal - Empresa
de Desenvolvimento
Agro-Florestal, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com



Sociedade de
Desenvolvimento
Agro-Florestal, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com

Grupo Altri



Celulose Beira Industrial
(CELBI), S.A.

Tel. 233 955 600
www.celbi.pt



Caima - Indústria de
Celulose, S.A.

Tel. 249 730 000
www.caima.pt



Altri Florestal, S.A.

Tel. 249 730 000
www.altri.pt



CELTEJO - Empresa de
Celulose do Tejo, S.A.

Tel. 272 540 100
www.altri.pt



Renova - Fábrica de Papel
do Almonda, S.A.

Tel. 249 830 200
www.wellbeingworld.com



CELPA - Associação da indústria Papeleira

Rua Marquês Sá da Bandeira, nº 74, 2º 1069-076 Lisboa
Tel. 217 611 510 Fax: 217 611 511 email: celpa@celpa.pt



Entidades Associadas da Recipac



AFCAL - Associação dos Fabricantes de embalagens de Cartão para Alimentos Líquidos



AEPSA - Associação das Empresas Portuguesas para o Sector do Ambiente



ANIPC - Associação Nacional dos Industriais de Papel e Cartão



APIGRAF - Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Comunicação Visual e Transformadores do Papel



CELPA - Associação da Indústria Papeleira



RECIPAC - Associação Nacional de Recuperação e Reciclagem de Papel e Cartão

Av. Defensores de Chaves, nº 23, 5º Dto 1000-110 Lisboa
Tel. 217 998 526 Fax: 217 998 529 email: geral@recipac.pt



A Indústria da Pasta, Papel e Cartão

“Indústria Papeleira” é a designação geral dada a um conjunto de entidades relacionadas com a produção de pastas para papel e de diferentes tipos de papéis. Na realidade, a actividade desta indústria expande-se a quase todo o ciclo de vida dos produtos de papel, estando envolvida desde a produção de matérias-primas (produção florestal) até ao tratamento dos produtos no fim de vida (através de reciclagem ou valorização energética de papéis velhos). Estamos, portanto, perante um tipo de indústria de características únicas no panorama industrial português e mundial.

A actividade principal desta indústria está relacionada com as várias etapas do processo produtivo do papel, iniciando-se na produção de madeira (a indústria papeleira portuguesa é responsável pela gestão directa de cerca de 200.000 ha de floresta), a sua exploração e transformação em pasta para papel, e a transformação de pasta em diferentes tipos de papel.

Ciclo de Produção da Indústria da Pasta, Papel e Cartão



Fonte: CEPI

A este circuito principal acrescem diversas actividades de apoio ou de suporte à actividade principal, das quais se destacam:

- 1. Viveiros Florestais** - Esta actividade destina-se a produzir as plantas que darão origem, após plantação, à futura floresta. Esta produção destina-se, obviamente, às matas próprias da indústria, e também aos proprietários privados.
- 2. Gestão das Áreas Florestais** - A gestão directa de áreas florestais, próprias ou arrendadas, pelas empresas produtoras de pasta, papel e cartão constitui uma forma privilegiada de intervenção no sector florestal. Permite às empresas garantir parte do abastecimento em madeira e intervir ao nível da modernização de práticas, da optimização de recursos e da introdução de tecnologias mais exigentes de intervenção na floresta. Utilizada frequentemente como demonstração ou como motor da sua promoção a terceiros, a gestão florestal das empresas industriais conduziu ao pioneirismo na adopção voluntária de códigos de boas práticas florestais e no desenvolvimento de programas de I&D em parceria com universidades e outras instituições.



3. Abastecimento de Madeira - Os elevados volumes de madeira consumidos pela indústria são produzidos por um grande número de produtores florestais, na sua maioria com diminutas áreas de intervenção. O impacto desta actividade ao nível do sector de serviços nas áreas da exploração florestal e do transporte é extremamente importante, uma vez que dele depende em grande medida a manutenção da competitividade da indústria nacional face a outros produtores de produtos papéis extra-comunitários, onde não sejam tão rigorosos os padrões de exigência sociais e ambientais.

4. Captação, Tratamento e Rejeição de Água - As unidades de tratamento de água destinam-se a garantir o abastecimento de água com a qualidade suficiente para o processo industrial (água de abastecimento), assim como a garantir que o efluente produzido tem, no mínimo, as características orgânicas, físicas e químicas especificadas pelas autoridades para cada unidade (efluentes líquidos).

5. Produção de Energia - A indústria produz e consome quantidades consideráveis de energia, sob várias formas e ao longo do processo produtivo: no digestor da madeira; na máquina de pasta; na máquina de papel; no tratamento de efluentes líquidos e gasosos; na recuperação de papéis velhos. A maior parte da energia é produzida pelas próprias unidades industriais com recurso à queima de combustíveis. Entre estes destaca-se a utilização de biomassa, resultante da preparação de madeiras (casca e outros desperdícios), da dissolução da lenhina da madeira (licor negro).

6. Recuperação de Químicos - Na produção de pastas e papéis são utilizados vários produtos químicos, principalmente no digestor de madeira, nos processos de branqueamento e na máquina de papel. Alguns destes químicos funcionam em circuitos quase fechados, sendo utilizados no processo industrial e seguidamente recuperados para novas utilizações. Deste modo, existem normalmente no parque industrial instalações dedicadas a esta recuperação.

7. Separação e Tratamento de Resíduos Sólidos - Esta indústria não produz resíduos considerados perigosos. No entanto, produz quantidades consideráveis de resíduos sólidos. A maior parte das unidades possui hoje aterros controlados para a deposição segura destes resíduos, assim como dispõe de mecanismos para a sua separação por tipos, o que permite o tratamento, reciclagem, reutilização ou valorização energética de parte dos resíduos produzidos, reduzindo deste modo a necessidade de deposições em aterro.

8. Recuperação de Papéis - Algumas unidades utilizam como matéria-prima, para além de fibra virgem, fibra proveniente da reciclagem de papéis recuperados, realizada em instalações dedicadas a essa função.

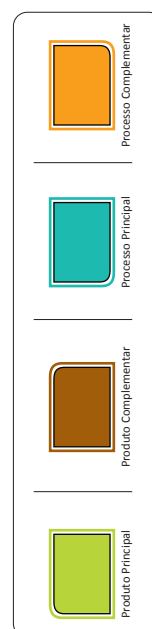
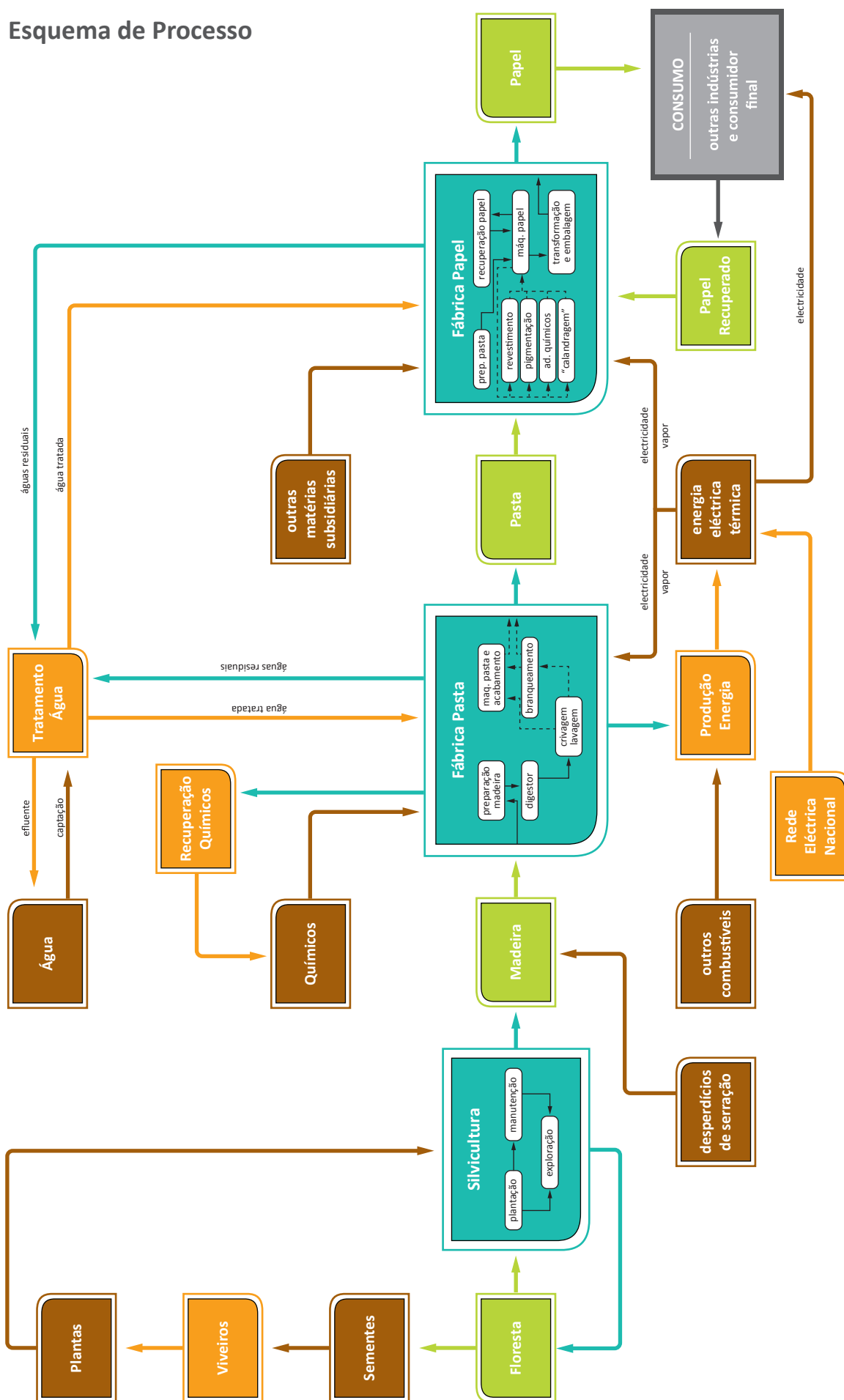
9. Controlo de Processo e de Qualidade - Dada a complexidade deste tipo de instalações industriais e a necessidade de garantir a articulação de processos e a qualidade de produtos, estão montados complexos sistemas de amostragem e controlo nas principais fases de produção.

10. Investigação & Desenvolvimento - A evolução constante do perfil de qualidade exigido aos produtos papéis, a necessidade de criar e adaptar os produtos às condições e exigências dos principais mercados e utilizações, assim como a necessidade de otimizar de forma crescente os processos produtivos, desde a gestão florestal até à produção industrial, tem ditado a orientação estratégica para uma abundante actividade de investigação e desenvolvimento, realizada com recursos próprios ou recorrendo a parcerias com diversas organizações, como universidades e institutos de investigação.

A articulação entre estas diversas actividades é ilustrada esquematicamente na Figura da página seguinte.



Esquema de Processo





Índice

01 - Enquadramento Macroeconómico	15	07 - Indicadores Ambientais	55
1.1 O Sector Industrial Português	19	7.1 Captação e Consumo de Água	56
1.2 A Indústria de Pasta e Papel em Portugal	20	7.2 Efluentes Líquidos	57
		7.3 Emissões Gasosas	60
02 - Indicadores Florestais	21	7.4 Gases com Efeito de Estufa	62
2.1 Floresta Nacional	22	7.5 Resíduos Sólidos	63
2.2 Floresta das Associadas da CELPA	24	7.6 Investimento Ambiental	64
2.3 Época de Incêndios 2013	27	7.7 Certificação de Qualidade, de Ambiente, de Segurança e de Laboratório	64
2.4 Certificação de Gestão Florestal Sustentável	31		
2.5 Investigação e Desenvolvimento Florestal	33	08 - Indicadores Energéticos	67
2.6 Formação Profissional Florestal	33	8.1 Consumo de Combustíveis	68
03 - Indicadores de Recuperação e Reciclagem de Papel	35	8.2 Produção e Consumo de Electricidade	68
		8.3 Estrutura Energética do Sector Pasta e Papel no Contexto Nacional	69
04 - Indicadores de Produção - Indústria de Pasta	39		
4.1 Aquisição, Consumo e Stocks de Madeira	40	09 - Indicadores Sociais	73
4.2 Consumo de Papel para Reciclar	42	9.1 Caracterização do Tecido Laboral	74
4.3 Produção de Pastas Virgens	42	9.2 Qualificação e Formação	75
4.4 Produção de Pastas de Fibra Recuperada	43	9.3 Segurança Ocupacional	76
4.5 Produção Própria Para Integrar	44	9.4 Acidentes de Trabalho	78
05 - Indicadores de Produção - Indústria de Papel e Cartão	45	10 - Indicadores Financeiros	79
5.1 Consumo de Pastas para Papel	46		
5.2 Produção de Papel e Cartão	46	11 - O Sector Pasta e Papel na Região CEPI e no Mundo	81
06 - Indicadores de Comércio	49	11.1 Pastas para Papel	82
6.1 Pastas para Papel	50	11.2 Papel e Cartão	85
6.2 Papel para Reciclar	51	11.3 Papel para Reciclar	88
6.3 Papel e Cartão	52	12 - Glossário	91

01

ENQUADRAMENTO MACROECONÓMICO

Nota: a estrutura associativa da CELPA alterou-se em 2013, pelo que não é possível a comparação directa entre o ano de 2013 e os anteriores.

Em 2011, o sector representava:

- 1,3% do VAB nacional
- 9% do VAB industrial
- 4% do PIB
- 8% da Produção Industrial nacional
- 4,9% das exportações nacionais





O Ano de 2013 e o primeiro trimestre de 2014

Portugal

Tal como já havíamos antecipado no BE anterior, o enquadramento económico português, em 2013, continuou a enfrentar uma tendência negativa. Como podemos ver na Tabela 1, o PIB registou um crescimento negativo de 1,4%, devido, essencialmente a um decréscimo dos consumos privados e públicos e de uma continuada quebra dos investimentos por parte das empresas e indústria.

Ao fim de 5 anos em recessão, os indicadores apontam para uma potencial inversão desta tendência para 2014. Depois da taxa de desemprego ter atingido os 18% em 2012, em Dezembro de 2013 essa taxa situava-se nos 15,4%. Em 2014 espera-se, finalmente, que o PIB tenha um crescimento positivo entre 0,5% a 1%, e que o consumo privado e o investimento comecem a evidenciar passos ascendentes. No entanto, é importante reforçar que se prevê um crescimento modesto até 2016, não sendo portanto expectável uma substancial inversão positiva da economia portuguesa nos próximos 3 anos. O enquadramento político nacional associado às eleições legislativas em 2015, as incertezas ao nível da política europeia e a situação da Crimeia e da Rússia, poderão vir a ter impactos profundos na economia nacional através do potencial aumento dos preços do petróleo e gás, que poderão contribuir para uma maior dificuldade na recuperação de sectores industriais com exposição a custos energéticos, de transporte e de câmbio.

PIB e Principais Componentes da Despesa Agregada (Taxa variação anual em %)										
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014(p)	2015(p)	2016(p)
PIB	1,8	0	-2,7	1,4	-1,6	-3,2	-1,4	1,1	1,5	1,7
Consumo Privado	1,6	1,7	-0,8	2	-4	-5,6	-1,7	1,4	1,5	1,5
Consumo Público	0	0,7	3,5	3,2	-3,8	-4,4	-1,8	-0,2	-1,4	0,2
FBCF	2,7	-1,3	-11,1	-4,8	-11,3	-14,5	-6,6	0,8	3,7	3,9
Procura Interna Total	1,6	1,1	-2,5	0,8	-5,7	-6,7	-2,6	1,4	1	1,6
Exportações	7,9	-0,5	-11,6	8,7	7,6	3,2	6,1	3,8	6,1	5,6
Importações	6,1	2,7	-9,2	5,3	-5,3	-6,7	2,8	4,6	4,8	5,5
Contributo da Procura Interna para o PIB	1,7	1,2	-2,8	0,9	-6,2	-7	-2,6	1,4	1	1,6
Contributo da Procura Externa Líquida para o PIB	0	-1,2	0,1	0,5	4,6	3,8	2,3	1,5	2,5	2,4

Tabela 1

Fonte: Banco de Portugal, últimos dados provenientes do Boletim de Verão de 2014

(p) = Previsão

Europa

Apesar da conjuntura de incerteza associada a alguns aspectos fundamentais da União Europeia, desde o primeiro trimestre de 2013 que o espaço europeu, como um todo, começou a registar taxas de crescimento do PIB positivas, apesar de muito modestas, tal como é evidenciado na Figura 1. Este crescimento modesto está associado à melhoria das expectativas dos consumidores face ao futuro da economia consubstanciado no crescimento das vendas a retalho.

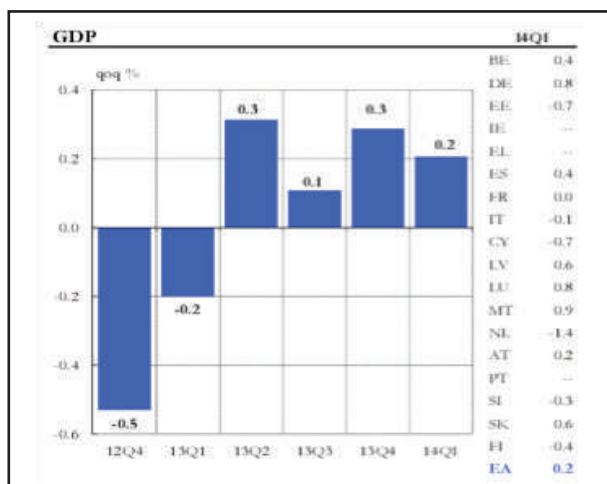


Figura 1

Fonte: Key Indicators for the Euro Area

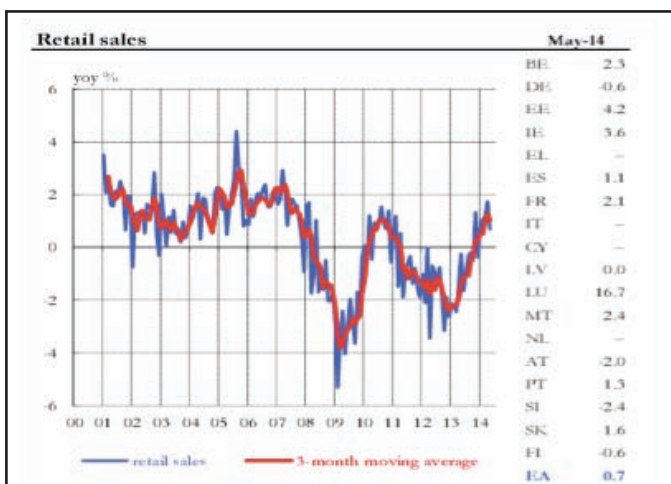


Figura 2

É interessante verificar que Portugal apresenta no primeiro trimestre de 2014 um crescimento de 1,3% nas vendas a retalho, o que pode ser visto como uma consequência do crescente optimismo do consumidor português.

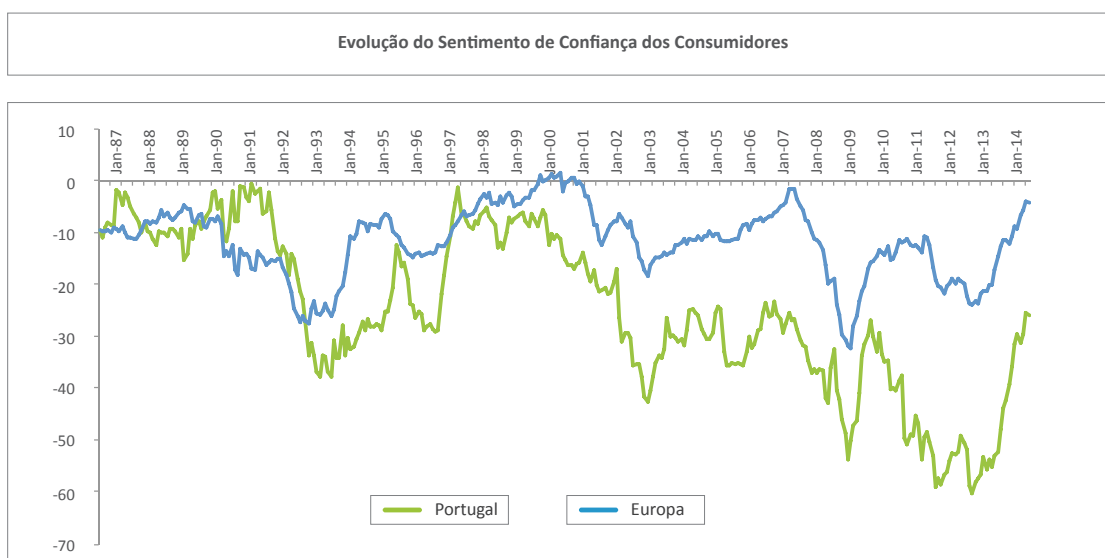


Figura 3

Fonte: EUROSTAT

Apesar de conseguirmos identificar o surgimento de um enquadramento mais positivo, é necessário termos presentes os desafios estruturais que a economia europeia, e Portugal, enfrentam. Uma das consequências deste período de crise europeia foi a quebra generalizada dos preços, originando uma inflação europeia na casa dos 0,5%. Se, por um lado, grandes inflações constituem um obstáculo ao equilíbrio da economia, períodos de deflação (altas taxas de desemprego e baixa inflação), podem também contribuir para uma potencial recessão, na medida em que a procura interna pode continuar a pressionar os preços à baixa, e, consequentemente à pouca produção. Esta situação tem igualmente impacto ao nível das taxas de juro real, que como se pode ver na Figura 5, têm atingido valores negativos. Taxas de juro negativas não contribuem, por seu lado, para a criação de poupança que possa ser canalizada pelos bancos para outros investimentos, podendo levar assim a mais falta de liquidez.

Em suma, os indicadores económicos dão-nos informações mistas relativamente à saúde da economia europeia e nacional. Por outro lado, o conflito da Crimeia e da Rússia poderá também ter implicações económicas difíceis de antecipar. As empresas necessitam por isso de ter uma visão de longo prazo e uma estratégia suficientemente flexível que permita tomadas de decisão conforme a evolução do enquadramento macroeconómico e geoestratégico. É fundamental estar atento à dinâmica internacional: económica e política.

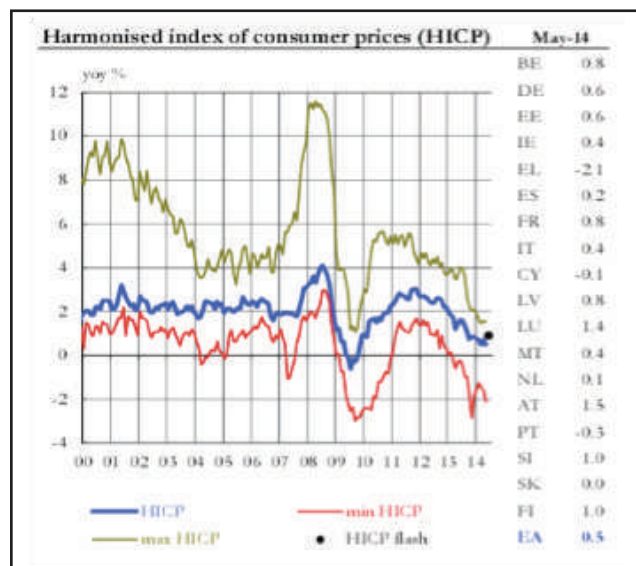


Figura 4

Fonte: Key Indicators for the Euro Area

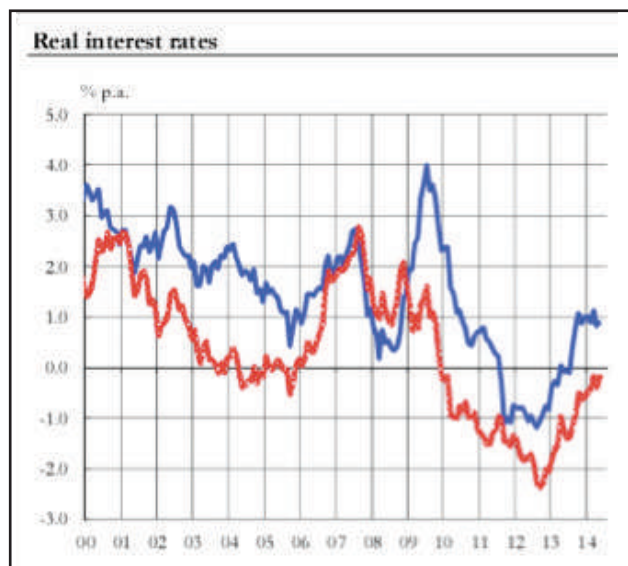


Figura 5

Mundo

Entre 2010 e 2013, o comércio internacional teve uma quebra significativa. No final de 2013 identificou-se uma pequena subida que poderia indicar o retomar da actividade internacional. No entanto, o início de 2014 foi marcado por uma queda dessa tendência, evidenciando assim o contexto de incerteza relativamente ao crescimento das economias. Tal como a Figura 7 mostra, as encomendas de exportações baixaram também no início de 2014, pelo que não será expectável registar-se um crescimento significativo das trocas comerciais a nível mundial.



Figura 6

Fonte: Key Indicators for the Euro Area



Figura 7



1.1 O Sector Industrial Português

Apesar do ano de 2013 ter apresentado um crescimento da produção industrial a nível europeu e nacional, talvez decorrente do crescimento momentâneo do comércio internacional, o início de 2014 revelou um abrandamento desse crescimento, tal como mostra a Figura 8. No entanto, Portugal tem evidenciado um crescimento contínuo da sua produção industrial, tendo no primeiro trimestre de 2014 essa produção aumentado 5,8%, bastante acima da média europeia de 1,4%. Uma vez que este padrão já se verificou em 2013, podemos estar perante uma situação em que o sector industrial português conseguiu identificar países e segmentos de mercado capazes de absorver a produção de bens nacionais, quem sabe, bens com elevado valor acrescentado.



Figura 8

Fonte: Key Indicators for the Euro Area

Neste sentido, o índice de confiança do sector industrial português tem continuado a aumentar desde 2013, podendo portanto evidenciar o reconhecimento por parte dos industriais portugueses exportadores de mercados de exportação mais sólidos.

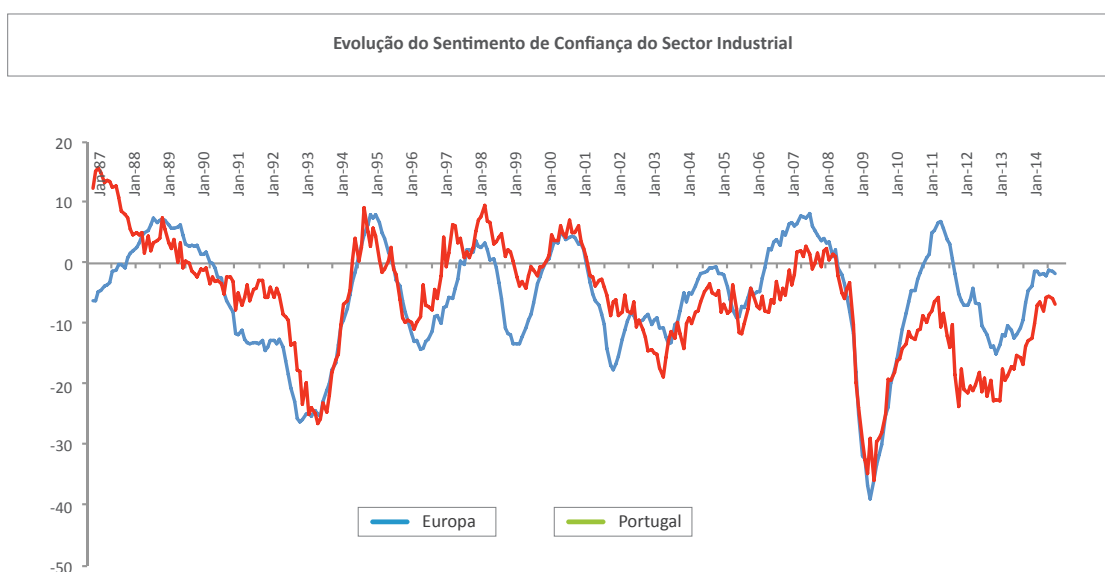


Figura 9

Fonte: EUROSTAT



1.2 O Sector da Pasta e do Papel em Portugal

Num contexto de 5 anos de recessão da economia nacional, o Sector da Pasta e do Papel português conseguiu aumentar, em 2013, a produção de pasta que foi directamente incorporada no processo de produção de papel em 3,8%, evidenciando assim a crescente integração vertical do sector.

Ao nível da produção de papel, o ano de 2013 ficou marcado por um pequeno aumento de 2,7% nas toneladas de papel produzido face a 2012.

O sector continuou a contribuir positivamente para a balança de pagamentos portuguesa, uma vez que as exportações de Pasta aumentaram 8,0% face a 2012, e as exportações de papel cresceram também 3,4%. Nas exportações de papel, o mercado americano foi aquele que mais contribuiu para este crescimento, uma vez que as vendas para este continente aumentaram 17% face às quantidades de 2012.

O volume de vendas das empresas associadas da CELPA fixou-se, em 2013, nos 2 245 mil milhões de euros. Dada a alteração da estrutura associativa da CELPA no decorrer daquele ano, a comparação com a no anterior não será possível.

Os principais indicadores do sector continuam positivos. Em 2013, os indicadores financeiros das empresas associadas da CELPA podem ser sumariadas da seguinte forma:

- A rentabilidade líquida das vendas atingiu os 11,9%
- A rentabilidade dos capitais próprios alcançou os 12,7%
- A rentabilidade dos capitais investidos alcançou os 6,3%

Analizando também o peso do ramo referente à “Actividade de fabricação de pasta, de papel, de cartão e seus artigos” para o ano de 2011¹ a preços correntes no total da economia, concluímos que:

- O seu VAB corresponde a 9% do VAB total do sector industrial e a 1,3% do VAB Nacional
- O seu investimento corresponde a 4% da formação bruta de capital fixo realizada pelo sector industrial e a 1% de toda a formação bruta de capital fixo realizada em Portugal
- Representa 8% da produção industrial e 2,5% da produção nacional
- A sua produção representa 4% do PIB nacional
- As suas exportações representam 4,9% das exportações nacionais

¹ Os dados mais recentes de contas nacionais disponíveis pelo INE correspondem ao ano de 2011.

02

INDICADORES FLORESTAIS

Em 2010, a floresta portuguesa ocupava 3,2 milhões de hectares, ou seja, 35,4% do território nacional, tendo diminuído 57 mil hectares desde 2005.

De acordo com os resultados preliminares do IFN6, em 2010, o eucalipto era a espécie florestal que ocupava maior área em Portugal continental, com 812 mil hectares, seguido pelo sobreiro e pelo pinheiro bravo com 737 e 714 mil hectares, respectivamente.





2.1 Floresta Nacional

Segundo os resultados preliminares do 6º Inventário Florestal Nacional (IFN6), realizado pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), a floresta portuguesa ocupava, em 2010, 3,2 milhões de hectares, ou seja, 35,4% do território nacional, registando-se uma diminuição de 57 mil hectares desde 2005.

Apesar desta diminuição, o uso florestal do solo continua a ser o uso dominante em Portugal Continental. Os matos e pastagens constituem a classe seguinte de uso do solo com maior área, com 32% do território e as áreas agrícolas ocupam 24% de Portugal Continental.

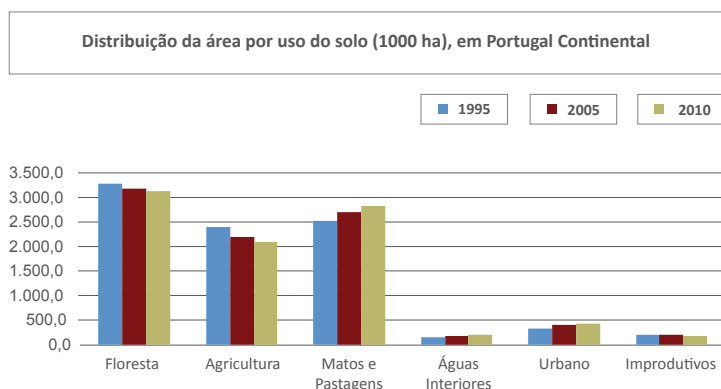


Figura 2.1

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

A diminuição da área de floresta explica-se devido à diminuição das superfícies temporariamente desarborizadas (superfícies ardidas, cortadas e em regeneração), sendo de destacar o aumento da área arborizada.

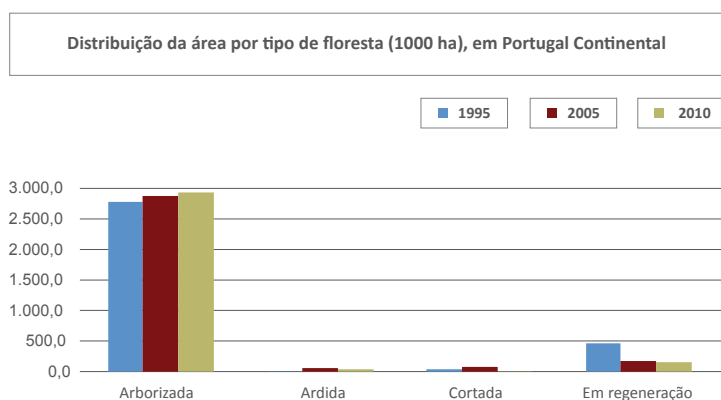


Figura 2.2

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

Em 2010, era o eucalipto a espécie florestal que ocupava maior área em Portugal Continental, com 812 mil hectares, seguido pelo sobreiro e pelo pinheiro bravo, com 737 e 714 mil hectares, respectivamente.

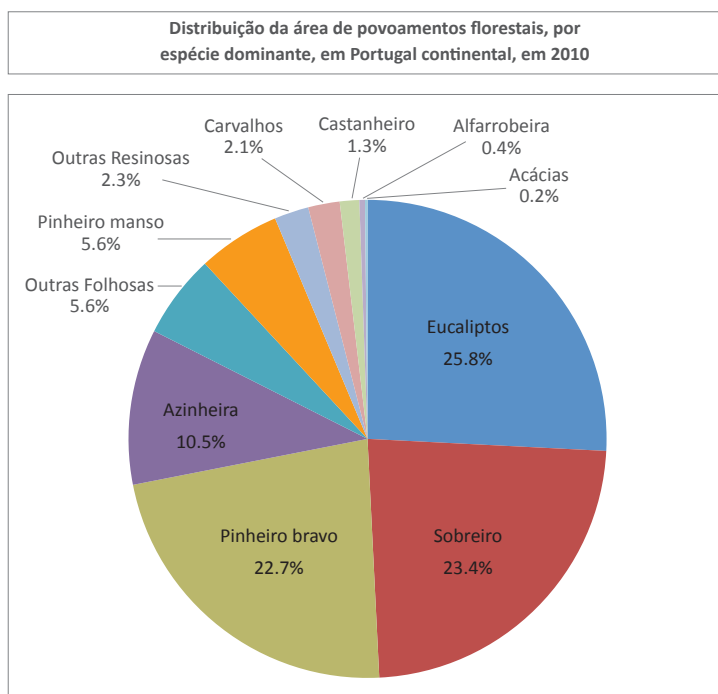


Figura 2.3

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

Entre 1995 e 2010 a principal alteração das áreas das espécies florestais ocorreu com o pinheiro bravo, cuja área diminuiu cerca de 263 mil hectares e com o eucalipto, cuja área aumentou cerca de 95 mil hectares.

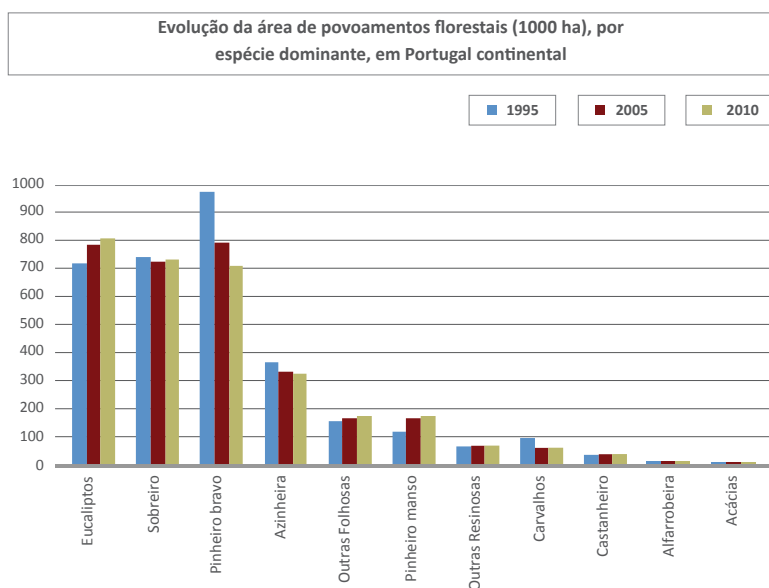


Figura 2.4

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

De acordo com o ICNF, a área total de pinheiro bravo diminuiu 263 mil hectares entre 1995 e 2010, sendo que a maior parte desta área se transformou em “matos e pastagens” (165 mil ha), 70 mil ha em eucalipto, 14 mil ha em espaços urbanos e 14 mil ha em áreas florestais com outras espécies arbóreas.



A área total de eucalipto aumentou 95 mil hectares entre 1995 e 2010. Para este aumento contribuíram 70 mil hectares de áreas ocupadas por pinheiro bravo em 1995, 14 mil hectares de superfícies ocupadas por matos e pastagens e 12 mil de áreas agrícolas.



Figura 2.5

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

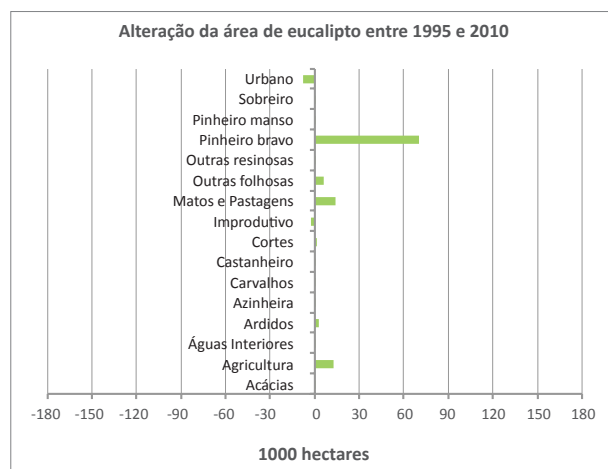


Figura 2.6

2.2 Floresta das Associadas da CELPA

As empresas associadas da CELPA são responsáveis pela gestão directa de 207,9 mil hectares, ou seja, 2,3% do território nacional que se encontra certificada tanto pelo PEFCTM como pelo FSC[®].

2.2.1 Área Florestal

As empresas associadas da CELPA são responsáveis pela gestão directa de cerca de 208 mil hectares, em propriedades próprias e arrendadas, o que corresponde a 2,3% do território nacional. Destes, 183,6 mil estão ocupados com floresta, o que representa 5,8% da floresta nacional.

Ocupação das áreas das empresas associadas da CELPA (ha)										
Espécie	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Eucalipto	161.863	155.972	152.537	151.650	152.502	151.944	154.450	155.885	155.612	154.349
Pinheiro bravo	6.367	5.465	5.536	8.412	8.385	7.836	8.119	7.587	7.097	7.011
Sobreiro	6.914	6.902	6.697	6.471	6.479	6.812	7.198	7.031	7.065	7.076
Outras espécies	10.252	9.503	14.785	11.902	15.090	10.160	10.448	12.217	14.010	15.082
Outros Usos	24.006	23.854	18.761	19.848	19.056	24.820	25.211	25.223	24.098	24.191
Total	209.402	201.696	198.316	198.283	201.512	201.572	205.427	207.943	207.883	207.709

Tabela 2.1

Fonte: CELPA



Em 2013, o património gerido pelas empresas associadas da CELPA manteve-se praticamente inalterado face a 2012.

A evolução da área florestal das associadas da CELPA resulta tanto de alterações fundiárias (compra e venda de património, cessação e celebração de contratos de arrendamento), como de alterações do perfil de ocupação do solo nas áreas existentes.

Áreas sob a gestão da indústria papeleira

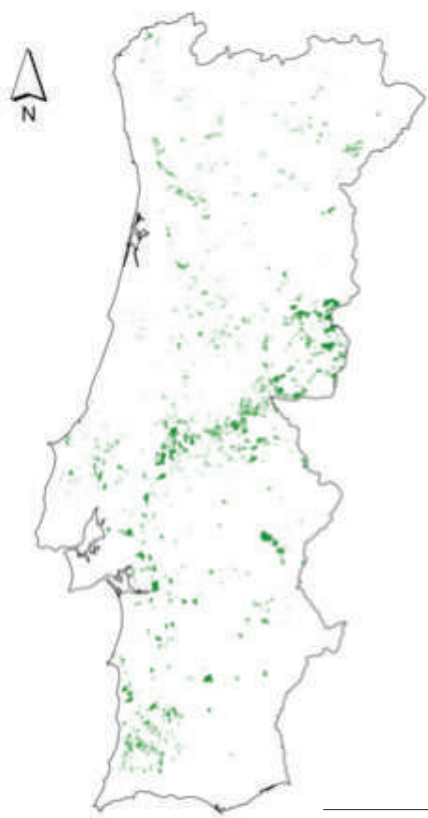


Figura 2.7
Fonte: CELPA

No final de 2013, a gestão da área associada encontrava-se certificada pelos sistemas PEFCTM e FSC[®]. O interesse da indústria papeleira na certificação da gestão florestal prende-se com a promoção da Gestão Florestal Sustentável da floresta portuguesa e com o acesso a mercados evoluídos que exigem produtos com origem em florestas cuja gestão é certificada por entidades independentes.

2.2.2 Silvicultura e Exploração Florestal

As empresas associadas da CELPA procuram, através de práticas no terreno, otimizar o potencial produtivo da estação e, ao mesmo tempo, minimizar os impactes ambientais negativos. Assim, recorrendo às melhores técnicas disponíveis e a intervenções culturais adequadas, procuram criar-se condições para que os povoamentos, maioritariamente de eucalipto, se desenvolvam e atinjam os objectivos pretendidos.

Em 2013, o esforço de plantação desenvolvido pelas empresas associadas da CELPA foi de 3.853 hectares, na sua maioria áreas de eucalipto.



Áreas plantadas pelas empresas associadas da CELPA (ha)										
Espécie	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Eucalipto	2.376	3.711	3.497	2.383	3.340	3.436	4.763	5.659	4.297	3.659
Pinheiro bravo	0	0	24	0	0	5	0	0	0	0
Sobreiro	0	7	19	11	2	7	15	3	2	0
Outras espécies	82	69	31	0	18	4	76	16	33	194
Total	2.458	3.787	3.571	2.394	3.360	3.452	4.854	5.678	4.332	3.853

Tabela 2.2

Fonte: CELPA

Em 2013, foram fertilizados perto de 25 mil hectares, ou seja, 14% da área florestal total. A maioria do esforço de fertilização é posto em acções de manutenção e os adubos mais utilizados são os compostos ternários (NPK) e os compostos com boro.

Áreas fertilizadas pelas empresas associadas da CELPA (ha)									
2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
21.254	10.356	18.098	13.491	15.759	29.547	23.267	25.827	20.181	24.783

Tabela 2.3

Fonte: CELPA

Na actividade de exploração florestal as empresas visam acautelar os vários impactes negativos, nomeadamente, em termos de erosão, qualidade da água e da paisagem. Em 2013, nas áreas geridas pelas empresas associadas, foram explorados quase 1,5 milhões de m³ de madeira de eucalipto com casca.

Volume de eucalipto explorado pelas empresas associadas da CELPA (1000 m ³ cc)									
2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1.368	1.486	1.592	1.724	1.411	1.544	1.838	1.360	1.516	1.456

Tabela 2.4

Fonte: CELPA

Em 2013, a distribuição da rolaria de eucalipto transportada das matas próprias para as várias fábricas de pasta foi efectuada, na sua grande maioria, por via rodoviária mantendo-se, desta forma, a situação dos últimos anos.

Transporte de rolaria de eucalipto das matas próprias para a fábrica										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Ferroviário	20%	7%	17%	17%	5%	5%	9%	3%	2%	1%
Rodoviário	80%	93%	83%	83%	95%	95%	91%	97%	98%	99%

Tabela 2.5

Fonte: CELPA

2.2.3 Produção de Plantas em Viveiros Próprios

A produção de plantas de qualidade de várias espécies florestais para arborização de áreas próprias e venda a terceiros é o objectivo principal dos viveiros das empresas associadas da CELPA. Estes viveiros têm delegação de competências, atribuídas pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P., para certificar a qualidade das suas próprias plantas.

A produção dos viveiros das empresas associadas da CELPA ultrapassou em 2013, e pela primeira vez, os 15 milhões de plantas, representando um aumento de 5% face a 2012.

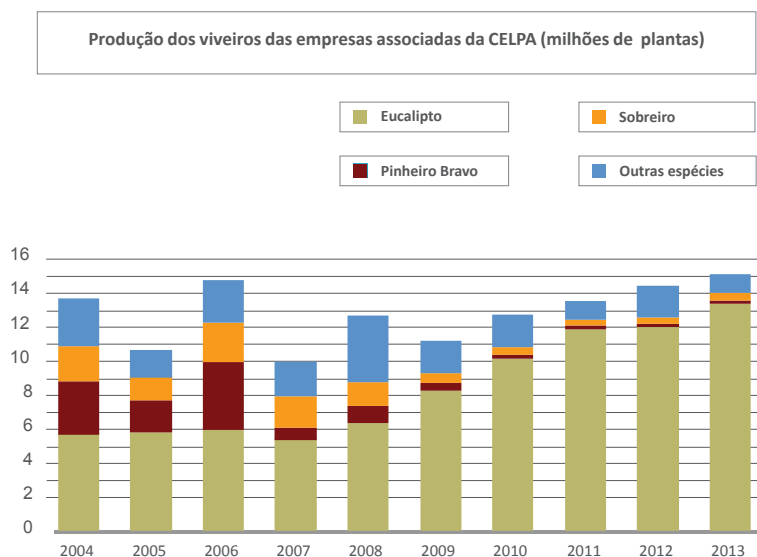


Figura 2.8

Fonte: CELPA

2.3 Época de Incêndios 2013

2.3.1 Área ardida Nacional

Em 2013, arderam 152,8 mil hectares, sendo 97,1 mil de matos e 55,7 mil de povoamentos florestais. Esta área ardida representa um aumento de 38,6% face a 2012.

Existe uma variabilidade anual no que respeita às áreas ardidas, que seguem de perto as condições climatéricas, sendo recorrente salientar a existência de vários factores na causa e propagação dos fogos e respectivas áreas ardidas, como por exemplo, algumas actividades humanas e factores naturais.

Em 2013, arderam 97,1 mil hectares de matos e 55,7 mil hectares de povoamentos florestais, o que representa uma área 38,6% superior à ardida em 2012.

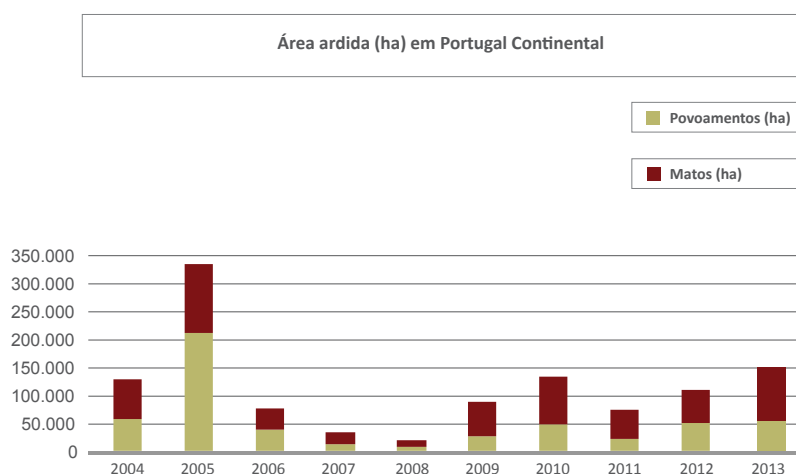


Figura 2.9

Fonte: ICNF



O ano de 2013 é, depois de 2005, o ano com maior área ardida na última década. De facto, o ano de 2005 destaca-se por apresentar tanto a maior área ardida como o maior número de ocorrências. Os anos de 2007 e 2008 distanciam-se dos valores mais frequentes por registarem uma área ardida e número de ocorrências significativamente inferiores e, finalmente, os anos de 2004 e 2010 apresentam similaridade no que respeita ao número de ocorrências e área ardida.

O pinheiro bravo e o eucalipto são as duas espécies mais afectadas anualmente pelos incêndios, com uma média anual, entre 2004 e 2013, de 17,4 mil hectares e de 14,8 mil hectares, respectivamente.

O ano de 2013 não foi excepção e a espécie mais afectada, no conjunto dos povoamentos florestais, foi o pinheiro-bravo seguido do eucalipto, com 42% e 40% da área total ardida, respectivamente.

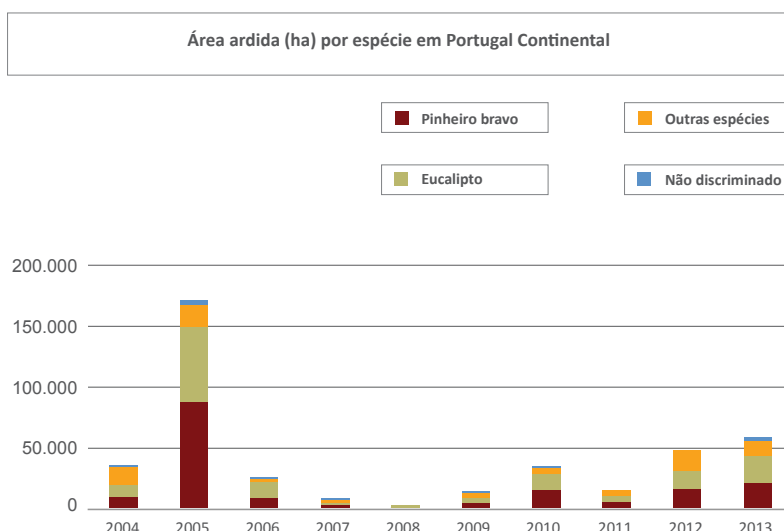


Figura 2.10

Fonte: ICNF

Em termos relativos, em 2013, arderam, respectivamente, 3,2% e 2,8% do pinhal e eucaliptal nacionais.

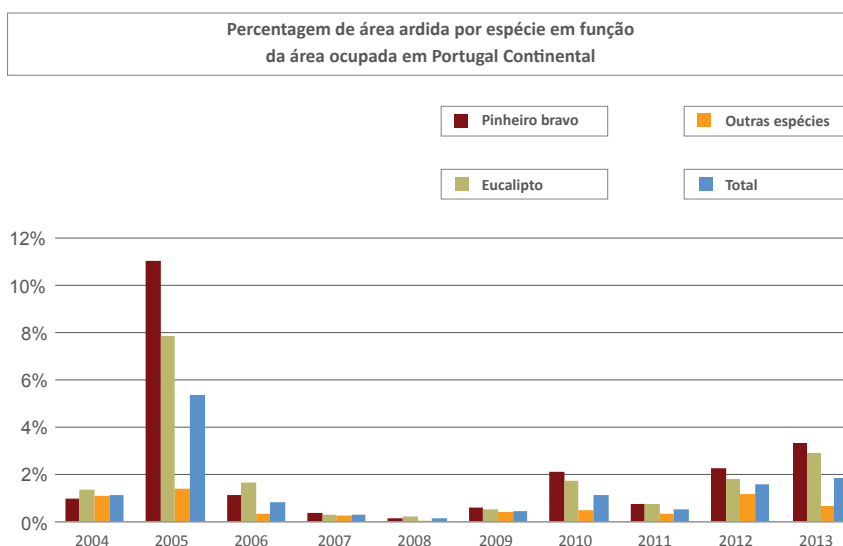


Figura 2.11

Fonte: ICNF



2.3.2 Causas dos Incêndios Florestais

Em 2013, 28% dos incêndios investigados tiveram causa indeterminada, 28% deveram-se a uso negligente do fogo e 24% foram intencionais.

A investigação das causas dos incêndios florestais compete ao Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente da Guarda Nacional Republicana (GNR/SEPNA).

Em 2013, cerca de 76% do total das 19.291 ocorrências foram alvo de investigação. Dos resultados investigados não foi possível identificar a causa da ignição em 28% das averiguações. Do universo das ocorrências investigadas, cerca de 28% estão associadas a comportamentos negligentes, essencialmente pelo uso do fogo, com destaque para as queimadas. Em sede de incêndiarismo, as motivações imputáveis (classe que enquadra motivações como o vandalismo, a provocação para os meios de combate aos incêndios, as manobras de diversão, conflitos com vizinhos e vinganças) estiveram na origem de 24% das ignições com investigação concluída pela GNR/SEPNA.

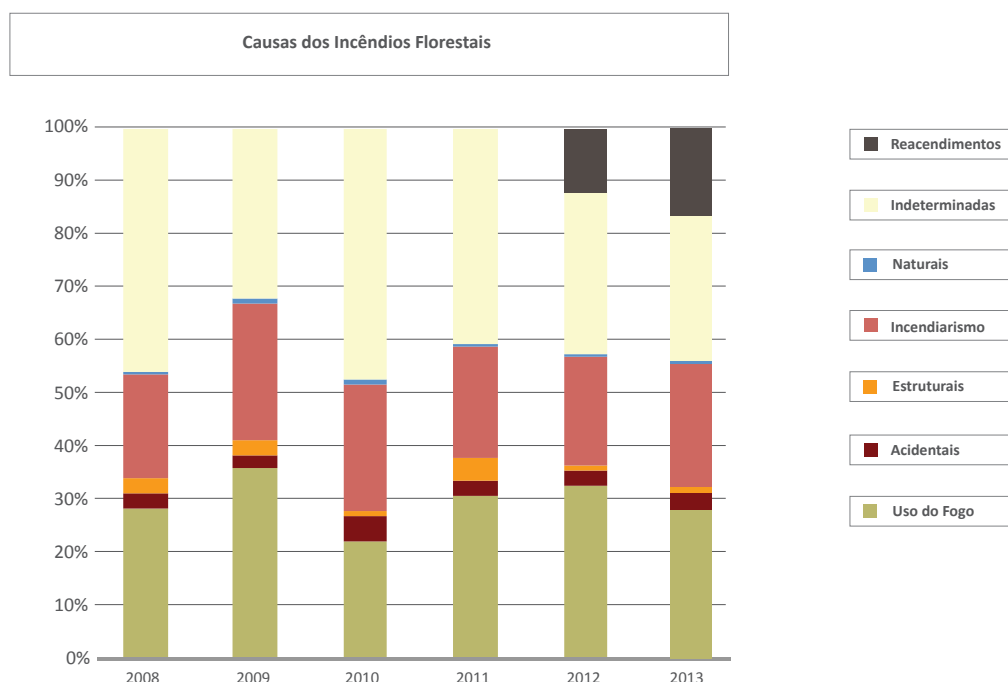


Figura 2.12

Fonte: ICNF

2.3.3 Acções de Prevenção e Combate das Associadas da CELPA

Tal como nos anos anteriores, em 2013 as empresas associadas voltaram a contratar meios aéreos e terrestres para combate a incêndios florestais.

Em 2013, arderam 2.247 hectares geridos pelas empresas associadas da CELPA, correspondentes a 1,2% da área sob sua gestão.

Anualmente, as empresas associadas da CELPA levam a cabo acções de silvicultura para prevenção de incêndios que consistem no controlo de vegetação, limpeza de caminhos e aceiros e manutenção e construção da rede viária e divisional. Em 2013, estas acções incidiram sobre uma área de quase 25 mil hectares, ou seja, 13% da área de floresta das empresas associadas e representaram um encargo de 2,2 milhões de euros.



Investimento em acções de silvicultura preventiva e área alvo de controlo de vegetação										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Investimento em acções de silvicultura preventiva (mil euros)	3.147	2.993	1.878	1.190	1.785	2.702	2.279	2.387	2.342	2.166
Área alvo de controlo de vegetação (ha)	19.336	15.281	17.170	15.824	17.675	24.457	21.678	25.707	21.753	24.654

Tabela 2.6

Fonte: CELPA

As empresas associadas da CELPA criaram, em 2002, um Agrupamento Complementar de Empresas denominado AFOCELCA, com o objectivo de gerir o combate aos incêndios florestais que ameacem o seu património.

De resto, estas empresas, através da CELPA, foram durante anos pioneiras, a nível nacional, na promoção de acções ligadas ao combate de incêndios florestais.

Desde 1987 que, para além dos meios próprios, as empresas associadas da CELPA contratam e coordenam meios terrestres e aéreos para o combate a incêndios que ameacem o seu património florestal, agindo em áreas próprias ou de outros proprietários, em íntima colaboração com Autoridade Nacional de Protecção Civil.

Ocorrências das campanhas de prevenção e combate a incêndios florestais da AFOCELCA													
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013		Média 2004 2012	
Ocorrências em áreas próprias (nº)											%		%
Incêndios com dano	138	271	125	78	67	199	167	171	153	143	11,5%	152	27,0%
Incêndios com perigo	293	367	223	201	201	618	464	603	706	1,103	88,5%	412	73,0%
Total	431	638	348	313	268	817	631	774	859	1,246	100,0%	564	100,0%
Incêndios particulares (nº)	439	430	377	1.052	1.050	3.752	3.499	4.048	2.863	2.657	-	1.946	-
Total de ocorrências	870	1.068	725	1.365	1.318	4.569	4.130	4.822	3.722	3.903	-	2.510	-

Tabela 2.7

Fonte: AFOCELCA

2.3.4 Área ardida das Associadas da CELPA

Em 2013, arderam 2.247 hectares em áreas geridas pelas empresas associadas da CELPA.

Área ardida, por espécie, às empresas associadas da CELPA (ha)													
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013		Média 2004 2012	
Área ardida (ha)													
Eucalipto	2.543	9.078	3.684	297	548	621	987	379	981	2,027	90,2%	2.124	78,8%
Pinheiro bravo	192	1.618	393	19	15	61	276	14	8	221	9,8%	288	10,7%
Outras espécies	243	97	25	14	1	4	0	1	0	0	0,0%	43	1,6%
Outras áreas	338	350	97	146	121	112	670	343	0	0	0,0%	242	9,0%
Total área ardida	3.316	11.143	4.199	476	685	797	1.932	737	988	2,247	100,0%	2.697	100,0%

Tabela 2.8

Fonte: AFOCELCA



Nos últimos 10 anos, a percentagem da área florestal que, em média, arde anualmente às empresas associadas da CELPA só em 2005 é que ultrapassou 5% da área total, chegando aos 5,5%. Em 2013, este valor foi de 1,2%.

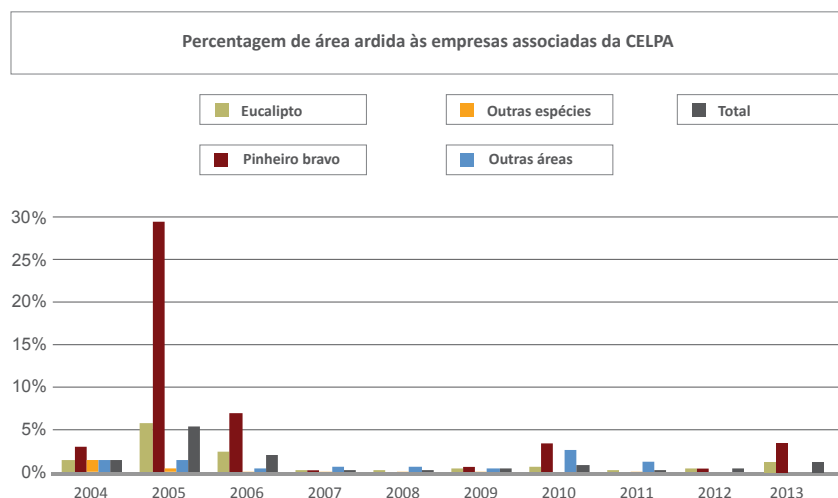


Figura 2.13

Fonte: CELPA e AFOCELCA

Os helicópteros ao serviço das empresas associadas da CELPA voaram, nos últimos 10 anos, em média, 212 horas por campanha, tendo-se registado um máximo em 2005, com 470 horas de voo.

Tempos de actuação e horas de voo dos helicópteros contratados pelas empresas associadas da CELPA													
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Média 2004 2012		
Tempos de actuação (minutos)													
Despacho	00:54	00:54	00:42	00:32	01:15	01:32	02:19	01:20	01:22	01:51	-	01:12	-
Chegada	30:47	37:24	29:47	28:02	25:28	30:20	32:14	29:46	27:55	30:05	-	30:11	-
Horas de voo dos helicópteros													
Afocelca	298.3	461.8	177.0	136.7	169.8	223.0	129.8	150.8	132.1	178.5	98%	208.8	97,6%
Outras instituições	13.3	8.6	18.1	3.3	0.0	0.0	0.0	0.0	2.2	17.8	2%	5.1	2,4%
Total horas de voo	311.6	470.4	195.1	140.0	169.8	223.0	129.8	150.8	134.3	196.3	100%	213.9	100,0%

Tabela 2.9

Fonte: AFOCELCA

2.4 Certificação de Gestão Florestal Sustentável

2.4.1 Evolução da Certificação Florestal no Mundo

Actualmente, o PEFC™ contabiliza 258 milhões de hectares de áreas florestais no mundo cuja gestão está certificada e o FSC® conta com 191 milhões.

A certificação da gestão florestal é um instrumento voluntário que permite melhorar a qualidade da gestão florestal e demonstrar que a mesma é realizada de uma forma responsável, tendo em conta os aspectos económicos, sociais e ambientais. Esta preocupação abrange também os recursos naturais com que a floresta interage, bem como as populações que dela dependem e adquiriu um estatuto de âmbito internacional a partir da Conferência Interministerial para a Protecção da Floresta da Europa, em Helsínquia (1991) e da Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro.



O PEFC™ (*Programme for the Endorsement of Forest Certification Schemes*) continua a ser o sistema com maior área florestal certificada, com 258 milhões de hectares, localizados maioritariamente na América do Norte e Europa. O FSC® (*Forest Stewardship Council*) representa, aproximadamente, 191 milhões de hectares de floresta certificada distribuída por diferentes regiões no Mundo.

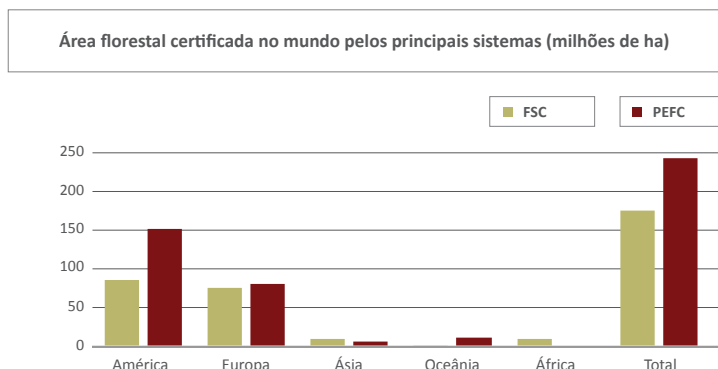


Figura 2.14

Fonte: PEFC™ Council (Janeiro 2014) e FSC® (Janeiro 2014)

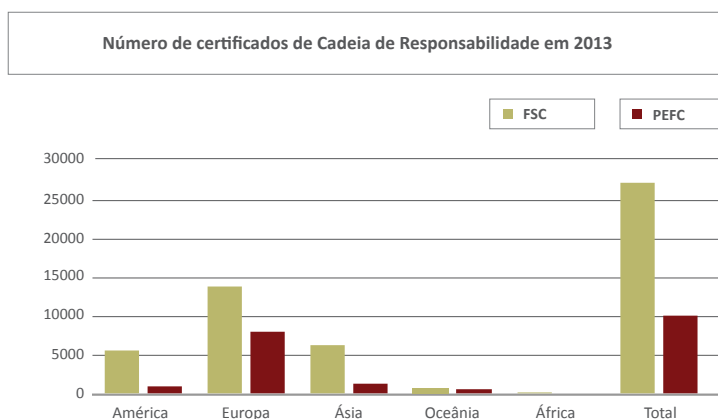


Figura 2.15

Fonte: PEFC™ Council (Janeiro 2014) e FSC® (Janeiro 2014)

Por outro lado, o número de certificados de Cadeia de Responsabilidade, que se aplica a indústrias ou agentes que transformam, processam e/ou vendem produtos de origem florestal, é bastante superior no caso do FSC®, com 27.246, do que no PEFC™, com 10.073.

2.4.2 Certificação de Gestão Florestal Sustentável em Portugal

Em 2013, a gestão florestal praticada pelo grupo Portucel Soporcel e pelo Grupo Altri encontrava-se certificada pelo PEFC™ e pelo FSC®.

As empresas associadas da CELPA, como transformadores responsáveis de madeira, reconhecem ser da maior importância a Gestão Sustentável dos recursos florestais do país e encontram-se, desde o final da década de 90, activamente envolvidas no estabelecimento de requisitos de Gestão Florestal Sustentável, na implementação de esquemas de certificação florestal e na comunicação da madeira como uma matéria-prima de excelência.

A CELPA integra, desde a sua formação, a entidade responsável pela criação da Norma Portuguesa 4406 “Sistemas de Gestão Florestal Sustentável – Aplicação dos Critérios e Indicadores” (NP4406), o Conselho da Fileira Florestal Portuguesa. Este organismo foi também responsável pelo desenvolvimento do “Código de Boas Práticas para a Gestão Florestal Sustentável”, como apoio à implementação da NP4406.

Em 2004 foi realizada a revisão de conformidade do Sistema de Certificação da Gestão Florestal Sustentável (PEFC Portugal) com os critérios para o mútuo reconhecimento de sistemas do PEFC™ Council. Em Dezembro desse ano o sistema foi formalmente reconhecido, estando, desde então, disponível para ser utilizado pelos produtores florestais portugueses.



Em meados de 2006, a WWF assumiu a responsabilidade de implementar a Iniciativa Nacional FSC®, compromisso tornado público num fórum de âmbito nacional no dia 6 de Dezembro de 2006. Ao longo de 2007 coordenou as reuniões técnicas de adaptação dos Princípios e Critérios FSC® ao contexto socioeconómico e ecológico português e acompanhou a constituição formal da associação ambiental que irá representar as actividades do FSC® em Portugal.

No final de 2013, a gestão praticada pelas empresas associadas da CELPA encontrava-se certificada pelos sistemas PEFC™ e FSC®, o que corresponde a 87,1% da área total cuja gestão se encontra certificada pelo PEFC™ em Portugal e a 60,6% pelo FSC®, respectivamente.

Em 2013, as empresas associadas da CELPA também detinham as suas Cadeias de Responsabilidade certificadas tanto pelo PEFC™ como pelo FSC®.

2.5 Investigação e Desenvolvimento Florestal

Em 2013, as empresas associadas da CELPA investiram perto de 4,5 milhões de euros em investigação e desenvolvimento florestal, valor mais elevado dos últimos 10 anos.

Anualmente, as empresas associadas da CELPA realizam fortes investimentos nos seus programas de investigação e desenvolvimento florestal.

Os objectivos destes programas passam por promover a Gestão Florestal Sustentável, a qualidade da madeira para a produção de pasta para papel e a produtividade dos povoamentos de eucalipto, principalmente através do melhoramento genético mas também da protecção contra pragas e doenças, da fertilização e nutrição e da eficiência das operações de exploração e transporte.

Investimento em investigação e desenvolvimento florestal (mil euros)									
2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
2.368	3.038	2.712	2.589	2.875	2.803	2.500	2.955	3.456	4.458

Tabela 2.10

Fonte: CELPA

2.6 Formação Profissional Florestal

Em 2013, as empresas associadas da CELPA desenvolveram acções de formação num total de 7.426 horas.

As empresas associadas da CELPA tomam a seu cargo a formação e sensibilização para o desempenho dos colaboradores com responsabilidades operacionais, estabelecendo anualmente planos de formação adequados às suas necessidades específicas.

Estas acções não se restringem aos seus quadros próprios, estendendo-se a todos os prestadores de serviços, aos fornecedores de madeira e a técnicos das associações de produtores florestais, tendo em vista a melhoria da eficiência das operações, bem como o cumprimento das normas essenciais de segurança e de respeito pelo ambiente.

Formação profissional florestal (horas)						
2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
2.575	6.038	9.123	5.425	7.360	4.148	7.426

Tabela 2.11

Fonte: CELPA

Assim, em 2013, desenvolveram-se acções de formação, de sensibilização e de divulgação técnica, ambiental e de segurança, maioritariamente a colaboradores internos mas também com a presença de fornecedores de serviços e de madeira, num total de 7.426 horas.



INDICADORES DE RECUPERAÇÃO E RECICLAGEM DE PAPEL

A recuperação de papel aumentou 10% em relação ao ano anterior.

Portugal recuperou 66% do papel consumido e reciclou 66%.

Portugal recuperou 73% das embalagens de papel colocadas no mercado.





Os dados que se apresentam neste capítulo foram obtidos e tratados pela RECIPAC.

Em Portugal, a recuperação global de papel e cartão para reciclar aumentou 10 % em 2013, registando 749 mil toneladas. Este dado refere-se à globalidade do fluxo urbano e não urbano.

Em 2013, o consumo de papel para reciclar efectuado pelas fábricas de papel portuguesas aumentou 32%, registando aproximadamente 371 mil toneladas.

A taxa de reciclagem da totalidade do papel e cartão aumentou, tendo atingido os valores de 2011, ou seja, 66%.

A taxa de utilização da totalidade do papel e cartão aumentou 4 pontos percentuais, ficando-se pelos 17%.

Evolução das Taxas de Recuperação, Utilização e Reciclagem do Total de Papel (1000 ton)								
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	13/12 (%)
Recuperação Aparente (a)	729	704	774	786	779	684	749	10%
Utilização/Consumo	383	378	363	373	333	282	371	32%
Exportação	362	334	422	430	460	417	401	-4%
Importação	16	7	10	17	14	15	23	49%
Taxa de Recuperação (b)	55%	56%	63%	62%	63%	62%	66%	-
Taxa de Utilização (c)	23%	23%	22%	18%	15%	13%	17%	-
Taxa de Reciclagem (d)	55%	56%	63%	62%	63%	62%	66%	-

Tabela 3.1

Fonte: RECIPAC, CELPA, INE

(a) Recuperação Aparente = Utilização/Consumo + Exportações - Importações

(b) Taxa de Recuperação: Percentagem da Recuperação Aparente comparada com o total do Papel consumido

(c) Taxa de Utilização: Percentagem de Utilização/Consumo comparada com o total da produção de Papel

(d) Taxa de Reciclagem: Utilização/Consumo + Saldo do Comércio Externo Líquido comparada com o total de Papel consumido

No que respeita à fracção “embalagem de papel e cartão para reciclar”, a sua recuperação aumentou 21% em 2013, atingindo 515 mil toneladas. Estes dados referem-se à globalidade do fluxo urbano e não urbano.

A taxa de reciclagem de embalagem de papel e cartão aumentou 7 pontos percentuais, atingindo os 73% em 2013.

A taxa de utilização de embalagem de papel e cartão aumentou 11 pontos percentuais em 2013, atingindo os 63%.



Evolução das Taxas de Recuperação, Utilização e Reciclagem e Valorização da Embalagem de Papel (1000 ton)								
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	13/12 (%)
Embalagens Declaradas SIGRE (Urbano + Não Urbano)	333	363	391	392	385	365	342	-6%
Retomas de embalagens SIGRE (Selectiva)	86	100	104	114	103	91	95	5%
Retomas Embalagens SIGRE (Urbano + Não Urbano)	217	247	292	325	327	288	316	10%
Embalagens colocadas no mercado	697	718	711	704	687	647	701	8%
Recuperação Aparente (a)	577	560	490	472	490	427	515	21%
Utilização/Consumo	310	310	299	312	277	230	302	31%
Reciclagem Orgânica - Compostagem						6	12	85%
Exportação	280	253	196	173	224	203	216	6%
Importação	13	4	6	13	12	12	15	19%
Valorização Energética - Incineração	16	47	55	23	27	14	14	0%
Taxa de Recuperação (b)	83%	78%	69%	67%	71%	66%	73%	-
Taxa de Utilização (c)	62%	61%	61%	66%	63%	52%	63%	-
Taxa de Reciclagem (d)	83%	78%	69%	67%	71%	66%	73%	-
Taxa de Valorização (e)	85%	85%	77%	70%	75%	68%	75%	-

Tabela 3.2

Fonte: Estimativa RECIPAC, CELPA, INE e SPV

(a) Recuperação Aparente = Utilização de PR + Exportações de PR - Importações de PR

(b) Taxa de Recuperação: percentagem da recuperação aparente comparada com o total do Papel consumido

(c) Taxa de Utilização: percentagem de utilização de PR comparada com o total da produção de Papel

(d) Taxa de Reciclagem: Utilização de PR mais o comércio externo líquido comparada com o total de Papel consumido

(e) Taxa de Recuperação RE: percentagem da recuperação aparente de RE comparada com o total de Embalagens colocadas no mercado

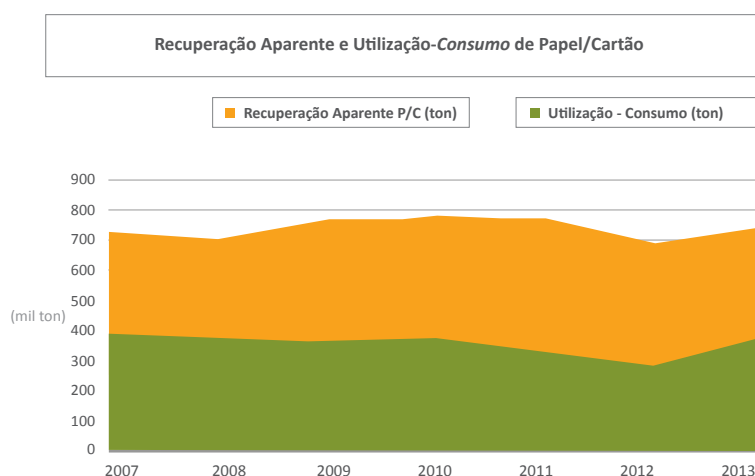


Figura 3.1

Fonte: RECIPAC, CELPA, INE



Taxa de Recuperação, Utilização e Reciclagem de Papel/Cartão

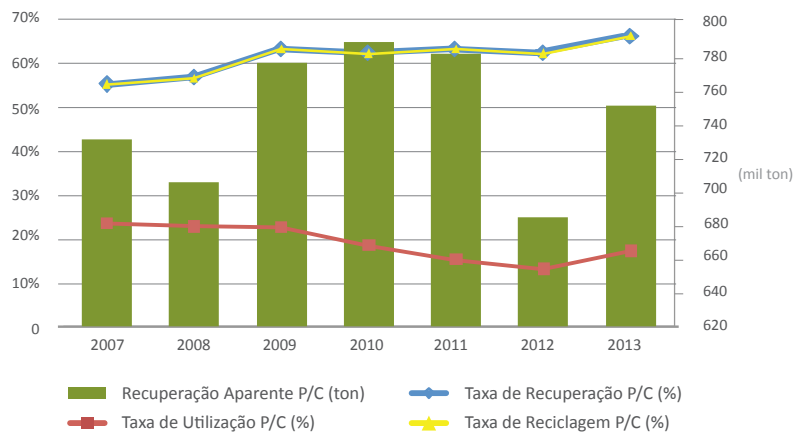


Figura 3.2

Fonte: RECIPAC, CELPA, INE

Taxa de Recuperação, Utilização e Reciclagem de Embalagem de Papel/Cartão

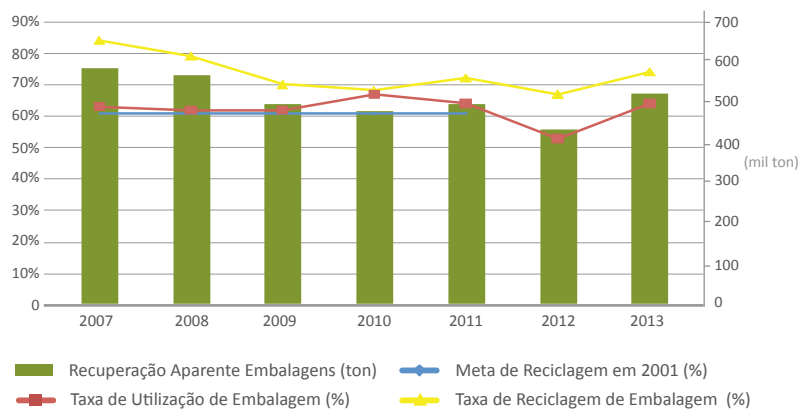


Figura 3.3

Fonte: Estimativa RECIPAC, CELPA, INE e SPV

04

INDICADORES DE PRODUÇÃO » INDÚSTRIA DE PASTA

A aquisição de madeira aumentou 8,2%.

As importações representaram 29,7% da madeira adquirida em 2013.

O consumo de matérias-primas florestais aumentou 6,5%.

Os stocks de matéria-prima baixaram 20,2% face a 2012.





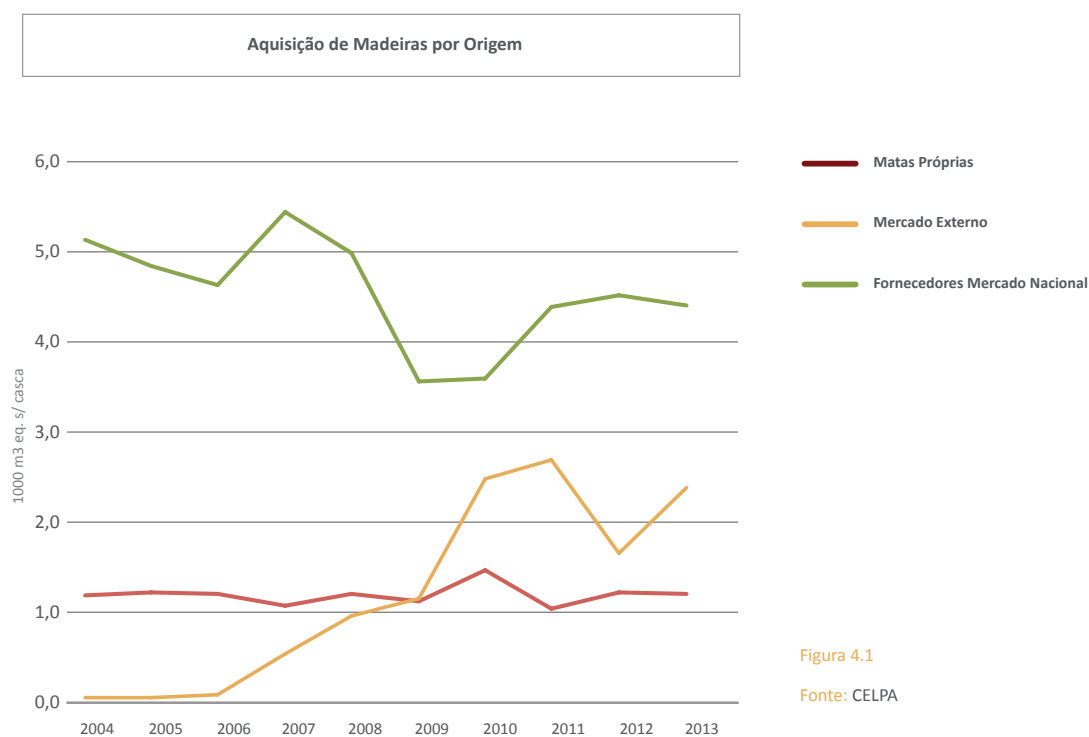
Nota: Os valores referentes ao ano de 2012 são revistos.

4.1 Aquisição, Consumo e Stocks de Madeira

Aquisição de Madeiras por Tipo e Origem, (Un.1000 m³ eq. s/ casca)												
	Produto	Origem	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Eucalipto	Aparas	Fornecedores Mercado Nacional	0,5	0,4	0,4	0,3	0,0	0,0	16,2	0,1	0,2	0,1
		Mercado Externo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	403,7	919,5	671,7	381,0	467,8
	Rolaria de Eucalipto	Matas Próprias	496,4	603,8	642,2	711,7	655,9	704,3	1.318,1	837,4	1.039,5	891,2
		Mercado Externo	0,0	0,0	0,0	18,5	223,7	159,7	259,1	410,8	199,5	150,6
	Com Casca	Fornecedores Mercado Nacional	2.430,1	2.226,3	1.947,7	2.675,4	3.143,6	1.925,9	2.395,5	2.998,8	3.262,8	3.314,5
Pinho	Rolaria de Eucalipto	Matas Próprias	672,3	598,5	537,3	339,5	528,3	398,6	110,8	126,4	153,3	295,4
		Mercado Externo	0,0	0,1	45,7	478,5	654,1	467,3	990,3	1.319,5	993,2	1.705,4
	Sem Casca	Fornecedores Mercado Nacional	1.703,8	1.550,9	1.631,1	1.599,6	1.176,0	1.195,9	621,0	664,6	723,0	649,3
	Total Eucalipto		5.303,1	4.979,9	4.804,3	5.823,6	6.381,5	5.255,5	6.630,6	7.029,4	6.752,5	7.474,4
Pinho	Aparas	Mercado Externo	0,0	21,9	0,0	0,0	55,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
		Fornecedores Mercado Nacional	578,8	690,1	708,4	736,1	344,4	235,5	189,3	224,5	171,2	0,0
	Rolaria de Pinho	Matas Próprias	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	25,6	59,3	0,7	0,0
		Mercado Externo	19,0	10,1	0,0	12,4	2,6	94,2	303,4	297,6	72,1	49,7
	Com Casca	Fornecedores Mercado Nacional	378,4	306,4	338,6	410,1	362,0	225,1	398,8	531,6	389,9	471,7
Pinho	Rolaria de Pinho	Matas Próprias	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
		Mercado Externo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Sem Casca	Fornecedores Mercado Nacional	83,0	114,2	46,6	75,5	9,3	6,1	1,6	0,4	0,3	0,2
	Total Pinho		1.059,2	1.142,7	1.093,6	1.234,1	773,3	560,9	918,6	1.113,3	634,2	521,6
Total Madeira			6.362,3	6.122,6	5.897,8	7.057,8	7.154,8	5.816,5	7.549,2	8.142,7	7.386,7	7.996,0

Tabela 4.1

Fonte: Universo CELPA

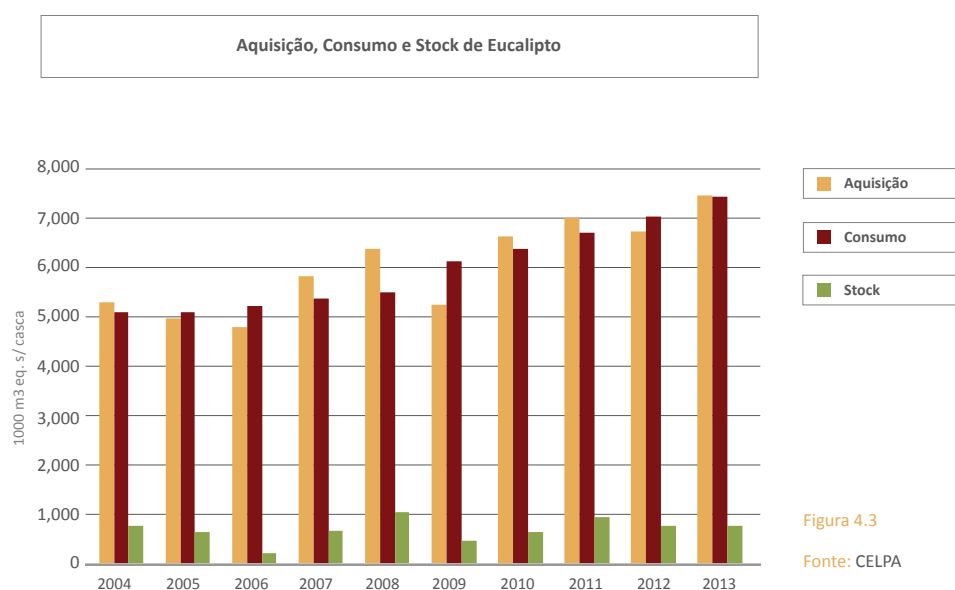


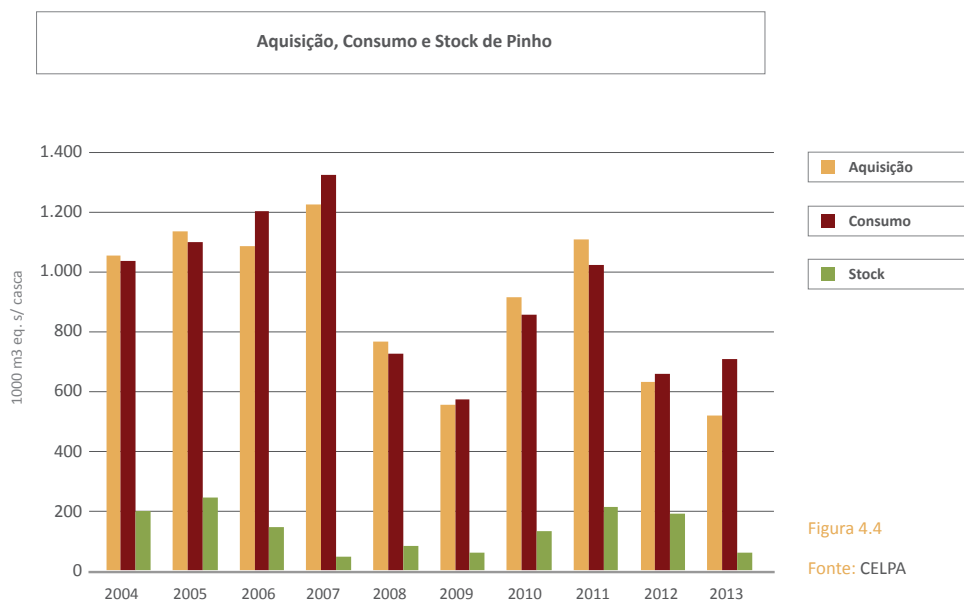


Aquisição, Consumo e Stock de Madeiras, (Un.1000 m ³ eq. s/ casca)											
Madeira		2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Eucalypto	Aquisição	5.303	4.980	4.804	5.824	6.382	5.256	6.631	7.029	6.753	7.474
	Consumo	5.098	5.099	5.240	5.375	5.503	6.145	6.400	6.728	7.046	7.498
	Stock	779	652	222	659	1.045	475	643	956	772	709
Pinho	Aquisição	1.059	1.143	1.094	1.234	773	561	919	1.113	634	522
	Consumo	1.043	1.106	1.212	1.333	731	577	863	1.030	664	713
	Stock	204	246	149	50	84	61	135	214	192	61
Total	Aquisição	6.362	6.123	5.898	7.058	7.155	5.816	7.549	8.143	7.387	7.996
	Consumo	6.140	6.205	6.452	6.708	6.233	6.722	7.264	7.758	7.710	8.211
	Stock	983	898	371	709	1.129	536	778	1.170	964	770

Tabela 4.2

Fonte: CELPA





4.2 Consumo de Papel para Reciclar

O consumo de papel para reciclar aumentou 31,7%.

Evolução do Consumo de Papéis para Reciclar (Un. 1.000 ton)							
Designação	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Não Escolhidos	73 19%	63 17%	41 11%	49 13%	46 14%	69 25%	71 19%
Papéis para Cartão Canelado	243 64%	247 65%	258 71%	262 70%	232 69%	161 57%	230 62%
Papéis para Destintagem	0 0%	0 0%	0 0%	0 0	0 0	1 0%	6 2%
Todos os Outros Tipos de Papéis	66 17%	68 18%	64 18%	61 16%	56 17%	51 18%	63 17%
Total	382,0	377,9	362,8	373,2	333,5	281,8	371,2

Tabela 4.3

Fonte: CELPA e RECI-PAC

4.3 Produção de Pastas de Fibra Virgem

A produção nacional de pastas de fibra virgem aumentou 1,9%.

Em 2013, a produção nacional de pastas de fibra virgem fixou-se em 2.536,6 mil toneladas, mais 1,9% do que no ano anterior, resultante da subida de 1,8% na pasta de eucalipto e de 3,2% na pasta de pinho.



Produção Total de Pastas Virgens											
		2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Eucalipto	Produção Integrar	692,5	711,7	747,1	743,6	756,4	840,5	965,1	1.170,6	1.120,2	1.163,4
	Produção Mercado	1.024,8	1.045,0	1.040,9	1.065,3	1.076,8	1.191,0	1.073,9	1.048,0	1.204,3	1.203,8
	Produção Total	1.717,3	1.756,8	1.788,0	1.808,9	1.833,2	2.031,5	2.038,9	2.218,6	2.324,5	2.367,1
Pinho	Produção Integrar	165,0	147,5	167,9	171,5	178,4	150,5	162,6	150,0	164,3	169,5
	Produção Mercado	64,1	86,0	108,3	111,8	10,1	0,0	61,9	81,0	0,0	0,0
	Produção Total	229,1	233,5	276,1	283,3	188,5	150,5	224,5	231,0	164,3	169,5
Total	Produção Integrar	857,5	859,2	915,0	915,1	934,9	991,0	1.127,6	1.320,6	1.284,4	1.332,9
	Produção Mercado	1.088,9	1.131,1	1.149,1	1.177,1	1.086,9	1.191,0	1.135,8	1.129,0	1.204,3	1.203,8
	Produção Total	1.946,4	1.990,3	2.064,1	2.092,2	2.021,8	2.182,0	2.263,4	2.449,6	2.488,7	2.536,6

Tabela 4.4

Fonte: CELPA

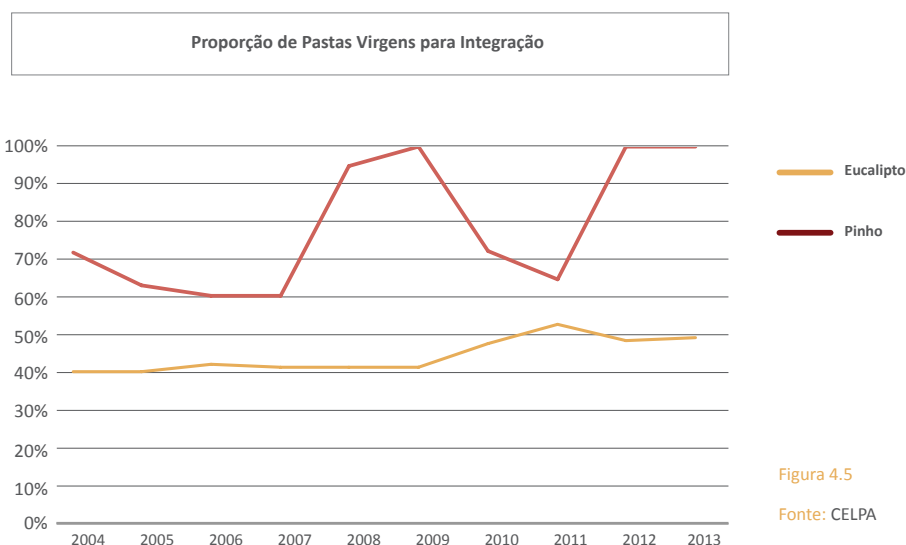


Figura 4.5

Fonte: CELPA

Em 2013, verificou-se um aumento de 2,0 pontos percentuais, para os 49%, na quantidade de pasta de eucalipto produzida para posterior integração em papel, continuando a pasta de pinho a ser totalmente integrada.

4.4 Produção de Pastas de Fibra Recuperada

A produção de pastas a partir de papel para reciclar aumentou 20,0%.

Em 2013, a produção nacional de pastas para papel a partir de papel para reciclar aumentou 20,0% face ao ano anterior, tendo-se fixado em 309,2 mil toneladas.



Produção de Pastas de Papel para Reciclar por tipo (Un. 1.000 ton)										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013		
	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Produção Total	Para Mercado	Para Integrar
Destintadas	35,1	34,2	46,1	45,2	41,3	78,2	34,3	41,2	0,0	41,2
Não Destintadas	314,2	315,3	281,8	269,6	284,5	241,8	223,5	268,0	0,0	268,0
Total	349,3	349,4	327,9	314,8	325,8	320,0	257,7	309,2	0,0	309,2

Tabela 4.5

Fonte: CELPA e RECIPAC

4.5 Produção Própria Para Integrar

Em 2013, a produção própria de pastas para integrar em papel aumentou 6,5% no global.

Produção de Pastas para integração em Papel (Un.1000 ton)								
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Pastas de Fibra Virgem	915,0	915,1	934,8	991,0	1.127,6	1.320,6	1.284,4	1.332,9
Pastas de Papel para reciclar	349,3	349,4	327,9	314,8	325,8	320,0	257,7	309,2
Total	1.264,3	1.264,5	1.262,7	1.305,8	1.453,4	1.640,6	1.542,2	1.642,1

Tabela 4.6

Fonte: CELPA e RECIPAC

05

INDICADORES DE PRODUÇÃO » INDÚSTRIA DE PAPEL E DE CARTÃO

O consumo de pastas para papel aumentou 3,4%.

A produção total de papel e cartão aumentou 2,7%.

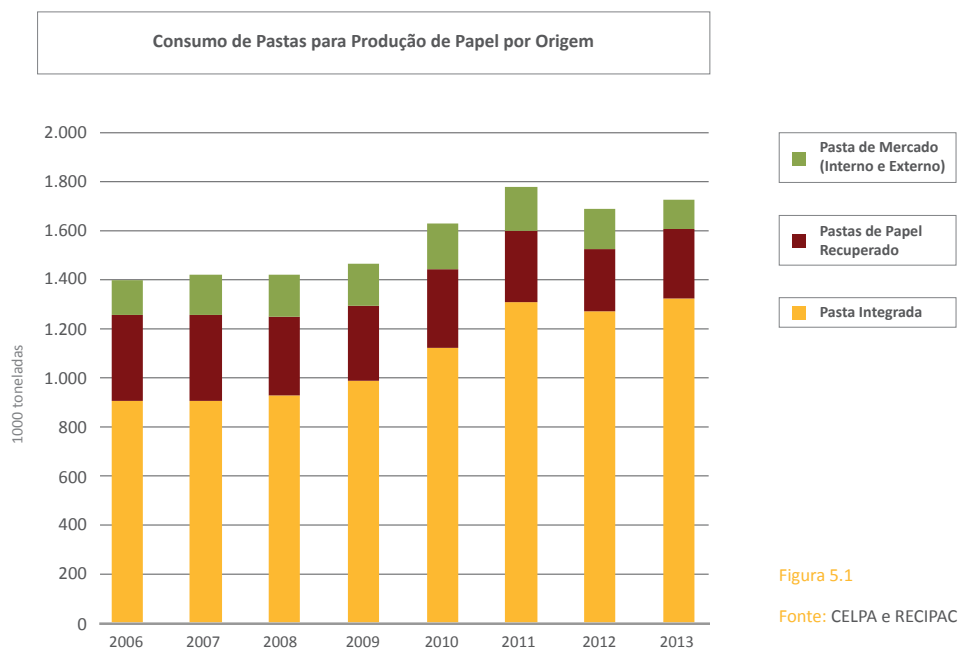




Nota: Os valores referentes ao ano de 2012 são revistos.

5.1 Consumo de Pastas para Papel

O consumo de pastas para produção de papel cifrou-se, em 2013, em 1.762,8 mil toneladas, mais 3,4% do que no ano anterior.



Consumo de Pastas para Produção de Papel por Origem (Un. 1000 ton)								
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Pasta Integrada	915,0	915,1	934,8	991,0	1.127,6	1.320,6	1.284,4	1.332,9
Pasta de Mercado (Interno e Externo)	144,4	169,0	173,6	175,6	193,7	175,3	163,4	120,7
Pastas de Papel Recuperado	349,3	349,4	327,9	314,8	325,8	296,3	257,7	309,2
Consumo	1.408,6	1.433,5	1.436,3	1.481,4	1.647,1	1.792,2	1.705,6	1.762,8

Tabela 5.1

Fonte: CELPA e RECI-PAC

5.2 Produção de Papel e Cartão

A produção total de papel e cartão aumentou 2,7%.
A produção de papéis de impressão e escrita aumentou 0,4%.
A produção de coberturas para cartão canelado diminuiu 0,4%.
A produção de papéis de uso doméstico e sanitário aumentou 9,3%

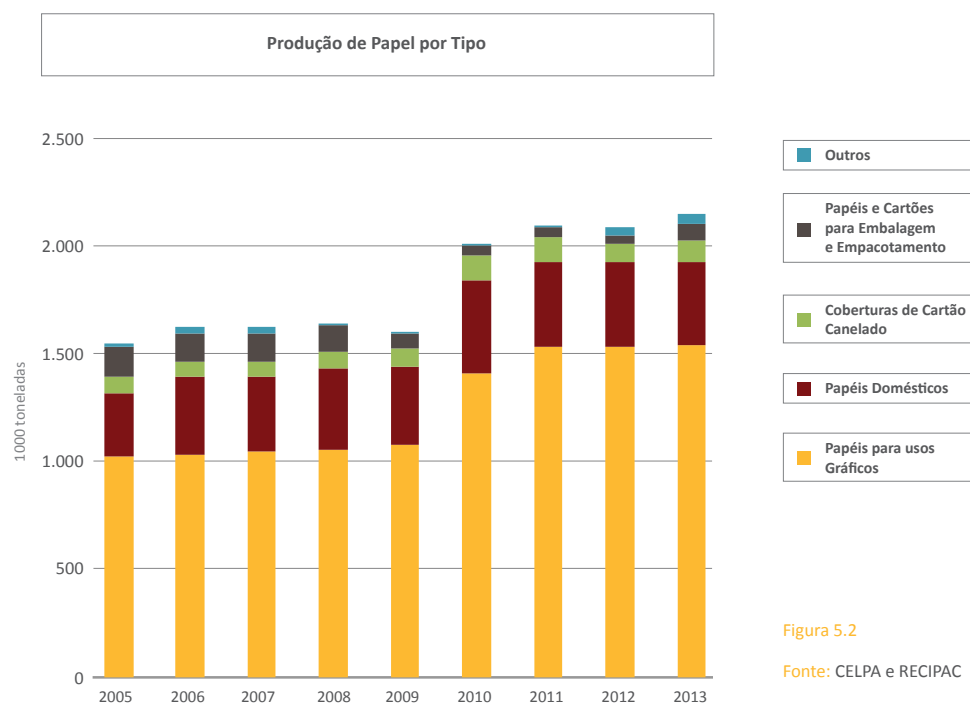
A produção total de papel e cartão, em 2013, foi de 2.176,5 mil toneladas, representando um acréscimo de 2,7%, relativamente a 2012.



Evolução da Produção de Papel por Tipos (Un.1000 ton)												
			2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Variação	
Papéis para usos gráficos	Papel e Cartão não revestido (UWF)	Papel não couché sem pasta mecânica	1.044,9	1.056,1	1.064,2	1.088,3	1.430,6	1.551,7	1.553,0	1.559,8	0,4%	
			63,6%	64,2%	64,0%	67,2%	70,3%	72,9%	73,3%	71,7%		
		Total	1.044,9	1.056,1	1.064,2	1.088,3	1.430,6	1.551,7	1.553,0	1.559,8	0,4%	
			63,6%	64,2%	64,0%	67,2%	70,3%	72,9%	73,3%	71,7%		
Papéis Domésticos	Papéis Sanitários e de Usos Domésticos	Total	74,9	72,3	72,6	89,0	117,4	111,9	92,8	100,5	9,3%	
			4,6%	4,4%	4,4%	5,5%	5,8%	5,3%	4,3%	4,6%		
Coberturas de Cartão Canelado	Case Materials	Kraftliner	292,3	276,3	311,9	309,1	349,0	319,7	331,2	363,9	9,8%	
			17,8%	16,8%	18,8%	19,1%	17,1%	15,0%	15,6%	16,7%		
		Fluting semi-químico	14,7	44,4	42,3	27,2	54,6	54,1	54,4	25,2	-53,7%	
			0,9%	2,7%	2,5%	1,7%	2,7%	2,5%	2,6%	1,2%		
		Testliner e outros	56,3	35,9	36,0	31,8	28,7	28,5	9,5	4,8	-49,3%	
			3,4%	2,2%	2,2%	2,0%	1,4%	1,3%	0,4%	0,2%		
		Total	363,3	356,6	390,2	368,1	432,3	402,2	395,4	393,9	-0,4%	
			22,1%	21,7%	23,5%	22,7%	21,2%	18,9%	18,6%	18,1%		
Papéis e cartões para embalagem e empacotamento	Wrappings < 150 gr	Kraft Sacos	64,3	62,7	52,8	0,8	0,5	1,2	0,5	0,6	9,5%	
			3,9%	3,8%	3,2%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%		
		Outros papéis Kraft	13,5	1,4	1,6	1,0	5,2	0,0	0,5	0,0	-	
			0,8%	0,1%	0,1%	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%		
		Papel Sulfito de Embalagem	7,6	0,2	0,2	0,2	0,0	0,0	0,2	0,0	-	
			0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%		
		Papel Vegetal, Cristal e suas imitações	0,8	0,9	1,0	0,7	0,0	0,0	1,0	1,0	-	
			0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%		
		Outros Wrappings	3,7	3,4	11,9	8,5	10,9	8,7	0,1	1,8	1328,6%	
			0,2%	0,2%	0,7%	0,5%	0,5%	0,4%	0,0%	0,1%		
		Total	89,9	68,6	67,4	11,2	16,6	9,9	2,3	2,4	3,4%	
			5,5%	4,2%	4,1%	0,7%	0,8%	0,5%	0,1%	0,1%		
	Cartonboard	Cartolinas multiplex e outros cartões	34,7	32,6	33,1	33,1	35,3	35,3	35,3	35,3	0,3%	
			2,1%	2,0%	2,0%	2,0%	1,7%	1,7%	1,7%	1,6%		
	Outros Papéis e Cartões para Empacotamento	Outros cartões pesando mais de 150 gr/m2	5,8	32,2	30,6	27,8	1,7	1,7	2,5	42,0	1.578,7%	
			0,4%	2,0%	1,8%	1,7%	0,1%	0,1%	0,1%	0,9%		
	Total		40,4	64,7	63,6	60,9	37,1	37,0	37,8	77,3	104,5%	
			2,5%	3,9%	3,8%	3,8%	1,8%	1,7%	1,8%	3,6%		
	Outros	Outros Papéis	Total	29,9	26,4	3,5	2,2	1,9	15,1	39,6	39,5	-0,3%
				1,8%	1,6%	0,2%	0,1%	0,1%	0,7%	1,9%	2,0%	
Total			1.643,4	1.643,8	1.661,6	1.619,7	2.035,9	2.127,8	2.120,1	2.176,5	2,7%	
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%		

Tabela 5.2

Fonte: CELPA e RECIPAC



Em 2013, os Papéis para Uso Gráfico representaram 71,7% da produção nacional de papel, as Coberturas de Cartão Canelado representaram 18,1% e os Papéis Domésticos 4,6%.



INDICADORES DE COMÉRCIO

A quantidade de pasta vendida aumentou 8,6%.

As exportações de pasta para papel aumentaram 8,0%, bem como as vendas no mercado nacional 17,2%.

O mercado comunitário absorveu 85,8% das exportações nacionais de pasta.





Nota: Os valores referentes ao ano de 2012 são revistos.

6.1 Pastas para Papel

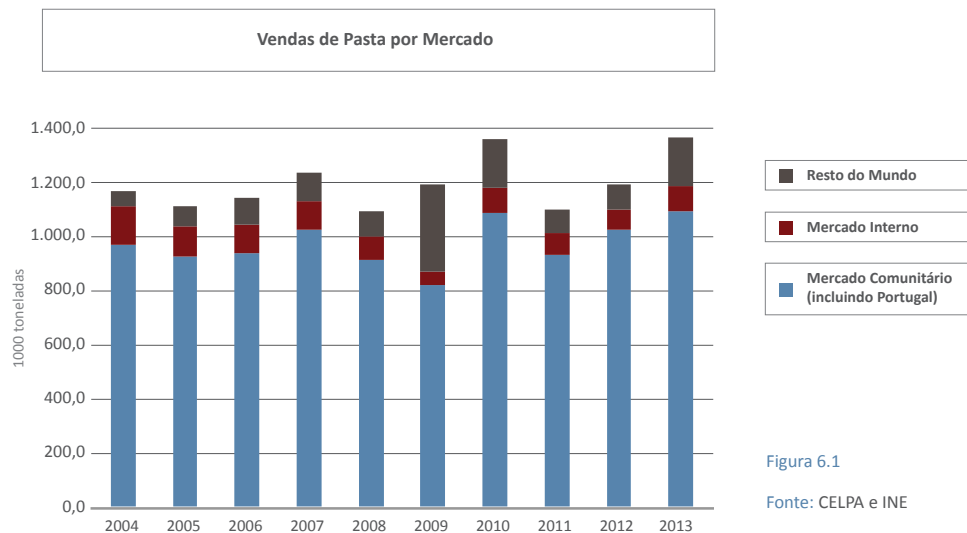


Figura 6.1

Fonte: CELPA e INE

Venda de Pasta (Un.1000 ton)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Mercado Comunitário (incluindo Portugal)	951	913	922	1.008	898	809	1.072	915	1.006	1.078
Mercado Interno	142	106	106	104	83	50	90	81	74,7	87,5
Resto do Mundo	58	72	97	106	95	315	177	86,5	90,5	178,4
Total de Vendas	1.151	1.113	1.125	1.114	993	1.173	1.249	1.164	1.157	1.257
Total de Exportações	1.009	1.007	1.019	1.010	911	1.123	1.158	1.082,7	1.082,2	1.169,1

Tabela 6.1

Fonte: CELPA e INE

Em 2013, as vendas para mercado aumentaram 8,6% face a 2012.

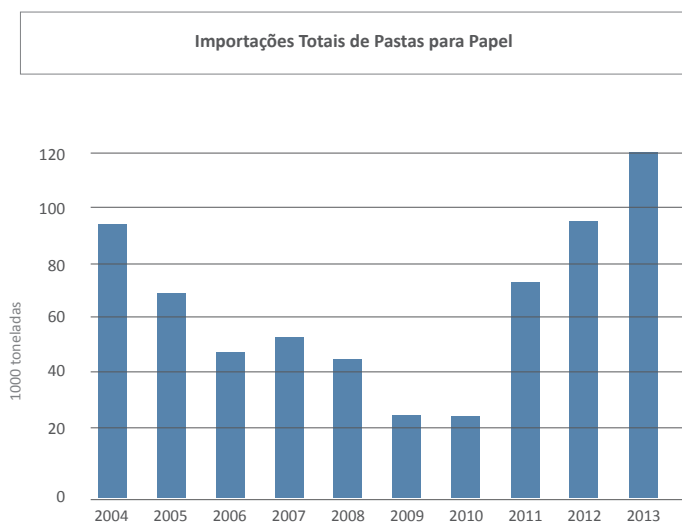


Figura 6.2

Fonte: INE



Importações de Pastas para Papel por Tipo (Un.1000 ton)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Pastas Mecânicas	3,4	1,3	3,7	0,3	0,3	0,2	0,3	1,3	0,4	0,8
Pastas Químicas para Dissolução	4,7	0,0	0,0	0,0	11,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pasta de Pinho Branqueada ao Sulfato	81,2	63,2	15,5	15,3	25,3	13,2	11,7	59,5	76,6	85,0
Pasta de Pinho Crua ao Sulfato	0,0	4,7	4,5	6,6	4,8	4,4	6,0	5,5	6,2	5,8
Pasta de Eucalipto Branqueada ao Sulfato	8,6	5,3	0,3	7,5	7,3	11,9	11,3	11,6	15,4	26,1
Pasta de Pinho Branqueada ao Sulfito	1,1	0,3	0,4	0,3	0,3	0,4	0,5	0,5	0,4	0,5
Pasta de Eucalipto Branqueada ao Sulfito	0,5	0,2	8,0	0,4	0,9	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1
Outras	0,0	0,0	21,0	28,2	0,0	0,0	0,1	0,1	1,7	6,7
Total	99,4	75,0	53,4	58,6	50,8	30,4	30,0	78,7	100,7	125,0

Tabela 6.2

Fonte: INE

Desde 2010, verifica-se uma tendência de aumento da importação de pastas, sobretudo de pasta de pinho branqueada ao sulfato.

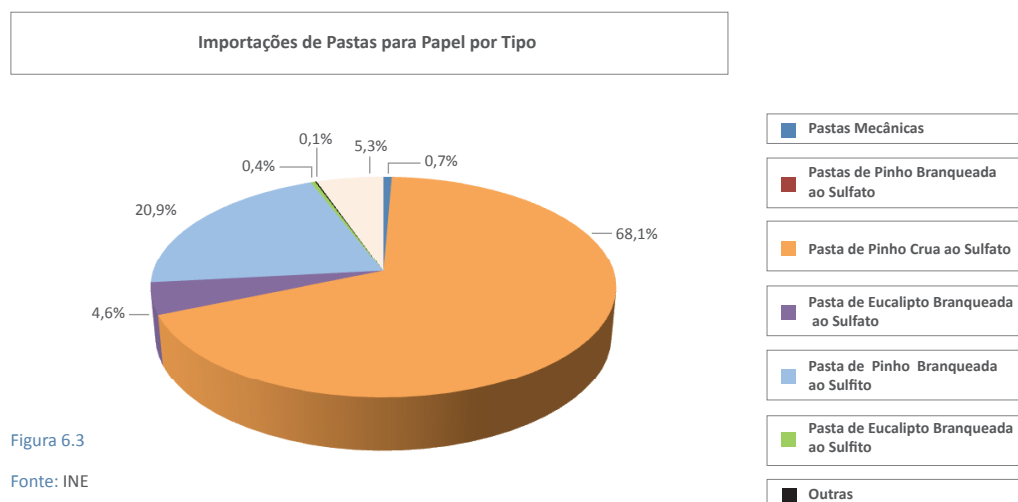


Figura 6.3

Fonte: INE

6.2 Papel para Reciclar

**O volume de exportações de papel para reciclar diminuiu 7,4%.
As importações de papel para reciclar aumentaram 49,0%.**

A exportação de papel para reciclar diminuiu 7,4% face ao ano anterior, graças à quebra de vendas para o Resto do Mundo. O principal destino destas exportações continua a ser Espanha, que recebeu 79,9% do volume total exportado.

Exportações de Papel para Reciclar (Un.1000 ton)						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Mercado Comunitário	283,2	321,6	347,0	366,8	358,2	386,0
Espanha	281,8	261,8	312,2	315,9	314,2	320,3
Resto do Mundo	50,5	100,2	83,3	93,3	74,5	14,7
Total	333,7	421,7	430,3	460,1	432,7	400,7

Tabela 6.3

Fonte: INE



A importação de papel para reciclar aumentou, em 2013, 49,0% face ao ano anterior, com incrementos em todos os mercados.

Importações de Papel para Reciclar (Un.1000 ton)						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Mercado Comunitário	5,3	10,1	17,0	12,8	12,9	19,5
Espanha	2,6	9,9	17,0	12,6	12,8	18,2
Resto do Mundo	1,8	0,1	0,3	1,5	2,5	3,6
Total	7,2	10,2	17,3	14,3	15,4	23,0

Tabela 6.4

Fonte: INE

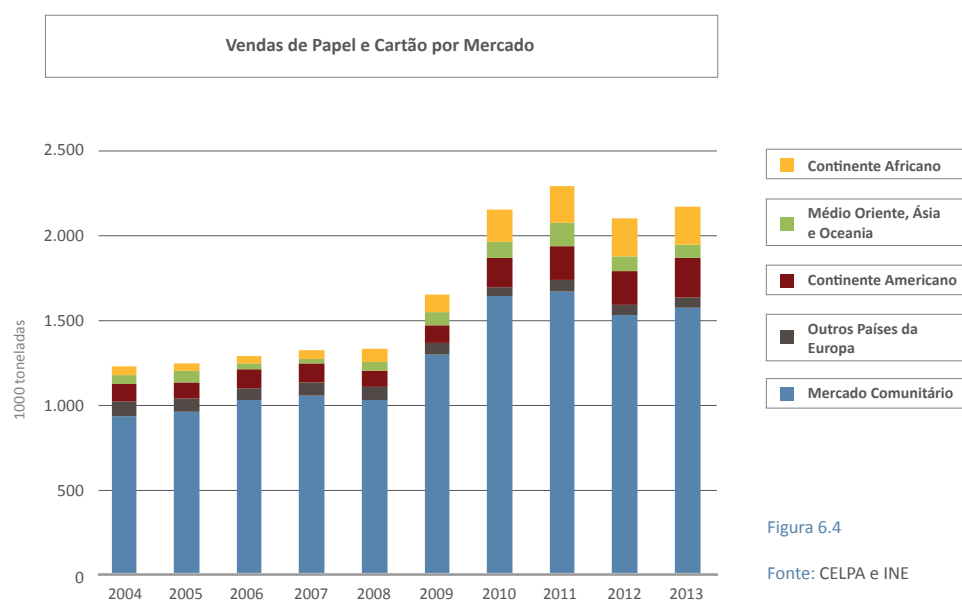
6.3 Papel e Cartão

A quantidade de papel e cartão vendida aumentou 3,5%.

As exportações de papel e cartão aumentaram 3,4%, e as vendas no mercado nacional aumentaram 4,4%.

A União Europeia absorveu 72,3% das exportações nacionais de papel e cartão.

As importações de papel e cartão desceram 7,1%.



Os principais consumidores do papel e cartão produzido em Portugal são também europeus: Espanha (19,4%), Alemanha (12,6%), Portugal (11,6%), França (10,7%) e Itália (7,8%).



Evolução das Vendas de Papel e Cartão (Un.1000 ton)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Mercado Comunitário dos quais Portugal	937	961	1.029	1.058	1.036	1.298	1.651	1.678	1.532	1.577
	357	349	326	294	280	240	269	349	243	253
Outros Países da Europa	83	77	70	78	76	69	53	69	64	63
Continente Americano	107	99	112	111	98	105	169	195	197	231
Médio Oriente, Ásia e Oceânia	56	68	37	28	47	81	97	141	94	82
Continente Africano	52	49	41	55	78	101	189	217	221	228
Total de Exportações	1.234	1.253	1.290	1.330	1.335	1.414	1.890	1.951	1.864	1.927
Total de Vendas	1.592	1.603	1.616	1.624	1.615	1.654	2.159	2.300	2.107	2.181

Tabela 6.5

Fonte: CELPA, RECIPAC e INE

Houve um aumento nas exportações de papel no Mercado Doméstico e Comunitário, América e África que compensaram a diminuição nos outros países da Europa e no Médio Oriente, Ásia e Oceânia.

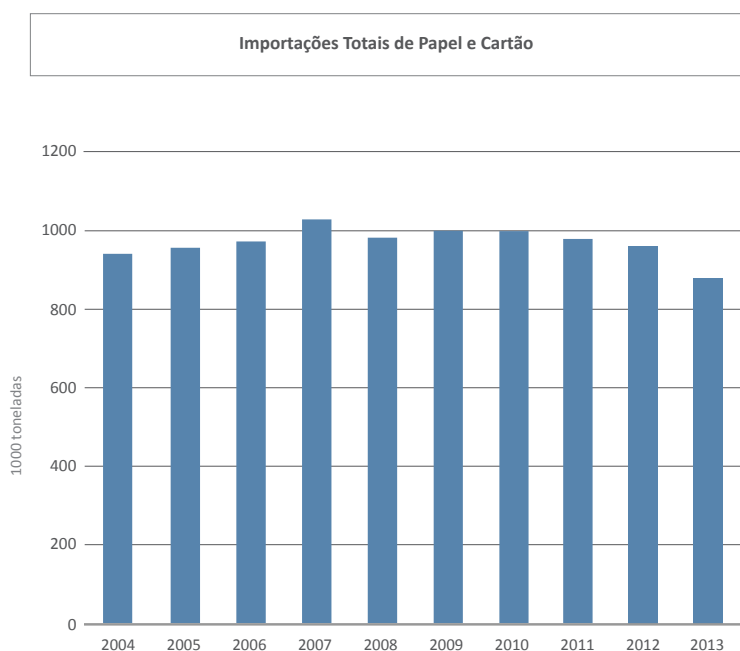


Figura 6.5

Fonte: INE

As importações de papel e cartão diminuíram 7,1% em 2013. Tal como em anos anteriores, os tipos de papel e cartão mais importados correspondem a produtos onde a capacidade de produção nacional é inexistente ou claramente inferior às necessidades.



Importações de Papel e Cartão (Un.1000 ton)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Papel de Jornal	104,9	91,2	86,4	113,3	100,2	90,1	74,8	66,3	56,2	55,8
Papel e Cartão de Escrita e Impressão não Revestido, com Pasta Mecânica	4,6	4,9	2,9	27,6	29,1	26,6	24,0	20,6	16,5	22,9
Papel e Cartão de Escrita e Impressão não Revestido, sem Pasta Mecânica	24,1	24,1	24,7	67,1	49,4	48,4	42,5	40,2	43,6	35,8
Papéis e Cartão revestido para Usos Gráficos, com Pasta Mecânica	93,2	88,2	79,2	94,0	98,3	80,4	86,6	77,4	73,3	69,2
Papéis e Cartão Revestido para Usos Gráficos, sem Pasta Mecânica	106,0	102,6	97,8	100,7	97,1	85,9	82,3	81,2	81,8	77,0
Papéis de Usos Domésticos e Sanitários	64,9	78,5	81,0	90,5	82,4	88,3	85,4	77,5	82,5	79,6
Papéis para Embalagem de Produtos e Outros Cartões	318,5	314,8	310,3	234,0	242,2	263,8	263,5	268,6	269,0	296,2
Papel e Cartão Plano de Embalagem	39,3	38,5	39,3	107,2	98,9	94,1	110,8	112,4	121,5	121,5
Outros Papéis e Cartões para Embalagens	14,1	14,3	13,7	40,4	40,7	52,1	53,5	66,9	70,7	130,2
Outros Papéis e Cartões	7,3	7,2	9,4	16,9	18,7	34,9	36,9	37,6	30,4	71,8
Não Discriminados	162,6	187,7	225,4	139,9	120,7	133,0	135,6	130,7	106,1	37,5
Total	939,5	952,0	970,2	1.031,5	977,6	997,5	995,8	979,3	951,6	883,6

Tabela 6.6

Fonte: INE

Consumo Aparente de Papel e Cartão (mil ton)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
	1.211	1.301	1.310	1.326	1.258	1.237	1.265	1.156	1.104	1.133
variação	21,8%	7,4%	0,7%	1,2%	-5,1%	-1,6%	2,2%	-8,6%	-4,5%	2,6%

Tabela 6.7

Fonte: CELPA e INE

Consumo de Papel e Cartão <i>per capita</i>										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
População	10.484	10.503	10.522	10.543	10.558	10.568	10.573	10.558	10.515	10.457
Consumo	115	123	124	125	119	117	120	110	105	108

Tabela 6.8

Fonte: CELPA e INE



INDICADORES AMBIENTAIS

Melhorias ambientais significativas na generalidade dos parâmetros de qualidade do efluente líquido e gasoso:

- Quantidade de água consumida por tonelada produzida decresceu 2%
- Carga orgânica (por tonelada produzida) nos efluentes diminuiu 9%
- Emissões de gases acidificantes desceu 28%





Pretende-se com este capítulo dar continuidade ao esforço de recolha, sistematização e divulgação ao público de informação relevante do ponto de vista ambiental.

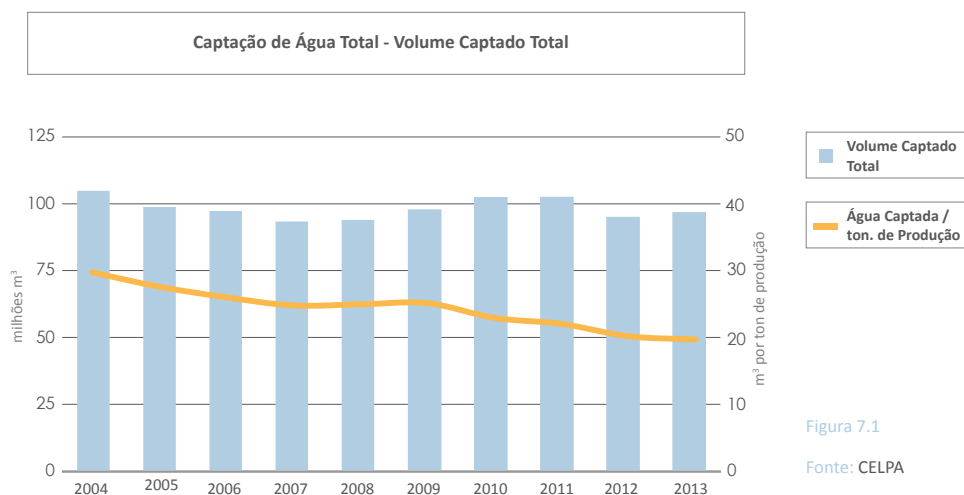
Informação ambiental adicional sobre cada uma das empresas associadas da CELPA pode ser encontrada consultando a base de dados E-PRTR (Registo de Emissões e Transferências de Poluentes) disponível em <http://prtr.ec.europa.eu/Home.aspx>

7.1 Captação e Consumo de Água

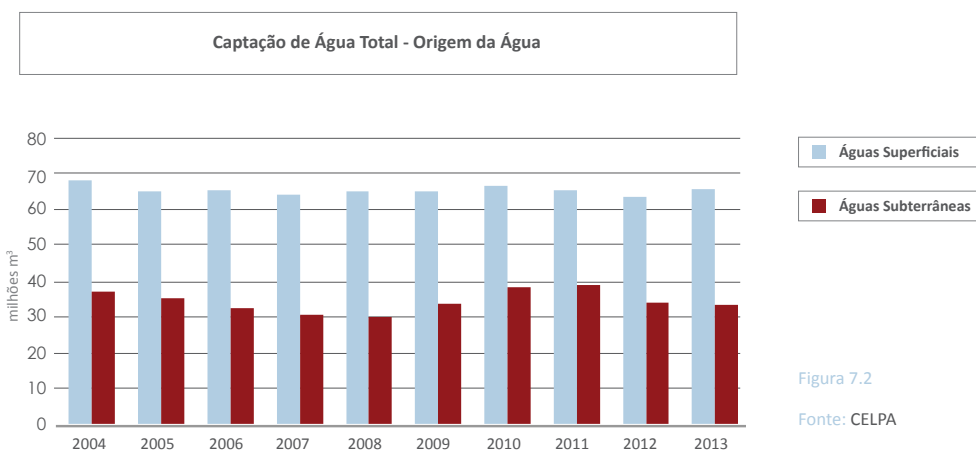
Consumo específico de água decresceu 2,3%.
Consumo total de água aumentou 1,7%.

A captação de água pela Indústria Papeleira tem conhecido um sucessivo e consistente decréscimo ao longo dos últimos anos. Em 2013, a captação de água total foi aproximadamente de 97,8 milhões de m³.

Estes resultados devem-se a um criterioso programa de investimentos que tem vindo a otimizar o uso deste recurso em cada fase do processo produtivo, traduzindo-se em melhorias significativas neste campo.



Apesar de não ser fácil obter reduções significativas, tendo em conta os elevados níveis de desempenho que se registam actualmente, a Indústria de Pasta e Papel portuguesa continua a apostar na melhoria contínua destes parâmetros.



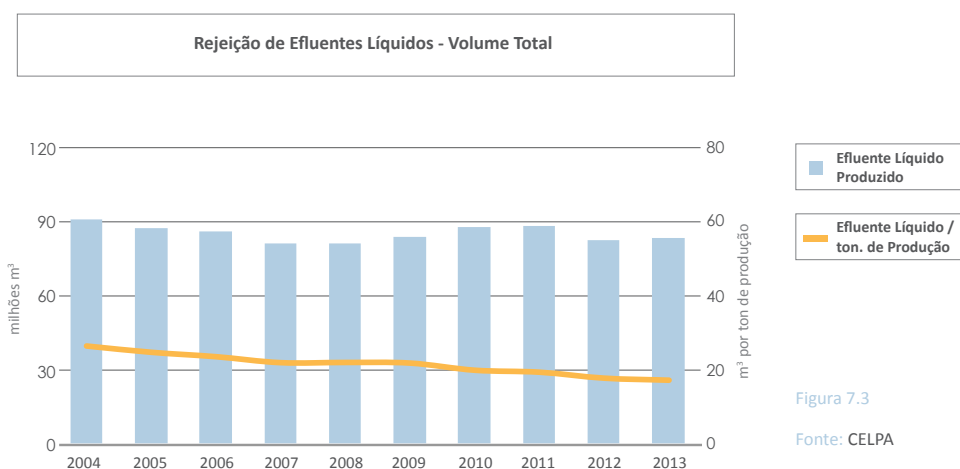


Em 2013, a água utilizada pela Indústria Papeleira, à semelhança de anos anteriores, teve origem principalmente em captações superficiais (rios e albufeiras) que representaram cerca de 66% do total de água captada.

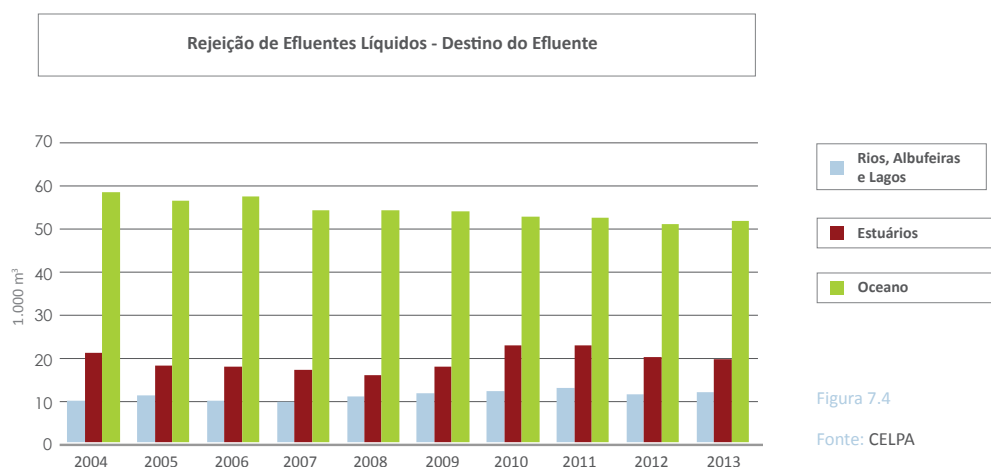
7.2 Efluentes Líquidos

- Quantidade de efluente específico reduziu 3,1%;
- Carga orgânica específica (medida como CQO) reduziu 9,3%;
- Carga de Azoto (específico) decresceu 11%;
- Carga de sólidos suspensos totais reduz 5,4%, por tonelada produzida.

Os resultados apresentados são o corolário dos constantes investimentos verificados nesta área. A modernização e a adopção das Melhores Técnicas Disponíveis para o sector, bem como o empenho das empresas associadas da CELPA na melhoria contínua do seu desempenho ambiental, permitem que se atinjam níveis bastante positivos.

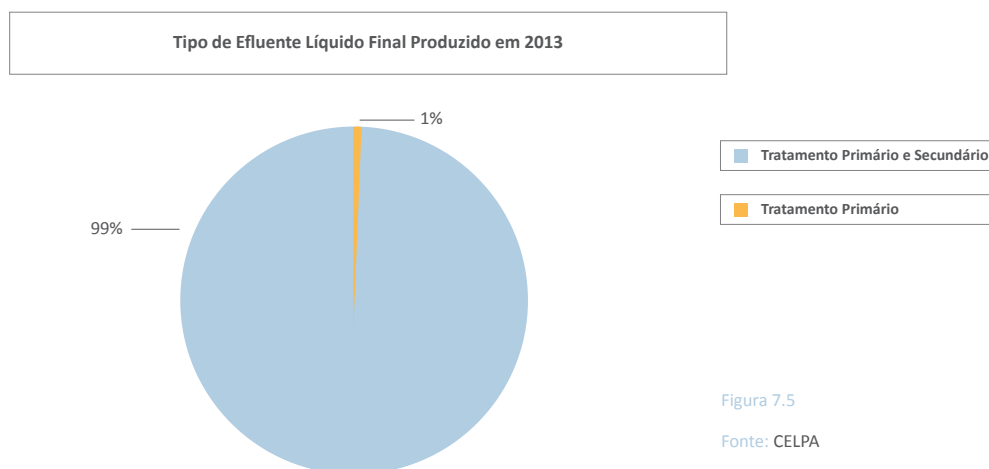


Sendo que a maioria dos associados da CELPA se concentra junto à costa e no Vale do Tejo, o destino dos efluentes reflecte essa mesma localização. Em 2013, 62% dos efluentes líquidos foram descarregados no oceano, 24% em estuários e 14% em rios e albufeiras. As descargas realizadas no oceano são efectuadas a uma distância considerável da linha de costa com recurso a emissários submarinos, reduzindo assim o impacto nos ecossistemas locais.

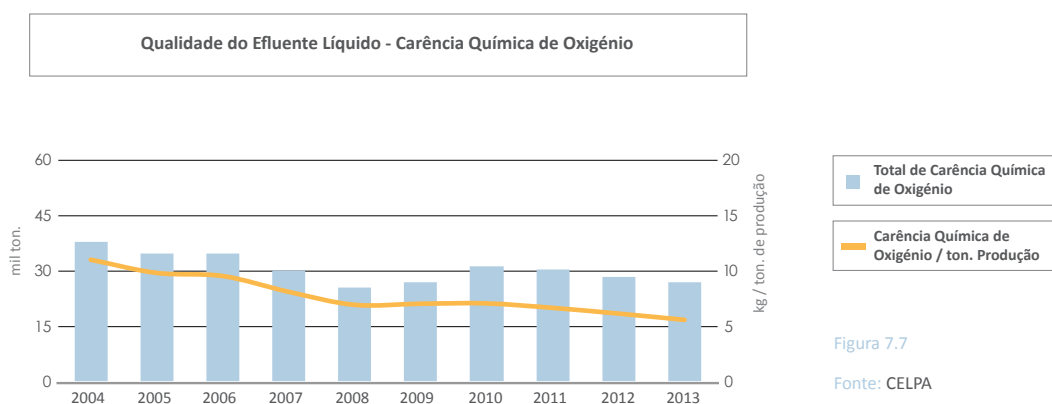
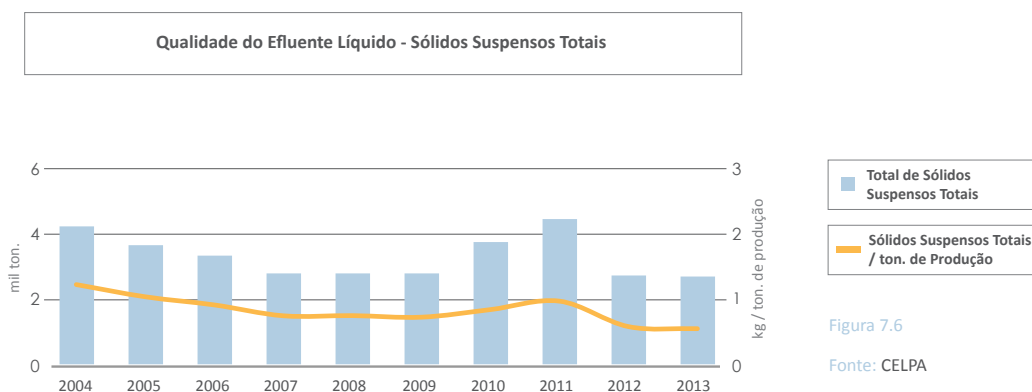


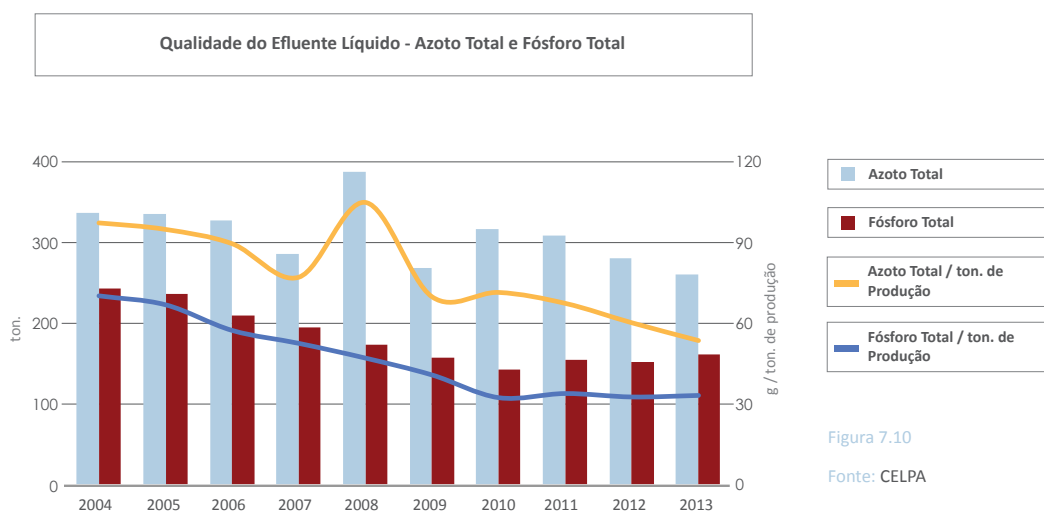
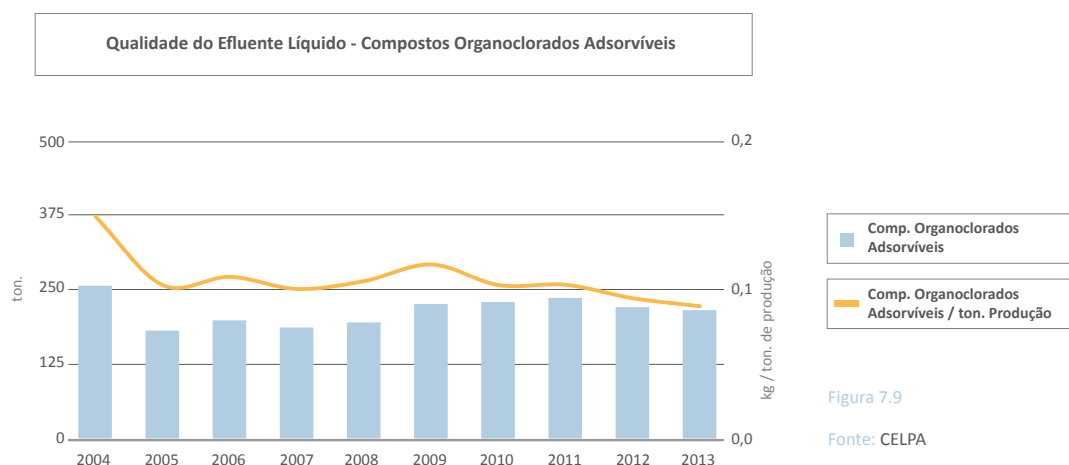
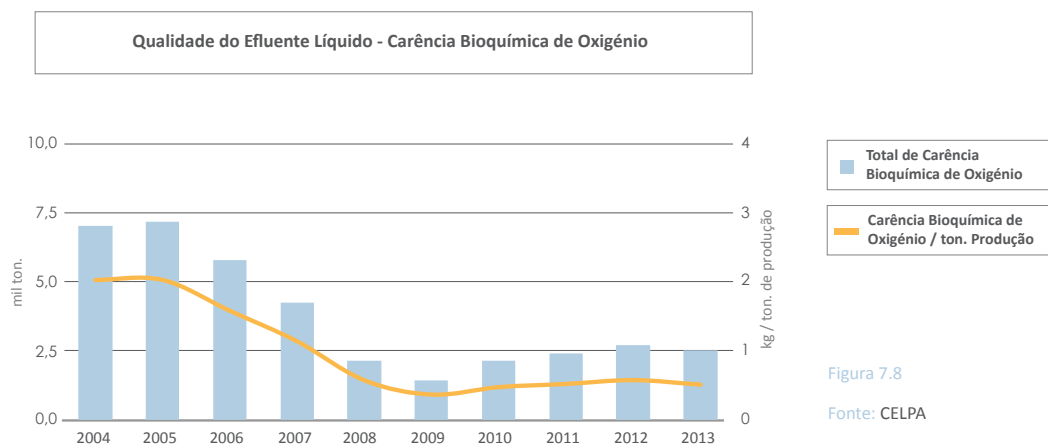


Todo o efluente líquido produzido é previamente tratado antes de ser libertado no meio receptor, traduzindo-se em 99% do efluente com tratamento primário seguido de um tratamento secundário (tratamento biológico).



A qualidade do efluente libertado registou, em 2013, grandes melhorias, com reduções, face a 2012, de 9% na Carga Orgânica (medida em Carência Química de Oxigénio), de 11% no teor de Azoto Total, 5% no teor de Sólidos Suspensos e 6% no teor de Compostos Halogenados, expressos por tonelada produzida.





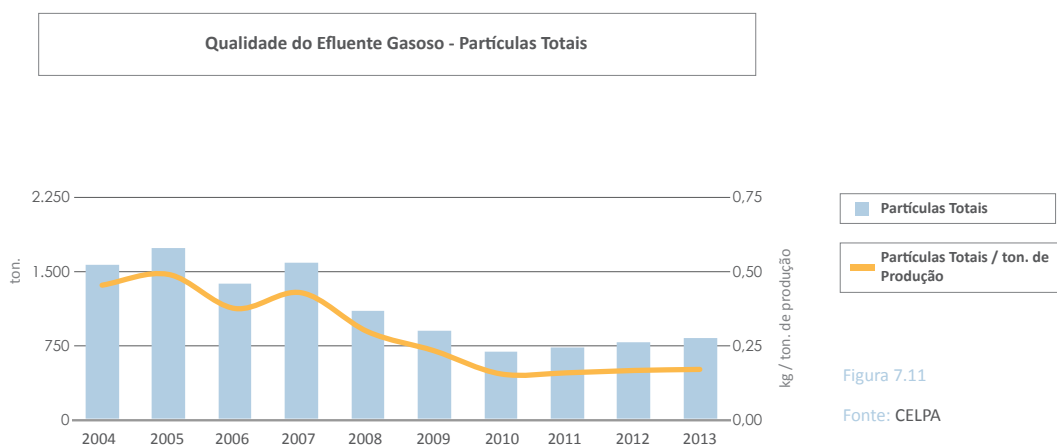


7.3 Emissões Gasosas

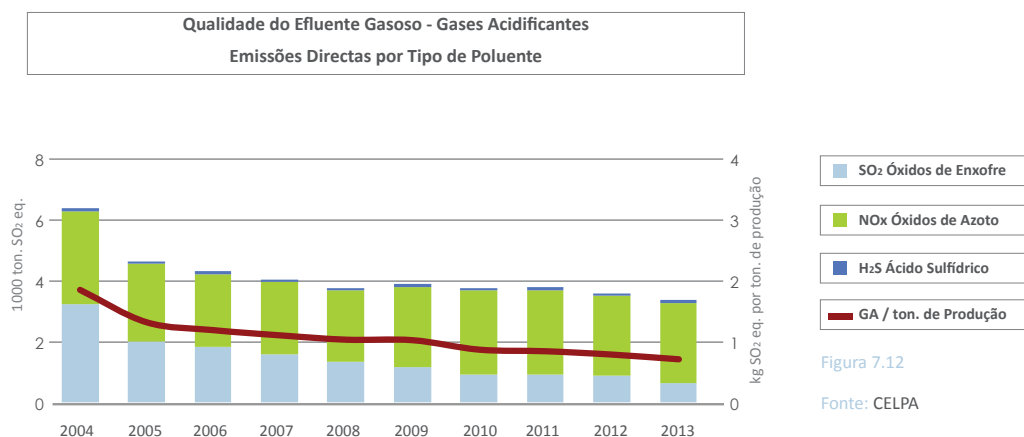
- Redução na emissão total de gases acidificantes em 28%;
- Redução de 2% na emissão de Gases com Efeito de Estufa por tonelada produzida.

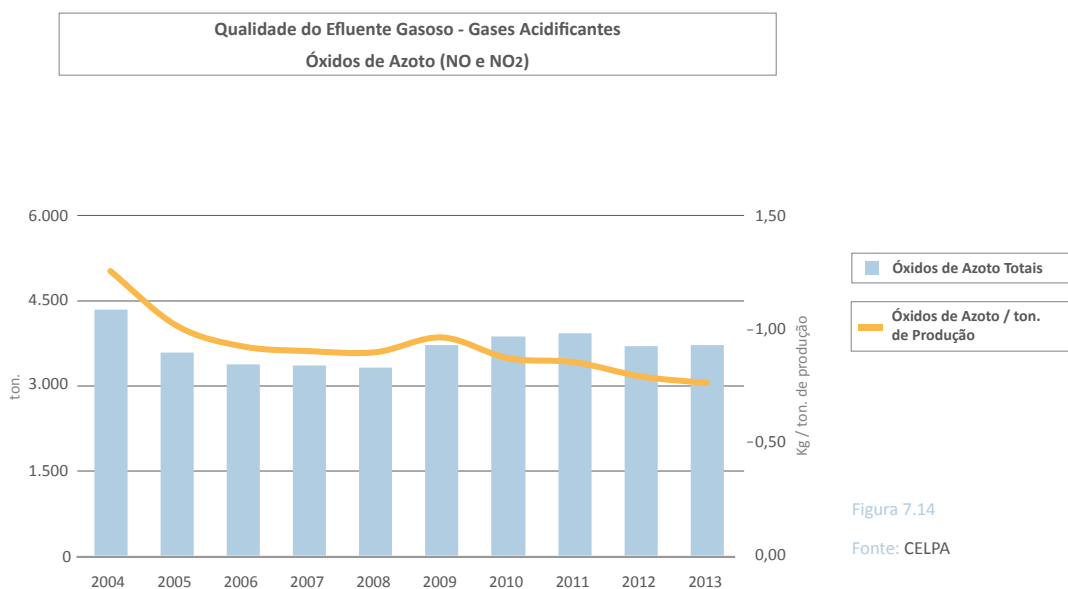
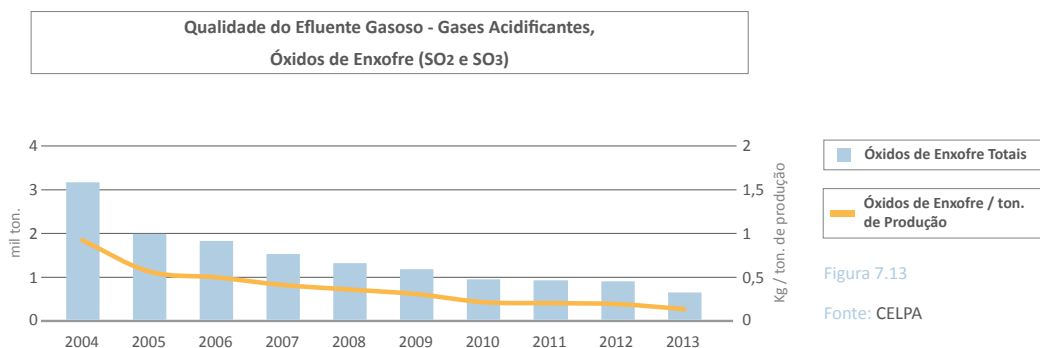
As principais fontes de emissões gasosas na Indústria Papeleira estão associadas à necessidade de produção de vapor e de electricidade, à recuperação dos químicos de processo e à produção de cal para o processo.

O indicador “partículas totais” reflecte a quantidade de partículas em suspensão no efluente gasoso. Em 2013, este parâmetro teve um aumento de 6% face aos valores de 2012.



Na emissão de gases acidificantes verificou-se, em 2013, uma redução global de 28% face a 2012. Esta redução global resulta de uma redução de 28% nos óxidos de enxofre libertados.





O processo de produção de pastas para papel tem inerente a libertação de gases mal odorosos. Esse facto resulta principalmente da emissão de compostos de enxofre reduzido. De referir que se trata de compostos para os quais o olfacto humano é particularmente sensível, podendo ser detectados com concentrações ínfimas no ar, da ordem de grandeza de partes por bilião. Embora seja impossível a sua completa eliminação, a indústria de pasta tem investido fortemente na redução das emissões deste tipo de gases.

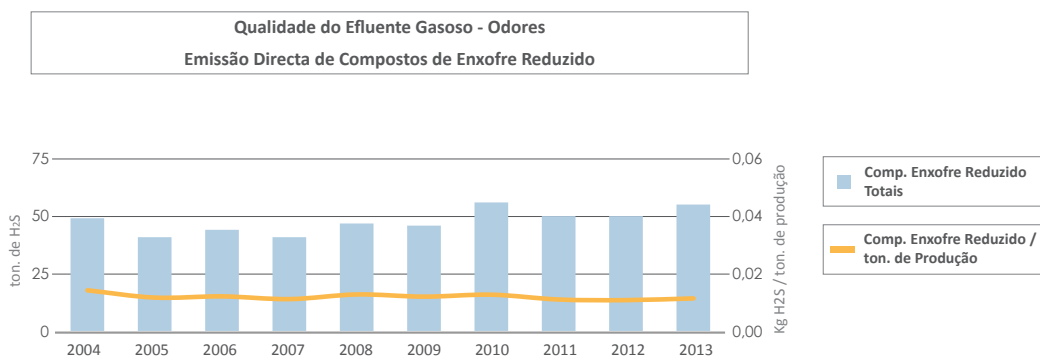


Figura 7.15
Fonte: CELPA

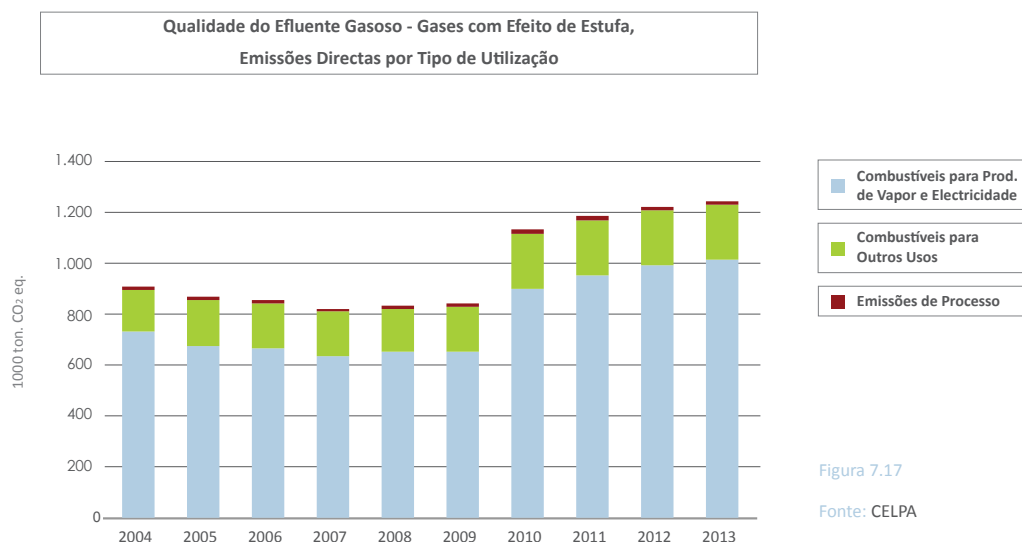
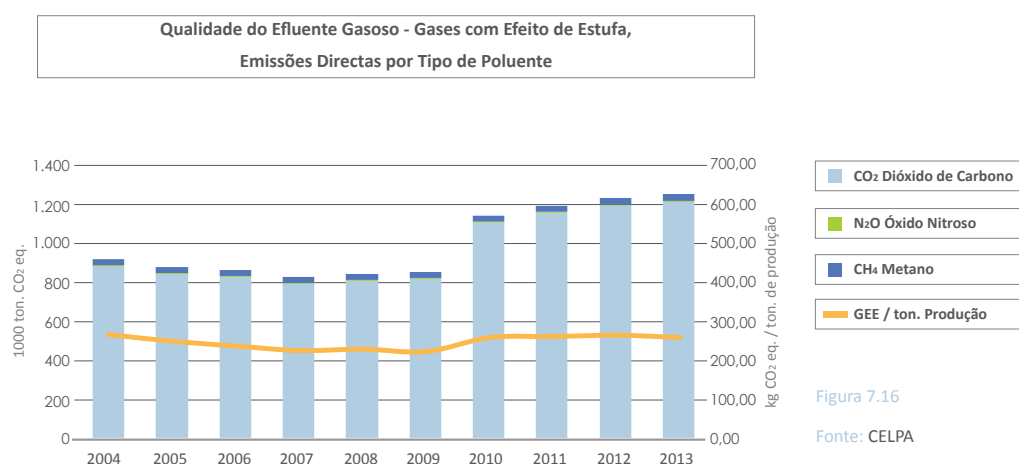


7.4 Gases com Efeito de Estufa

Emissão de Gases com Efeito de Estufa diminuiu 2%, expressa por tonelada produzida.

Nos gases com efeito de estufa (dióxido de carbono fóssil, metano e óxido nitroso) observou-se, em relação a 2012, um aumento de 2% nas emissões totais, acompanhado por aumentos de produção, traduzindo-se numa redução de 2% nas emissões por tonelada de produto.

Estas reduções têm sido possíveis, apesar do aumento da produção e consequente aumento do consumo de energia, devido aos aumentos de consumo de biomassa e de gás natural e à redução dos volumes de fuelóleo utilizados.





7.5 Resíduos Sólidos

A produção de resíduos sólidos resultantes do processo industrial está directamente relacionada com o padrão de produção de pastas e papéis. Adicionalmente, são produzidos outros tipos de resíduos, como sejam os resultantes de acções de demolição e construção de edifícios e que apresentam, pelo seu carácter ocasional, variações anuais significativas.

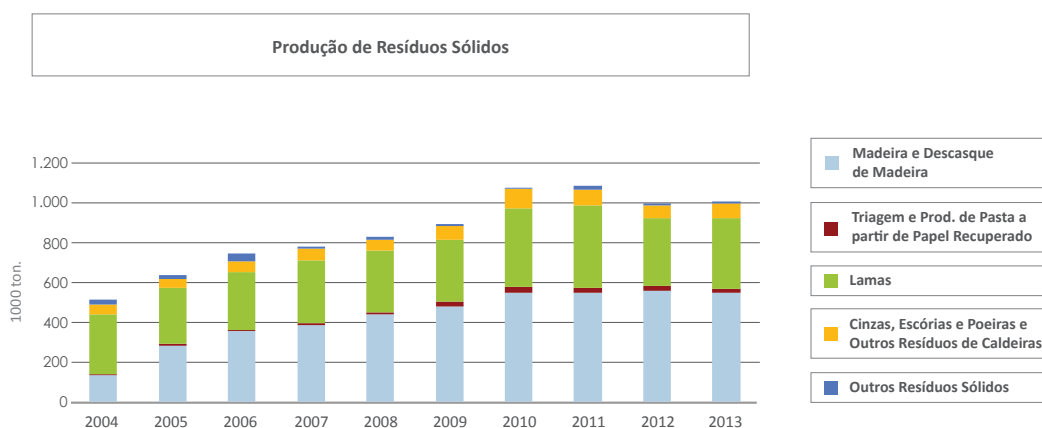


Figura 7.18

Fonte: CELPA

Como destino dos resíduos sólidos destacam-se, em 2013, a aplicação de lamas e cinzas resultantes da queima de biomassa na agricultura e compostagem, correspondente a 13% do total de resíduos, a valorização por outras indústrias que representou 6% do total e a valorização energética, que representou 58% dos resíduos. A deposição em aterro absorveu 13% dos resíduos produzidos.

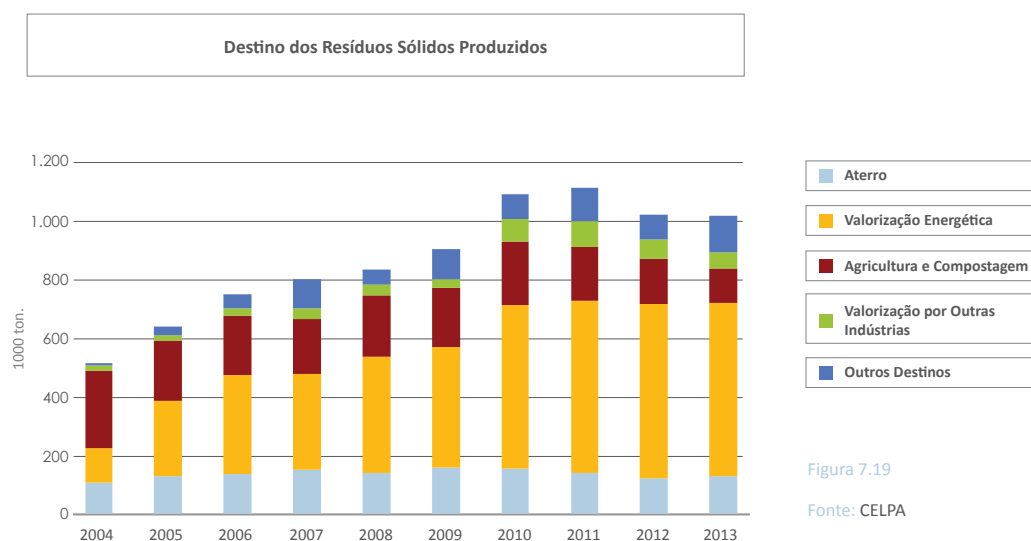


Figura 7.19

Fonte: CELPA



7.6 Investimento Ambiental

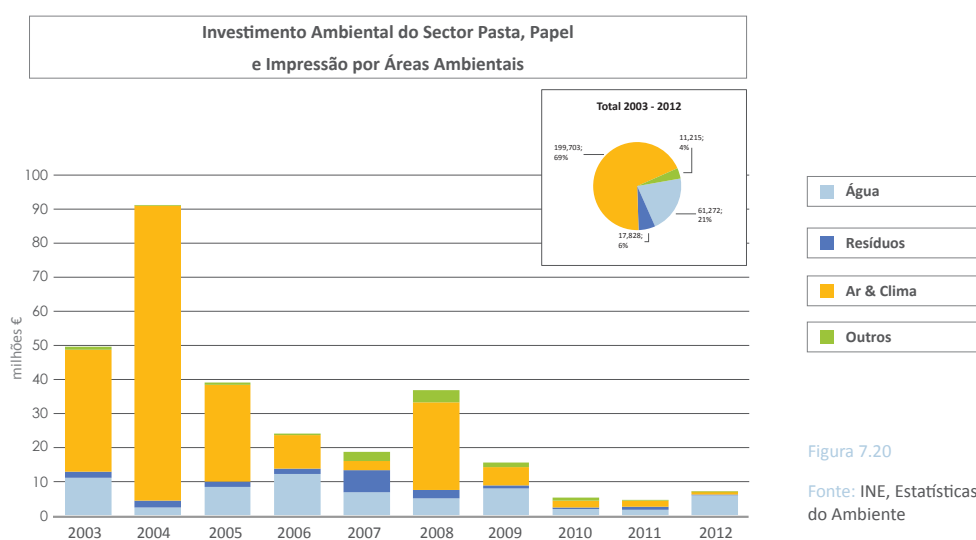
Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2012, foram investidos cerca de 6,8 milhões de euros em acções de Protecção Ambiental.

A sucessiva melhoria no desempenho ambiental, evidenciada nas restantes páginas deste Boletim, deve-se a um intenso programa de investimento iniciado há 30 anos, fruto da política de protecção ambiental deste sector.

Segundo a informação disponibilizada pelo INE, este sector investiu, em 2012 (último ano disponível), cerca de 6,8 milhões de euros em acções de protecção ambiental.

Sendo que grande parte destes investimentos resulta de projectos de modernização de dimensões consideráveis, o investimento ambiental deste sector deve ser considerado numa perspectiva plurianual. Nos últimos 10 anos, a indústria papelreira portuguesa investiu mais de 290 milhões de euros com vista a reduzir o seu impacto ambiental.

Verifica-se que, na última década, cerca de 69% do investimento foi dedicado a acções de melhoria da qualidade do ar e do clima, 21% à redução de consumo de água e melhoria de qualidade do efluente líquido, 6% à gestão de resíduos sólidos e o restante a outras questões de natureza ambiental.



7.7 Certificação de Qualidade, de Ambiente, de Segurança e de Laboratório

**Toda a produção de pasta e papel apresenta certificação de qualidade.
85% da produção nacional é oriunda de unidades com certificação ambiental.
85% da produção nacional é oriunda de unidades com certificação de segurança.
Todos os laboratórios da indústria papelreira encontram-se certificados.
18% da produção nacional é oriunda de unidades com certificação energética.**



A gestão da qualidade foi a prioridade da indústria na certificação dos seus processos de gestão. Actualmente, toda a indústria possui estes certificados.

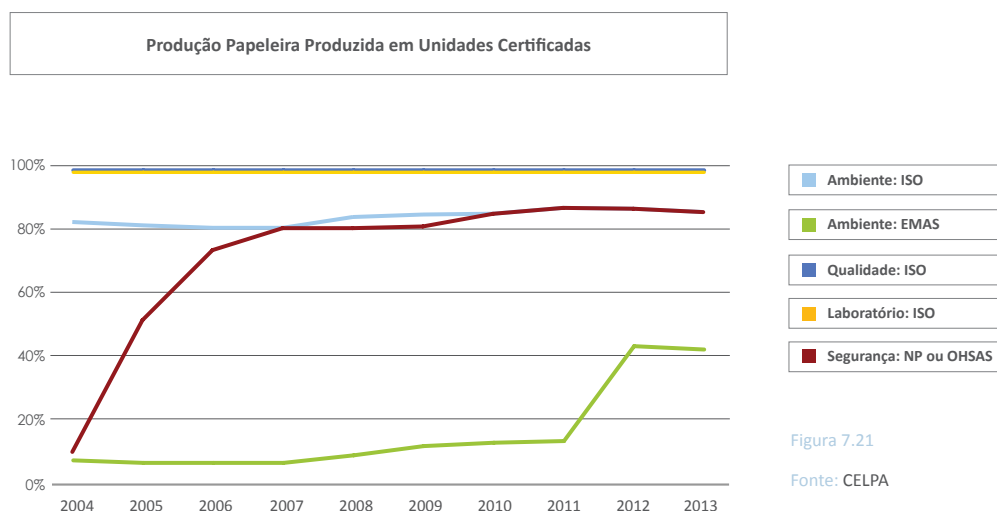
A gestão dos aspectos ambientais tem assumido um papel crescente na actividade da indústria papelreira nacional. Em consequência dessa actividade, surgem, em 1999, as primeiras unidades certificadas pela norma internacional ISO 14.001, e, em 2001, o primeiro certificado EMAS.

Em 2013, 85% da produção papelreira nacional foi produzida em unidades certificadas pela ISO 14.001 e 46% em unidades certificadas pelo EMAS.

A certificação dos laboratórios atesta a qualidade dos processos laboratoriais utilizados no controlo de qualidade e de ambiente. Em 2013, toda a indústria papelreira dispunha destes certificados nos seus laboratórios.

A certificação de segurança foi o passo natural seguinte, sendo que, em 2013, 85% da produção era já oriunda de unidades fabris que dispõem destes certificados.

Também no segmento da energia, houve uma evolução lógica no sentido da certificação, com cerca de 18% da produção papelreira nacional a ter origem em unidades certificadas pela ISO 50.001.





INDICADORES ENERGÉTICOS

Consumo de Fuelóleo desceu 39%.

Consumo de Biomassa cresceu 2%.

Biomassa representou 69% dos combustíveis consumidos.

Total de energia vendida à rede cresceu 3%.





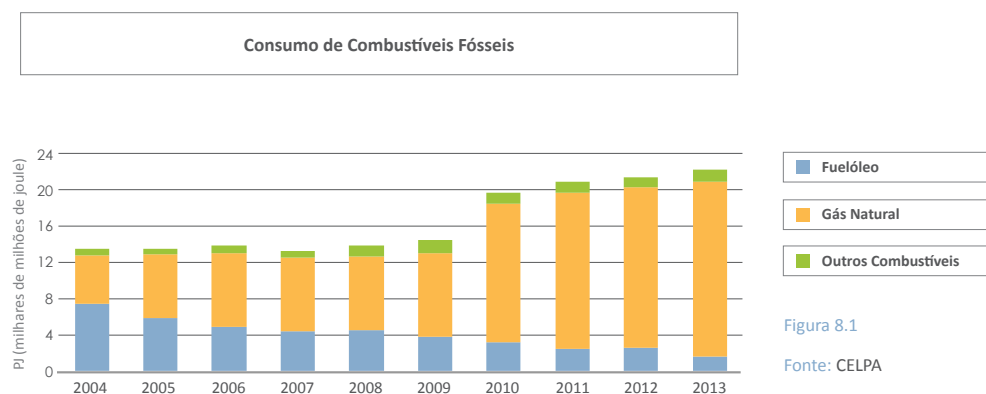
8.1 Consumo de Combustíveis

Consumo de Fuelóleo diminuiu cerca de 39%, face aos valores de 2012.
Consumo de Biomassa cresceu 2%.
Biomassa representou 69% dos combustíveis consumidos.
Total de energia vendida à rede cresceu 2,8%, em 2013.

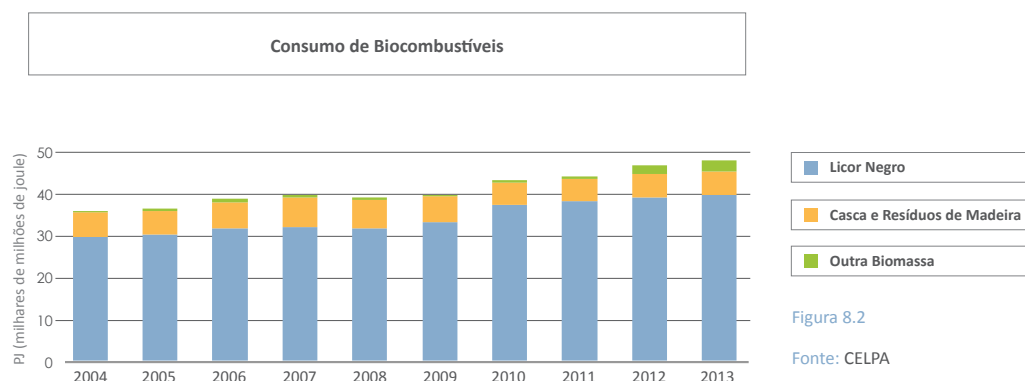
O consumo total de energia cresceu 2,6% em 2013, tendo-se fixado em 70 352 TJ, acompanhado por aumentos de produção.

Os biocombustíveis continuam a representar a fracção dominante dos combustíveis consumidos por este sector, representando cerca de 69% do total, tendo o seu consumo crescido 2,3% em 2013. O principal destes combustíveis é o licor negro – subproduto da produção de pasta – que representou, em 2013, 83% dos biocombustíveis consumidos.

No consumo de combustíveis fósseis verificou-se também um aumento de cerca de 4% face aos valores de 2012. Tal facto resulta dos aumentos de produção referidos anteriormente, bem como do aumento da produção de electricidade por cogeração.



Em 2013, manteve-se a tendência de aumento dos anos anteriores no consumo de gás natural, que representa 87% dos combustíveis fósseis. O consumo de fuelóleo conheceu um decréscimo acentuado em 2013, com uma redução de 39%, face aos valores de 2012, tendo representado cerca de 7% dos combustíveis fósseis utilizados.



8.2 Produção e Consumo de Electricidade

Produção de electricidade por cogeração cresceu 2,8%.
Consumo de electricidade cresceu 1,7%.
Fornecimento líquido de electricidade à rede foi cerca de 1030 GWh.



Em 2013, o sector da Pasta e Papel manteve-se excedentário na produção de electricidade, com a produção a ultrapassar o consumo em cerca de 40%.

O consumo de energia eléctrica aumentou 1,7% face a 2012, sendo acompanhado por um aumento de cerca de 2% na produção.

A produção de electricidade deste sector cifrou-se, em 2013, em 3,62 TWh, enquanto que o consumo ficou pelos 2,59 TWh. O sector Pasta e Papel foi, portanto, responsável pelo fornecimento líquido de cerca de 1030 GWh.

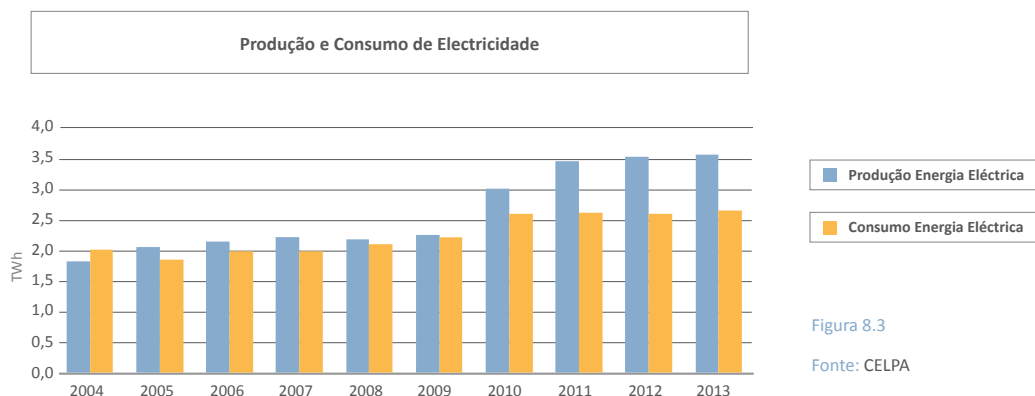


Figura 8.3

Fonte: CELPA

8.3 Estrutura Energética do Sector Pasta e Papel no Contexto Nacional

Só existem dados confirmados até 2010, pelo que os apresentados nesta edição do Boletim Estatístico, referentes a 2012, são apenas dados provisórios disponibilizados pela DGEG (Direcção Geral de Energia e Geologia).

Esta secção pretende contextualizar o papel da indústria papelreira na estrutura de produção de energia eléctrica do país. Baseia-se exclusivamente na informação disponibilizada pela Direcção Geral de Energia e Geologia, mais concretamente, nos Balanços Energéticos Nacionais. Esta informação está disponível em <http://www.dgeg.pt/>

A electricidade produzida neste sector utiliza sistemas de cogeração, onde é feita uma produção combinada de calor para uso industrial e de electricidade. Esta é uma das formas mais eficientes de utilização de fontes primárias de energia (combustíveis).

O sector Pasta e Papel tem investido muito nestas tecnologias e é hoje o principal produtor por cogeração, representando cerca de 47% do total nacional.

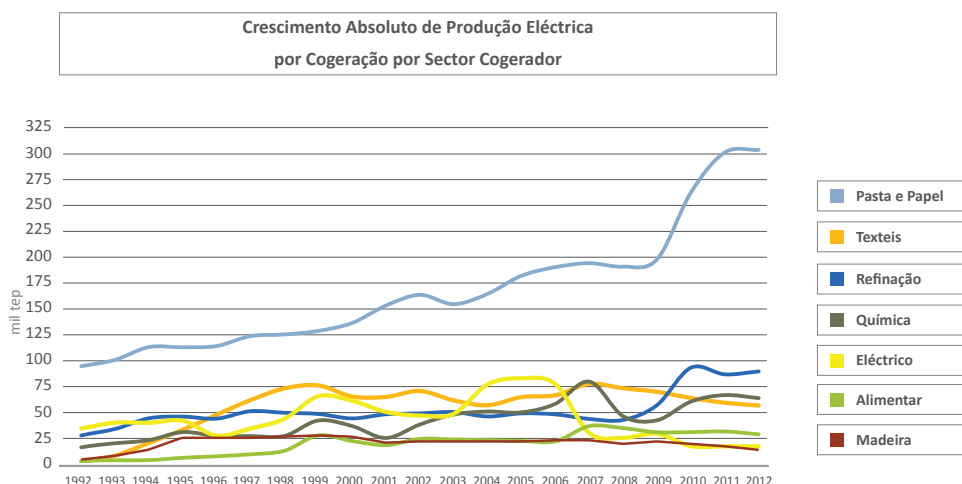


Figura 8.4

Fonte: DGEG



Os sectores cogeneradores foram responsáveis, em 2012, por 14% da electricidade produzida no País. O sector Pasta e Papel foi responsável pela produção de 6,5% do total nacional.

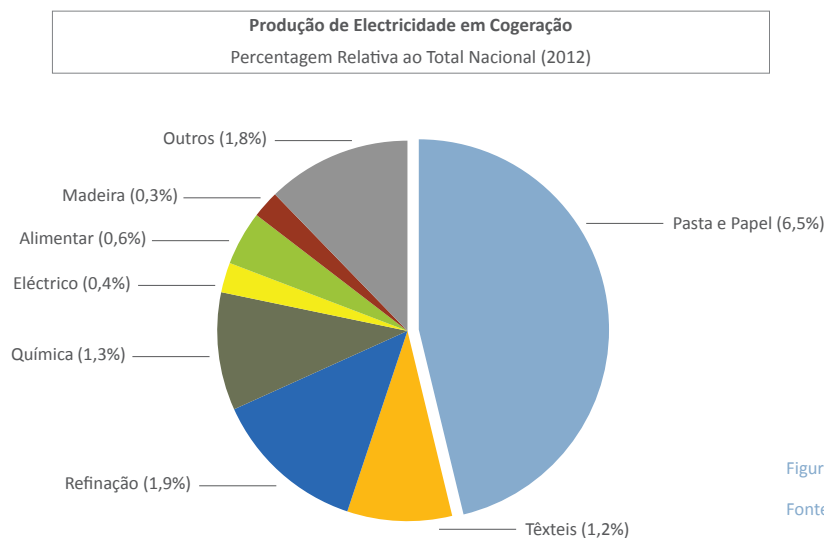


Figura 8.5

Fonte: DGEG

Em termos de auto-suficiência em electricidade (relação entre a electricidade total produzida pelo sector e o respectivo consumo), este sector perfila-se como um dos poucos a nível nacional com o estatuto de auto-suficiente.

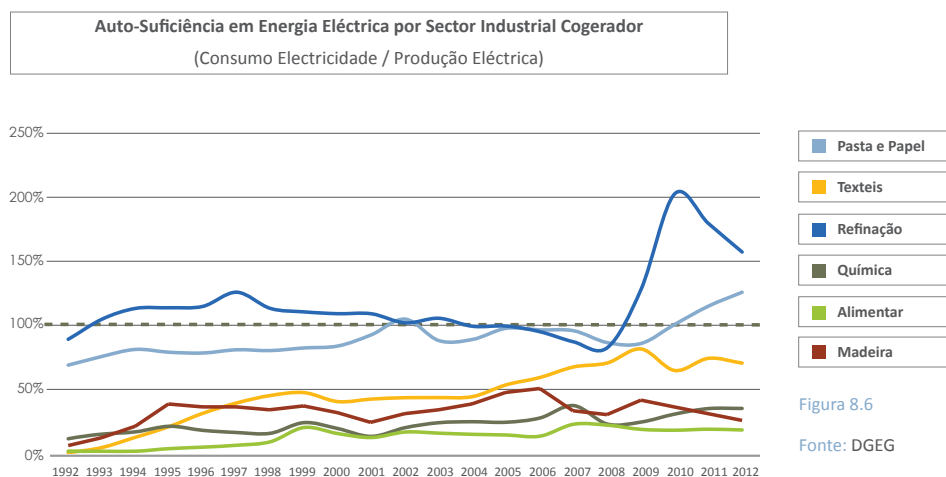


Figura 8.6

Fonte: DGEG

O sector Pasta e Papel é também o sector que mais biomassa utiliza no seu perfil de combustíveis (71,8%), quer quando comparado com as centrais termoeléctricas (7,5%), quer quando comparado com os restantes sectores cogeneradores (1,8%).



Perfil de Combustíveis em Cogeração do Sector Pasta e Papel (2012)

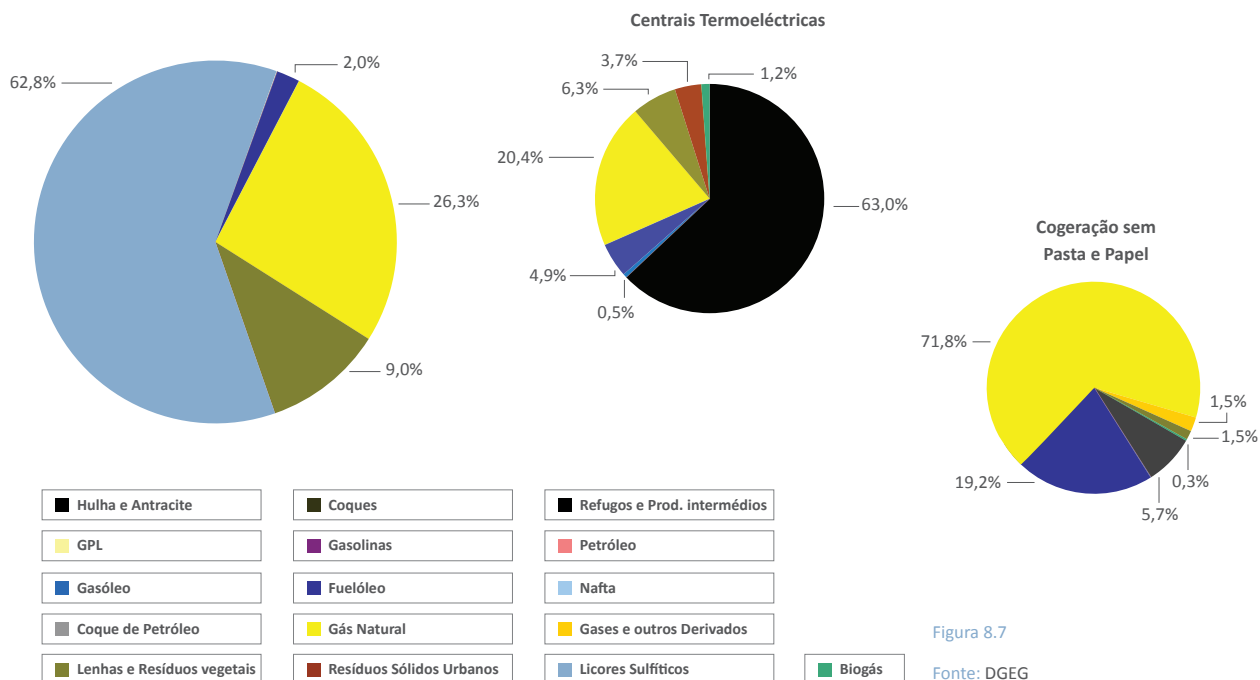


Figura 8.7

Fonte: DGE

Uma consequência directa deste perfil de combustíveis, aliada à elevada eficiência das cogerações, encontra-se no factor de emissão de cada kWh produzido no sector pasta e papel, quando comparado com a energia eléctrica produzida noutros sectores e tecnologias.

O factor médio de emissão eléctrico em Portugal foi, em 2012, de 501 gCO₂/kWh (valor médio que inclui todas as fontes renováveis de energia).

No sector pasta e papel foram apenas emitidos 62 gCO₂/kWh (-88% do que a média nacional). Para produzir a mesma quantidade de energia, nos restantes sectores co-geradores, foram necessários 221 gCO₂ (-56% do que a média nacional) e 626 gCO₂ (25% acima da média nacional) nas centrais termoeléctricas.

Evolução das Emissões de CO₂ por kWh em Portugal

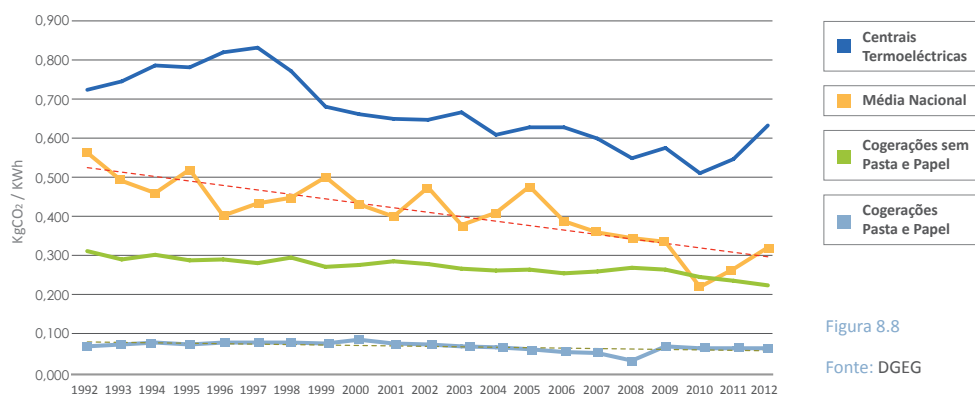


Figura 8.8

Fonte: DGE



INDICADORES SOCIAIS

Nota: a estrutura associativa da CELPA alterou-se em 2013, pelo que não é possível a comparação directa entre o ano de 2013 e os anteriores.

Os associados da CELPA são responsáveis por 3130 postos de trabalho directos.

Em 2013, a despesa com medicina do trabalho por trabalhador aumentou 0,7%.

A taxa de incidência de acidentes de trabalho foi, em 2013, de 0,47%.





9.1 Caracterização do Tecido Laboral

As empresas associadas da CELPA são responsáveis por 3087 postos de trabalho directos.

No entanto, o impacto social da indústria de pasta e papel, quer a montante quer a jusante, bem como nas actividades desenvolvidas à volta de cada centro fabril, é muito significativo, representando algumas dezenas de milhar de postos de trabalho.

Evolução do Emprego Directo										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Número Total Homens	3.388	3.118	2.869	2.828	2.859	2.845	2.820	2.738	2.723	2.705
Número Total Mulheres	510	463	384	394	407	405	401	392	392	382
Total Emprego Directo	3.898	3.581	3.253	3.222	3.266	3.250	3.221	3.130	3.115	3.087

Tabela 9.1

Fonte: CELPA

Em 2013, a percentagem de trabalhadores efectivos fixou-se nos 96,5%.

Evolução do Emprego Efectivo										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Trabalhadores Efectivos	3.741	3.442	3.147	3.122	3.128	3.106	3.063	3.032	2.999	2.980
% do Total	96,0%	96,1%	96,7%	96,9%	95,8%	95,6%	95,1%	96,9%	96,3%	96,5%

Tabela 9.2

Fonte: CELPA

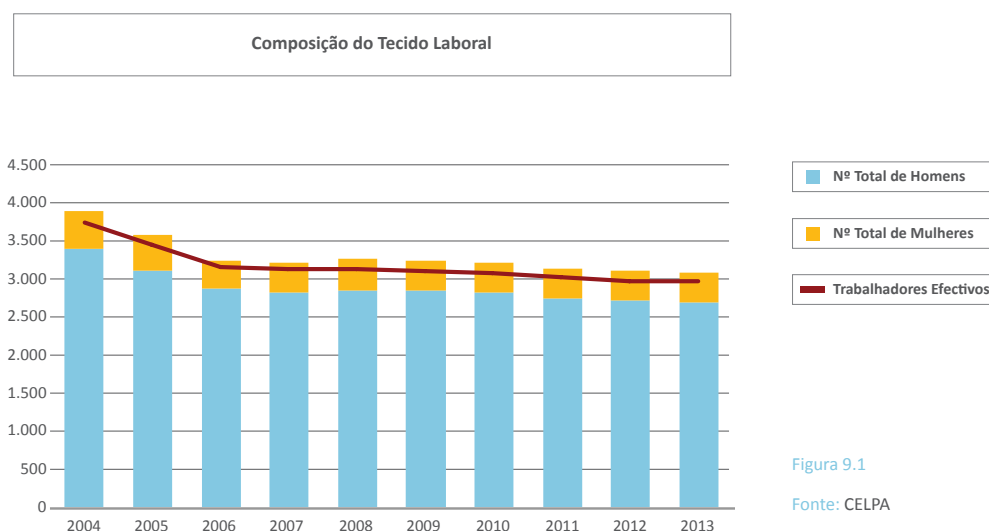
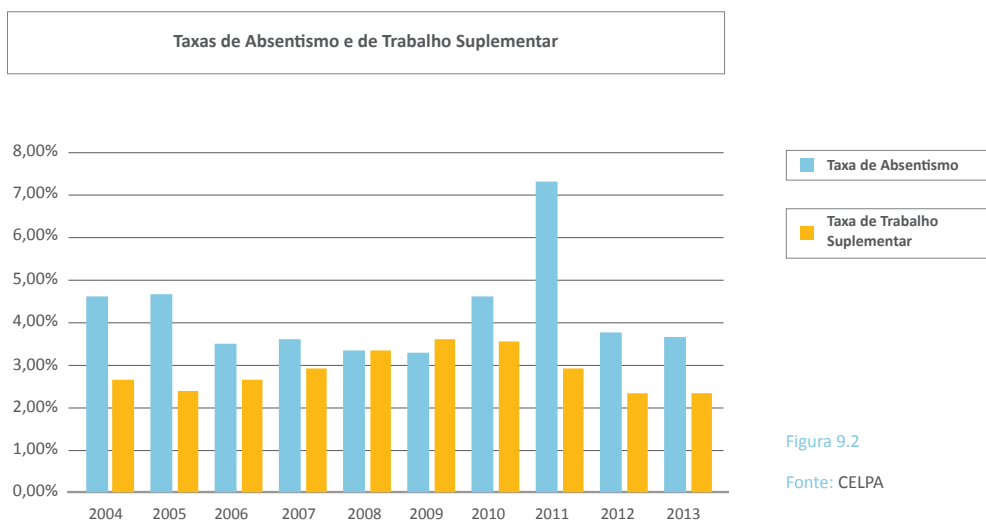
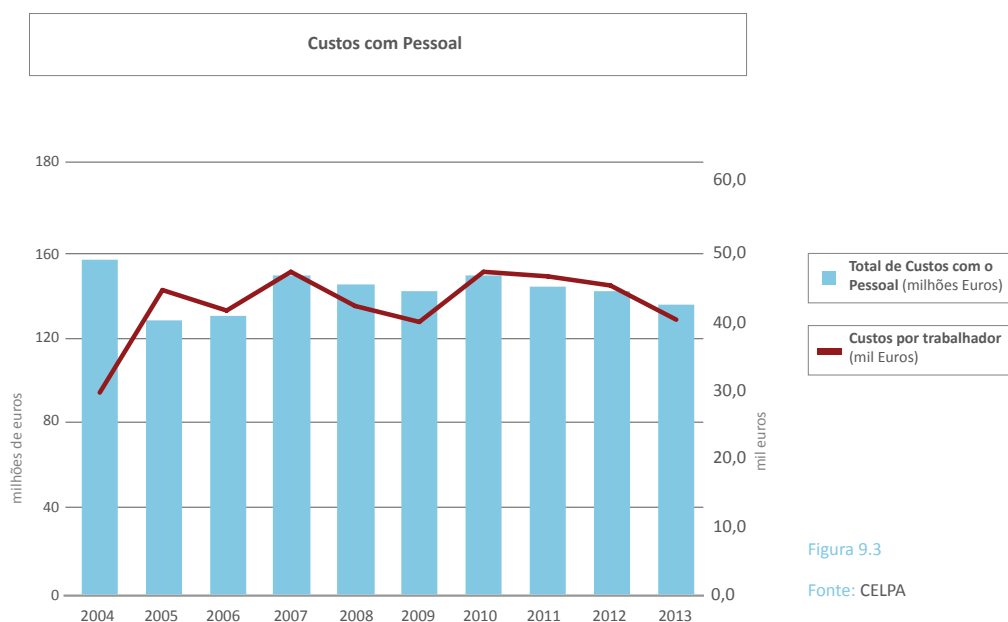


Figura 9.1

Fonte: CELPA



Em 2013 verificou-se uma redução de 4,0% nos custos por trabalhador.



9.2 Qualificação e Formação

As empresas do sector de pasta e papel apostam, desde longa data, na qualificação dos seus colaboradores.

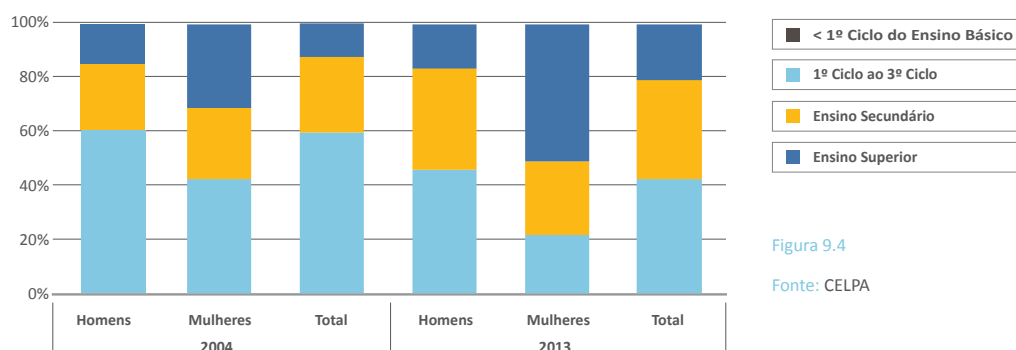
Em termos gerais, ao longo dos últimos 10 anos verifica-se uma maior qualificação dos colaboradores, quer masculinos quer femininos.

Entre 2004 e 2013, a percentagem de colaboradores com habilitações superiores subiu de 15,4% para 21,2%.

No caso dos colaboradores femininos, a evolução do número de pessoas com formação superior passou de 31,8% para 51,6%.



Distribuição dos Trabalhadores por Nível de Formação



O número total de horas de formação foi de 118 mil, mantendo-se a taxa de formação em torno dos 2%.

Evolução das Horas de Formação										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nº Total de Horas de Formação	157.329	92.840	90.580	153.648	123.751	187.969	112.402	117.895	108.707	117.541
Taxa de Formação	2,2%	1,7%	1,7%	2,6%	2,1%	3,2%	2,0%	2,1%	1,9%	2,1%

Tabela 9.3

Fonte: Universo CELPA

9.3 Segurança Ocupacional

As preocupações com a segurança no trabalho são constantes e bem presentes na gestão diária das empresas. Esta preocupação implica um conjunto de ações de formação sobre os vários aspectos de segurança associados a cada uma das funções com mais risco de acidente, bem como um aumento do investimento na estrutura de medicina do trabalho por parte das empresas.

Em 2013 a despesa com medicina no trabalho por trabalhador foi de 369,00 €.



Indicadores de Saúde Ocupacional										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total de exames médicos efectuados	9.932	8.453	10.374	10.431	12.671	10.509	6.164	5.019	5.741	2.864
Exames de admissão	126	288	47	90	111	131	103	69	164	148
Exames periódicos	2.794	2.521	2.349	2.377	2.125	2.540	2.551	2.633	2.768	2.084
Exames ocasionais e complementares	7.012	5.644	7.978	7.964	10.435	7.838	3.510	2.317	2.809	2.253
Nº de visitas efectuadas aos postos de trabalho	74	71	55	73	68	64	43	48	39	47
Despesa com medicina do trabalho (euros)	811.381	792.652	736.22	888.482	937.688	427.698	507.168	848.434	1.141.581	1.139.428
Por trabalhador (euros)	208	221	212	276	287	132	157	271	366	369

Tabela 9.4

Fonte: CELPA

Em 2013, o custo de segurança e saúde operacional por trabalhador foi de 686,00 €.

Investimentos em Segurança										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total de investimentos em segurança e saúde ocupacional	2.707.316	2.426.110	2.715.272	2.159.505	3.760.153	2.093.491	1.936.696	2.780.392	2.232.948	2.117.853
Medicina do trabalho e segurança no trabalho	1.114.550	1.745.957	1.665.958	1.061.495	2.707.376	1.122.182	1.281.337	1.453.939	1.006.549	985.357
Equipamentos de protecção	989.678	297.475	670.291	358.073	352.235	495.365	264.415	560.598	531.570	408.602
Formação em prevenção de riscos	456.520	206.792	102.769	232.074	332.180	262.342	217.402	367.807	251.005	273.594
Outros custos	146.568	175.886	276.254	507.863	368.363	213.602	173.542	398.048	443.824	450.299
Total por trabalhador	695	677	835	670	1 151	644	601	888	717	686
Medicina do trabalho e segurança no trabalho	286	488	512	329	829	345	398	465	323	319
Equipamentos de protecção	254	83	206	111	108	152	82	179	171	132
Formação em prevenção de riscos	117	58	32	72	102	81	67	118	81	89
Outros custos	38	49	85	158	113	66	54	127	142	146

Tabela 9.5

Fonte: CELPA



9.4 Acidentes de Trabalho

A taxa de incidência de acidentes de trabalho foi, em 2013, de 0,47%.

O número de horas perdidas em acidentes de trabalho foi de 26,3 mil horas, tendo sido declarados 4 casos de incapacidade.

Taxa de Incidência										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
	0,48%	0,61%	0,58%	0,53%	0,61%	0,49%	0,47%	0,47%	0,47%	0,47%

Tabela 9.6

Fonte: CELPA

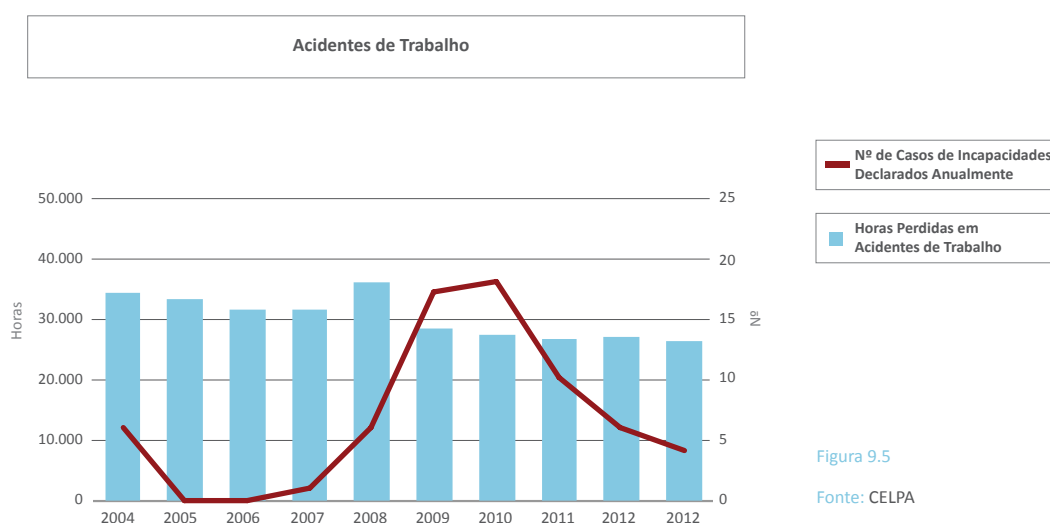


Figura 9.5

Fonte: CELPA

10

INDICADORES FINANCEIROS

Nota: a estrutura associativa da CELPA alterou-se em 2013, pelo que não é possível a comparação directa entre o ano de 2013 e os anteriores.

O valor das vendas cifrou-se em 2.245 milhões de euros.

O resultado líquido das empresas associadas da CELPA foi de 267 milhões de euros.





No início de 2013 continuou a sentir-se a contracção da actividade económica, em que a crise da dívida soberana travou a recuperação da confiança dos agentes económicos, com um agravamento da recessão na zona Euro e nova queda da procura interna, a par de uma redução das exportações. No final do ano verificou-se, embora de uma forma muito ligeira, uma melhoria do ambiente económico, registando-se, também, um recuo no desemprego e uma consequente recuperação do consumo privado.

O desempenho da Economia Portuguesa, em 2013, reflecte necessariamente o impacto da implementação das medidas previstas no programa de ajustamento económico.

Assim, foi neste contexto económico, ainda extremamente difícil, que o sector da Pasta e Papel nacional registou um comportamento global muito positivo. Como consequência, os resultados económicos de 2013 são um reflexo do bom desempenho que a Indústria Papeleira portuguesa continua a registar, que, numa época de crise económica e de abrandamento do comércio internacional, conseguiu, através da sua qualidade, continuar a crescer e a contribuir, de forma efectiva, para a Economia Nacional.

Variação Anual de Alguns Indicadores do Sector da Pasta e do Papel (Un. Mil Euros)										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Vendas	1.395.084	1.451.868	1.580.595	1.699.777	1.623.091	1.581.393	2.171.118	2.191.877	2.374.662	2.245.491
Resultado Líquido	73.757	78.614	190.919	248.605	166.288	111.414	294.322	244.174	291.468	266.727
Resultado Operacional	128.639	167.878	290.600	362.180	200.036	120.851	437.996	387.682	416.447	345.459
Amortizações	172.759	175.491	113.767	105.173	116.768	168.203	184.211	208.139	178.511	152.285
Activo Total Bruto	5.483.636	5.435.907	5.763.499	6.525.648	6.918.285	7.157.122	7.284.597	6.195.222	6.262.891	6.001.293
Activo Total Líquido	2.873.924	2.818.565	2.895.802	3.566.311	3.855.923	4.024.873	4.183.694	4.265.403	4.238.546	4.266.840
Activo Fixo (bruto)	4.417.122	4.422.717	4.599.376	4.737.017	5.329.947	5.447.238	4.834.659	4.730.854	4.784.826	4.391.331
Passivo Total	1.475.665	1.407.772	1.367.294	1.911.589	2.117.527	2.271.550	2.401.872	2.344.786	2.299.726	2.219.409
Capital Próprio	1.398.257	1.410.794	1.528.507	1.654.720	1.738.743	1.753.323	1.833.854	2.062.380	2.080.600	2.098.911
Valor Acrescentado Bruto	497.375	553.123	626.951	655.885	521.319	439.344	798.736	759.562	747.252	647.126

Tabela 10.1

Fonte: CELPA

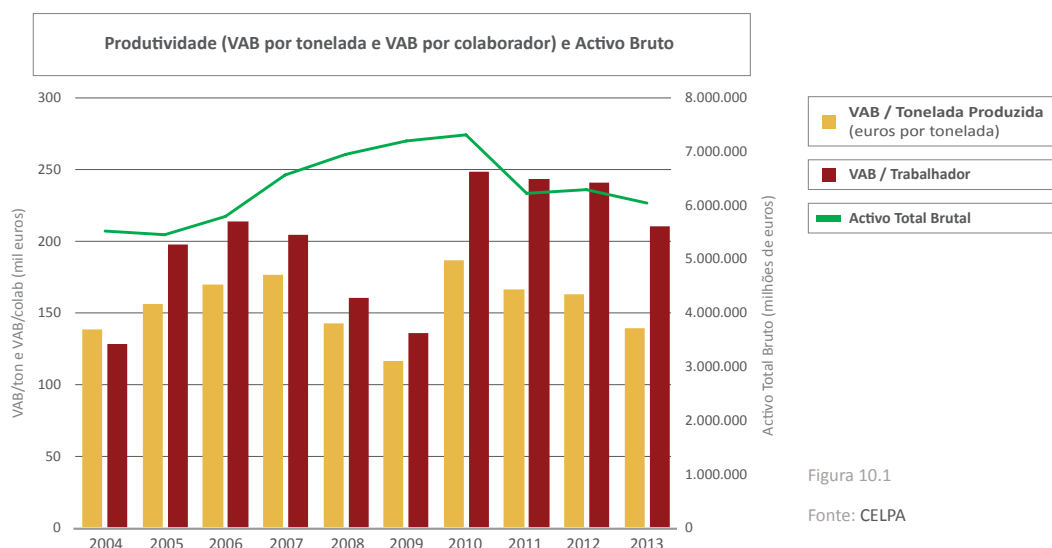


Figura 10.1

Fonte: CELPA

Indicadores Financeiros do Sector da Pasta e do Papel										
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Rendibilidade Líquida das Vendas *	5,3%	5,4%	12,1%	14,6%	10,2%	7,0%	13,6%	11,1%	12,3%	11,9%
Rendibilidade dos Capitais Próprios *	5,3%	5,6%	12,5%	15,0%	9,6%	6,4%	16,0%	11,8%	14,0%	12,7%
Vendas / Capital Próprio	99,8%	102,9%	103,4%	102,7%	93,3%	90,2%	118,4%	106,3%	114,1%	107,0%
Passivo Total / Capital Próprio	105,5%	99,8%	89,5%	115,5%	121,8%	129,6%	131,0%	113,7%	110,5%	105,7%
Rendibilidade Operacional das Vendas *	21,6%	23,7%	25,6%	27,5%	19,5%	18,3%	28,7%	27,2%	25,1%	22,2%
Rendibilidade dos Capitais Investidos *	2,6%	2,8%	6,6%	7,0%	4,3%	2,8%	7,0%	5,7%	6,9%	6,3%
VAB/Tonelada Produzida (euros por tonelada)	138	155	169	176	142	116	186	166	162	138
Produtividade (mil euros por trabalhador) *	128	197	213	204	160	135	248	243	240	210
Capital Próprio / Activo Total Líquido	48,7%	50,1%	52,8%	46,4%	45,1%	43,6%	43,8%	48,4%	49,1%	49,2%

Tabela 10.2 * Rendibilidade Líquida das Vendas = Resultado Líquido / Vendas

Rendibilidade dos Capitais Próprios = Resultado Líquido / Capital Próprio

EBITA = Resultados Operacionais + Amortizações

Rendibilidade Operacional das Vendas = EBITA / Vendas

Rendibilidade dos Capitais Investidos = Resultado Líquido / Activo Total Líquido

Total Investimento = Imob. Corpóreo + Imob. Incorpóreo

Produtividade = VAB / N° Trabalhadores



O SECTOR PASTA E PAPEL NA REGIÃO CEPI E NO MUNDO

Em 2013 a produção europeia de pastas para papel diminuiu 2,2% fixando-se nos 37,3 milhões de toneladas e a de papel e cartão diminuiu 1,7% para 95,0 milhões de toneladas.

Portugal é o 4º maior produtor europeu de pasta, com 6,7% do total e o 3º maior produtor europeu de pastas químicas, com 9,3% da produção deste tipo de pasta.

Portugal é o 11º maior produtor europeu de papel e cartão, com 2,3% do total e o 2º maior produtor europeu de papel fino não revestido (UWF) com 16,8% da produção total deste tipo de papel.





Pretende-se com este capítulo dar uma perspectiva geral do desenvolvimento das produções de produtos papéis na Europa e no Mundo e do posicionamento de Portugal num mercado cada vez mais global. Baseia-se exclusivamente em informação disponibilizada pela Confederação Europeia da Indústria Papeleira (CEPI).

Mais informação, para além da aqui publicada, está disponível em <http://www.cepi.org/>

11.1 Pastas para Papel

Em 2013, a produção europeia de pastas para papel diminuiu 2,2% face a 2012, para os 37,3 milhões de toneladas.

Portugal mantém-se como o 4º maior produtor europeu de pasta, com 6,7% do total e como o 3º maior produtor de pastas químicas, com 9,3% da produção deste tipo de pasta.

Da análise da situação em 2013, comparativamente a 2012, salienta-se a quebra de produção de pasta, especialmente mecânica e semi-química, em todas as regiões com excepção da pasta química no Brasil e Japão.

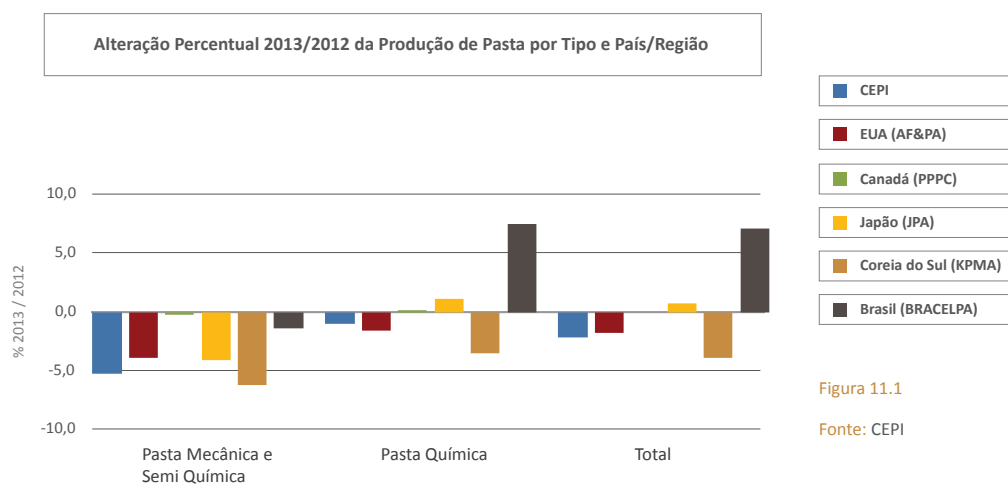


Figura 11.1

Fonte: CEPI

Os países que compõem a CEPI, entre os quais se encontra Portugal, diminuíram em 2,2% a produção de pasta face a 2012, para os 37,3 milhões de toneladas.

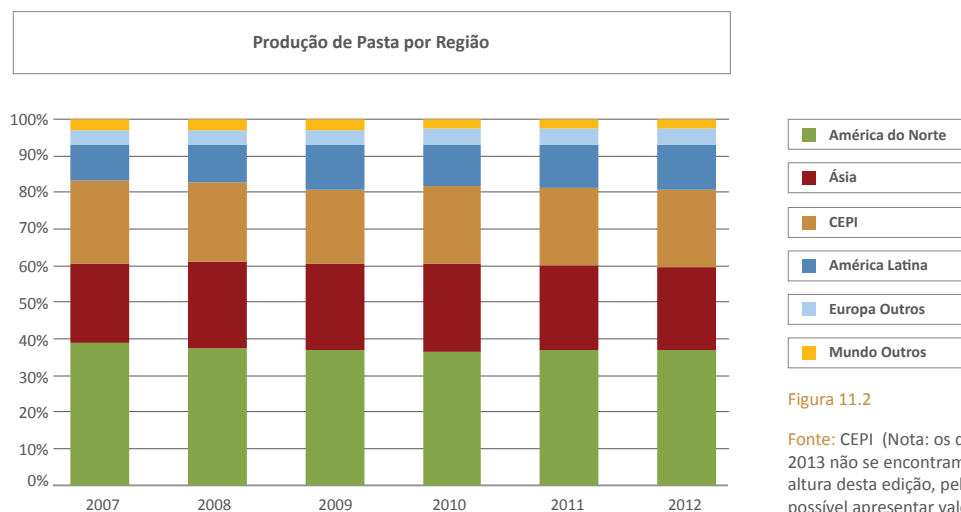
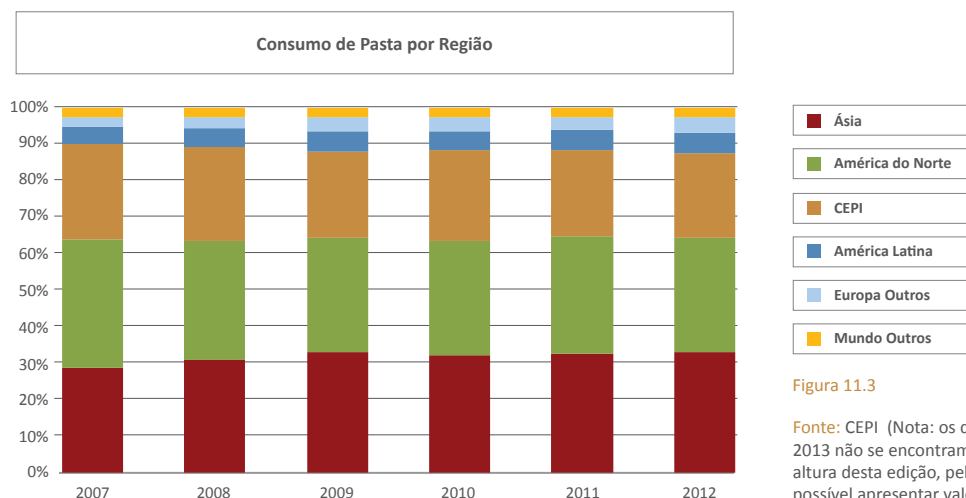


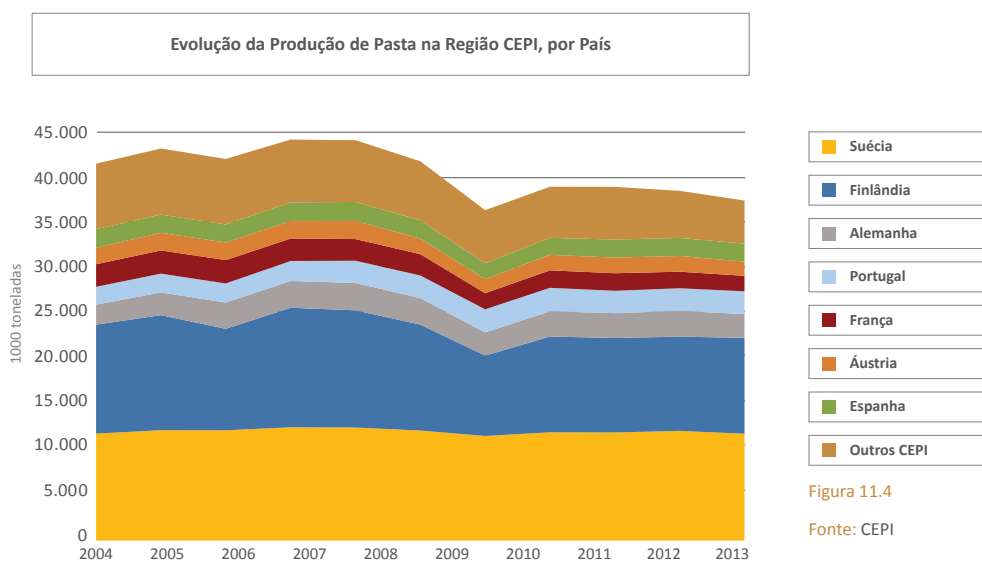
Figura 11.2

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2013 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2012)

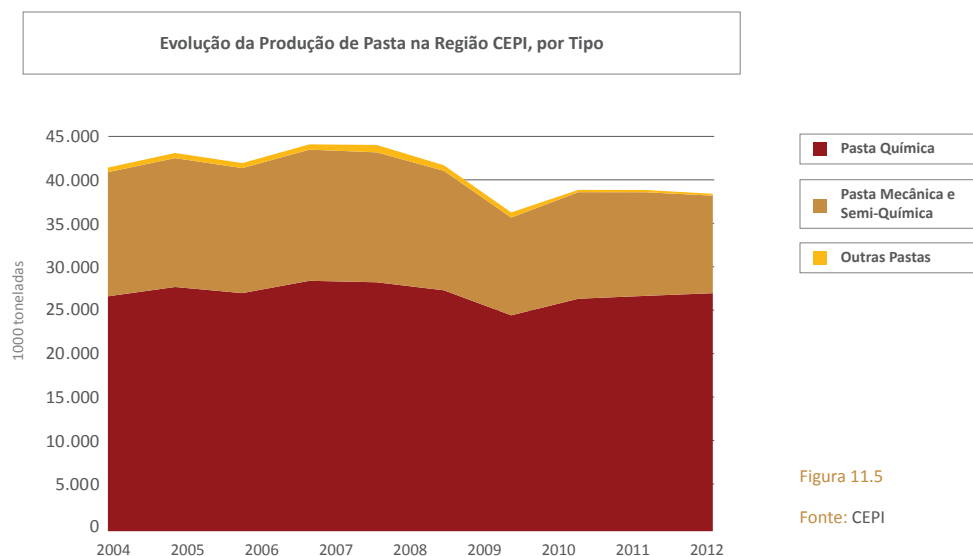
Em 2012, a CEPI representou 21,1% da produção e 23,1% do consumo mundial de pasta.



Os principais países europeus produtores de pasta são, de forma destacada, a Suécia e a Finlândia, com 31,4% e 28,2% do total, respectivamente.



Portugal ocupa o 4º lugar europeu na produção de pasta, com 6,7% do total. Se considerarmos apenas as pastas químicas, uma vez que Portugal não produz pastas mecânicas, o nosso País passa para 3º lugar europeu, com 9,3% da produção deste tipo de pasta.





Em 2013, 71,5% da produção europeia foi de pastas químicas, o que representa uma quebra de 1,4% face a 2012.

As pastas mecânicas e semi-químicas representam 27,8% da produção europeia e diminuiu 6,5% face a 2012.

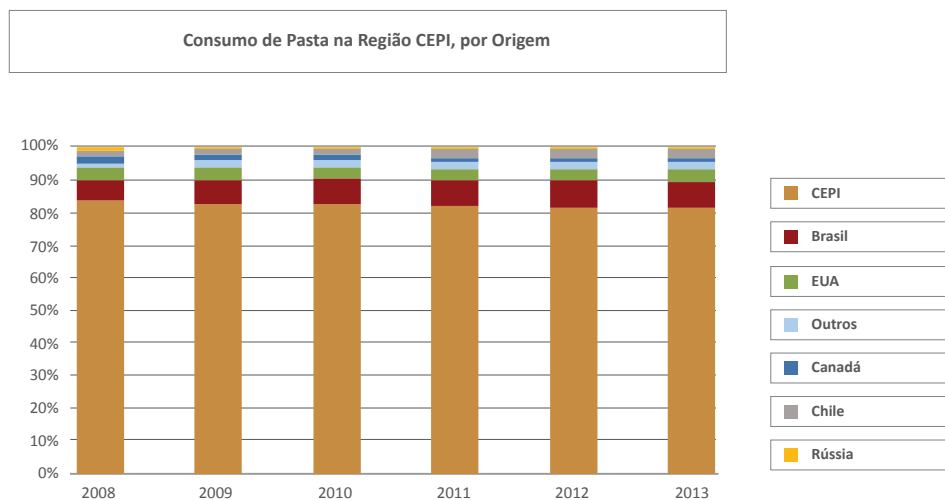


Figura 11.6

Fonte: CEPI

A maioria da pasta consumida na região CEPI (81,2%) foi produzida nesta mesma região, sendo a restante originária do Brasil (8,2%), EUA (3,8%), Chile (2,8%), Canadá (1,0%) e Rússia (0,8%).

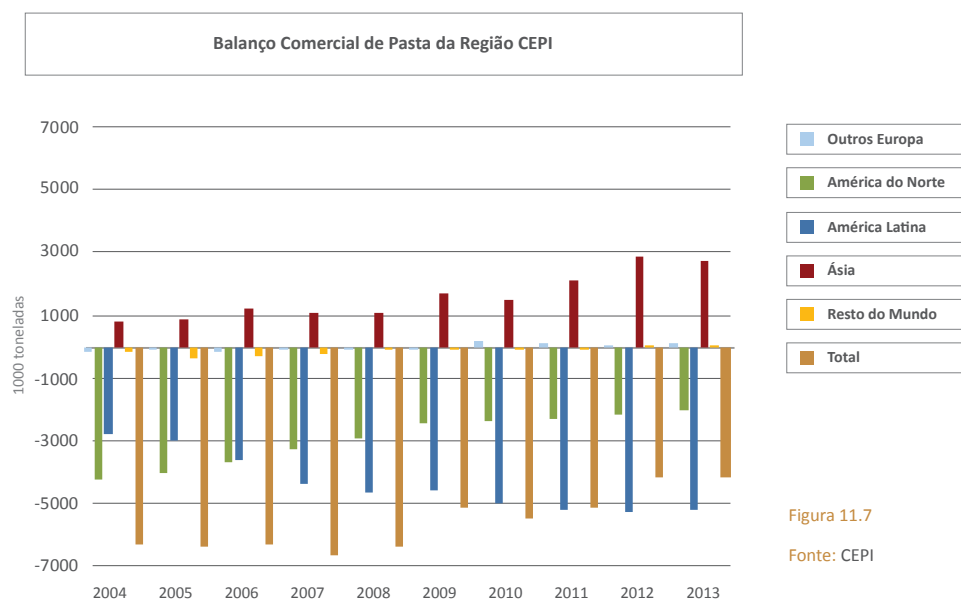


Figura 11.7

Fonte: CEPI

Os países da região CEPI são importadores líquidos de pasta com um balanço negativo a rondar, nos últimos 10 anos, os 5,3 milhões de toneladas anuais, mas que tem diminuído desde 2007.

As principais origens da pasta importada são a América Latina e a América do Norte, e o principal destino da pasta exportada a Ásia.

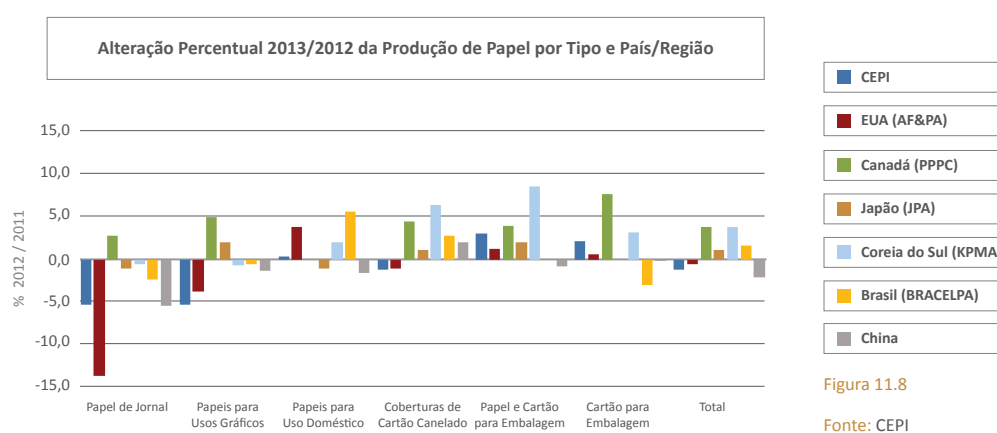


11.2 Papel e Cartão

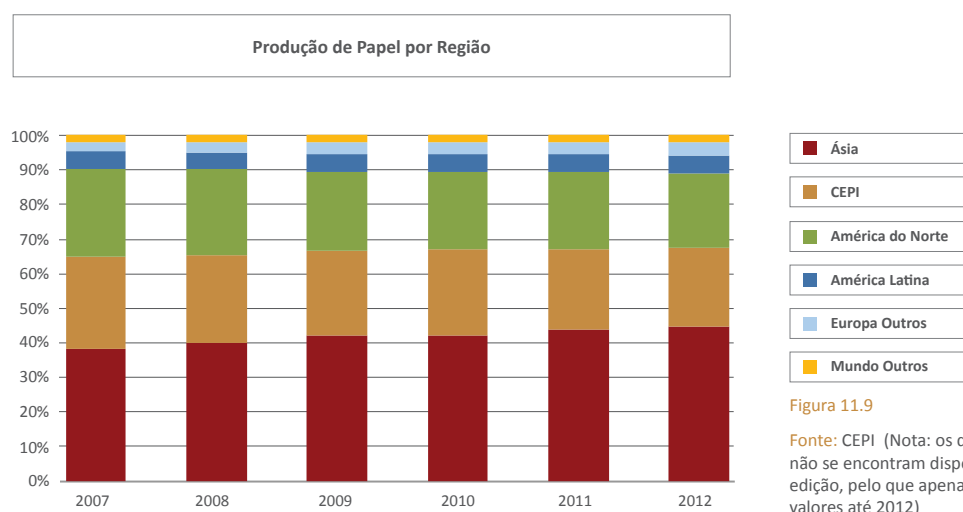
Em 2013, a produção europeia de papel e cartão diminuiu 1,2%, situando-se em 91,1 milhões de toneladas.

Portugal mantém-se como o 11º maior produtor europeu de papel e cartão, com 2,3% do total e o 2º maior produtor europeu de papel e cartão não revestido (UWF), com 16,8% da produção total deste tipo de papel.

A análise da situação em 2013, comparativamente a 2012, mostra que, de uma forma geral, a produção de papel e cartão recuperou em todas as regiões e em todos os tipos, com excepção do papel de jornal.



Os países que compõem a CEPI, entre os quais se encontra Portugal, apresentaram em 2013 uma diminuição na produção de papel e cartão de 1,2% (-1,1 milhões de toneladas), para 92,1 milhões de toneladas.



Em 2012, a CEPI representou 22,8% da produção e 19,0% do consumo mundial de papel.

Nota-se uma alteração na distribuição do consumo mundial de papel, com diminuições, entre 2007 e 2012, na Europa e Estados Unidos da América e aumentos em todas as outras regiões.



Consumo de Papel por Região

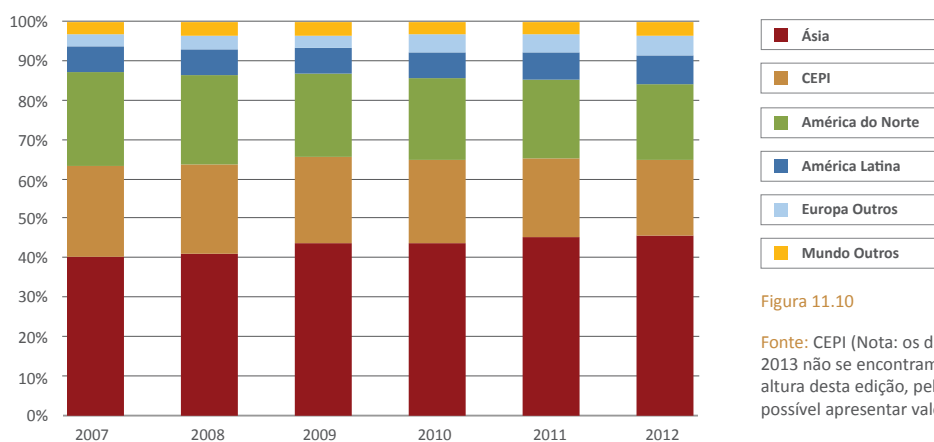


Figura 11.10

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2013 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2012)

Os principais países europeus produtores de papel e cartão são a Alemanha, a Suécia e a Finlândia, com 24,6%, 11,8% e 11,6% do total, respectivamente.

Evolução da Produção de Papel na Região CEPI, por País

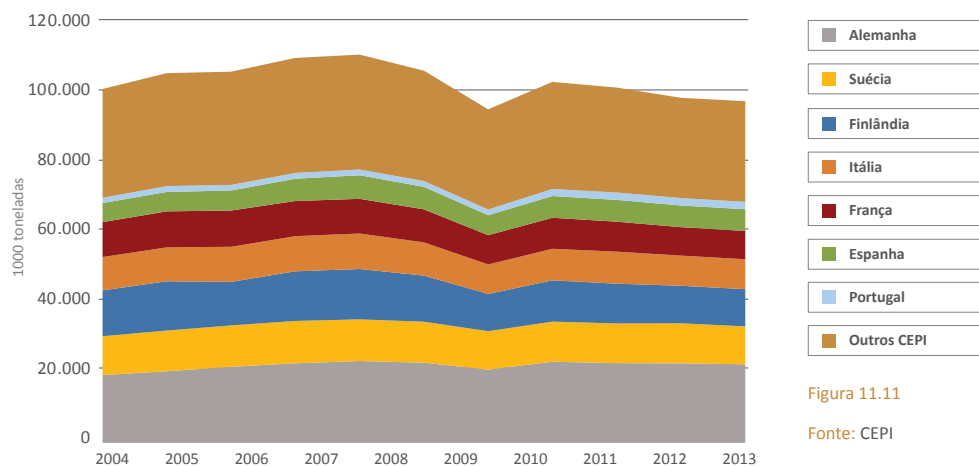
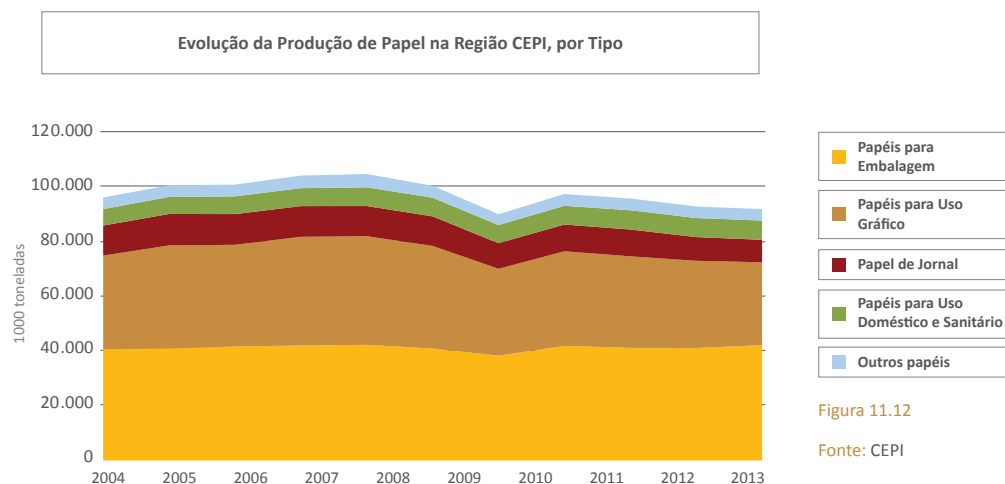


Figura 11.11

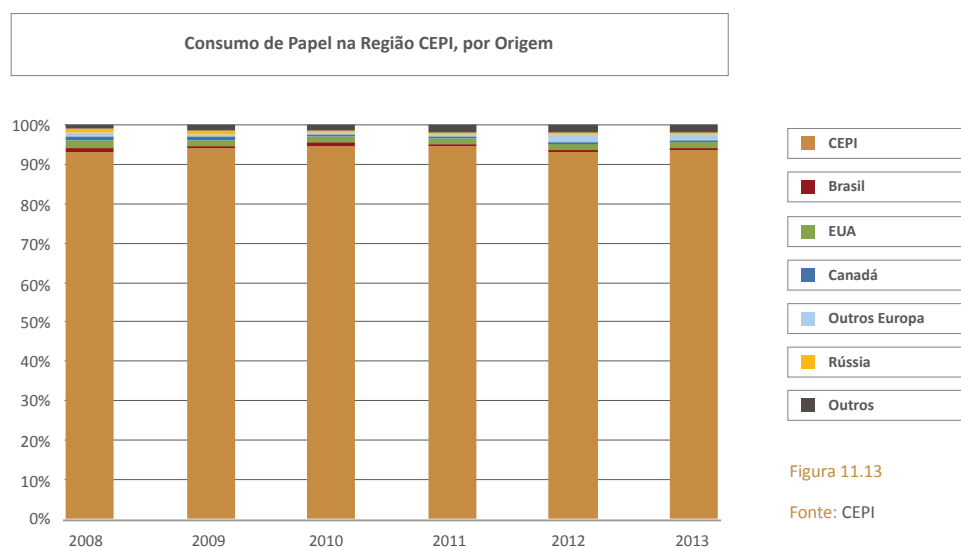
Fonte: CEPI

Em 2013, Portugal ocupa o 11º lugar europeu na produção de papel e cartão, com 2,3% do total.

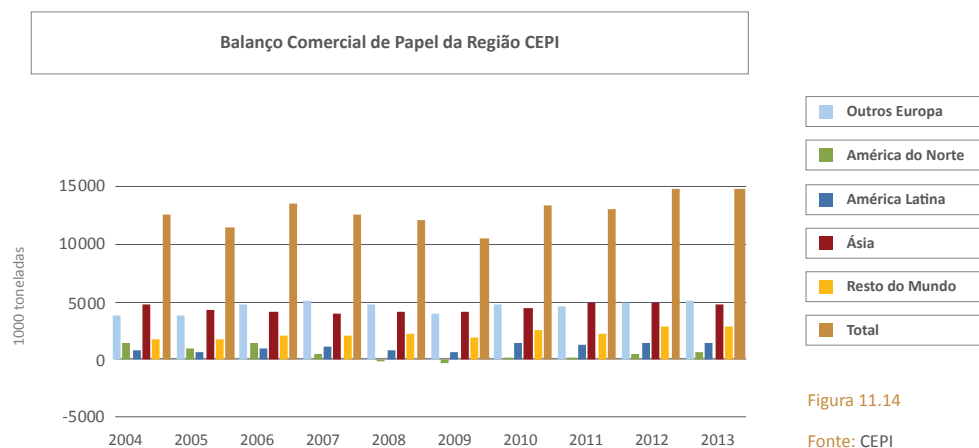
Se apenas considerarmos a produção de papel e cartão não revestido (UWF), que representa 71,7% da produção nacional, Portugal avança para o 2º lugar europeu, com 16,8% do total deste tipo de papel.



Em 2013, 45,9% da produção europeia foram papéis para embalagem cuja produção aumentou 2,6% face a 2012. Seguem-se os papéis para usos gráficos, que representam 32,9% do total e cuja produção diminuiu 5,0% em relação a 2012.



A maioria do papel consumido na região CEPI (93,7%) foi produzida nesta mesma região, sendo o restante originário dos EUA (1,6%), Rússia (0,6%), Brasil (0,4%) e Canadá (0,3%).





Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel, com um balanço positivo médio, nos últimos 10 anos, a rondar os 13 milhões de toneladas anuais.

As principais origens do papel importado são os outros países europeus e a América do Norte, e os principais destinos os outros países europeus e a Ásia.

11.3 Papel para Reciclar

Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel para reciclar, sendo o principal destino a Ásia.

A recolha e a utilização de papel para reciclar no mundo fixaram-se, em 2012, nos 230,4 e 230,3 milhões de toneladas, respectivamente.

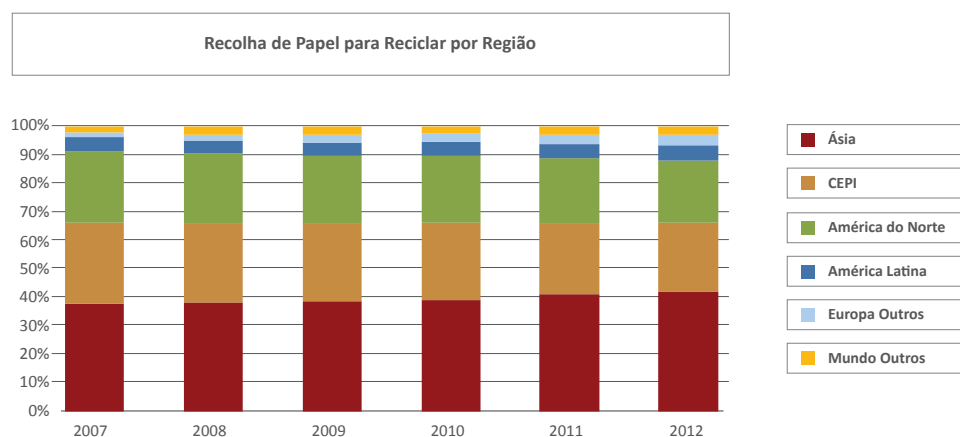


Figura 11.15

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2013 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2012)

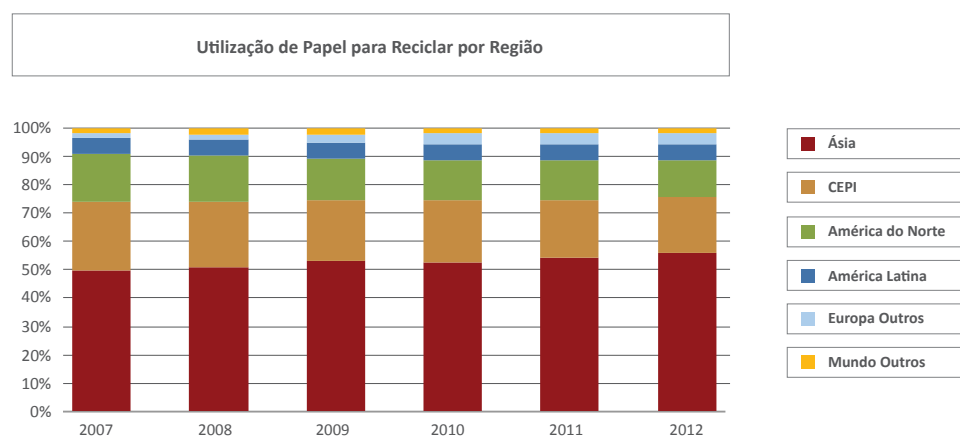


Figura 11.16

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2013 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2012)

Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel para reciclar, com um balanço positivo médio, nos últimos 10 anos, a rondar os 8 milhões de toneladas anuais, sendo o principal destino a Ásia, mais concretamente a China.



Balanço Comercial de Papel para Reciclar da Região CEPI

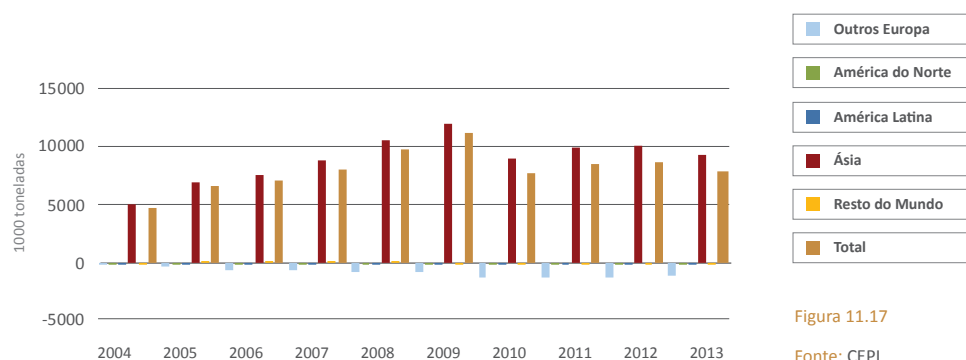
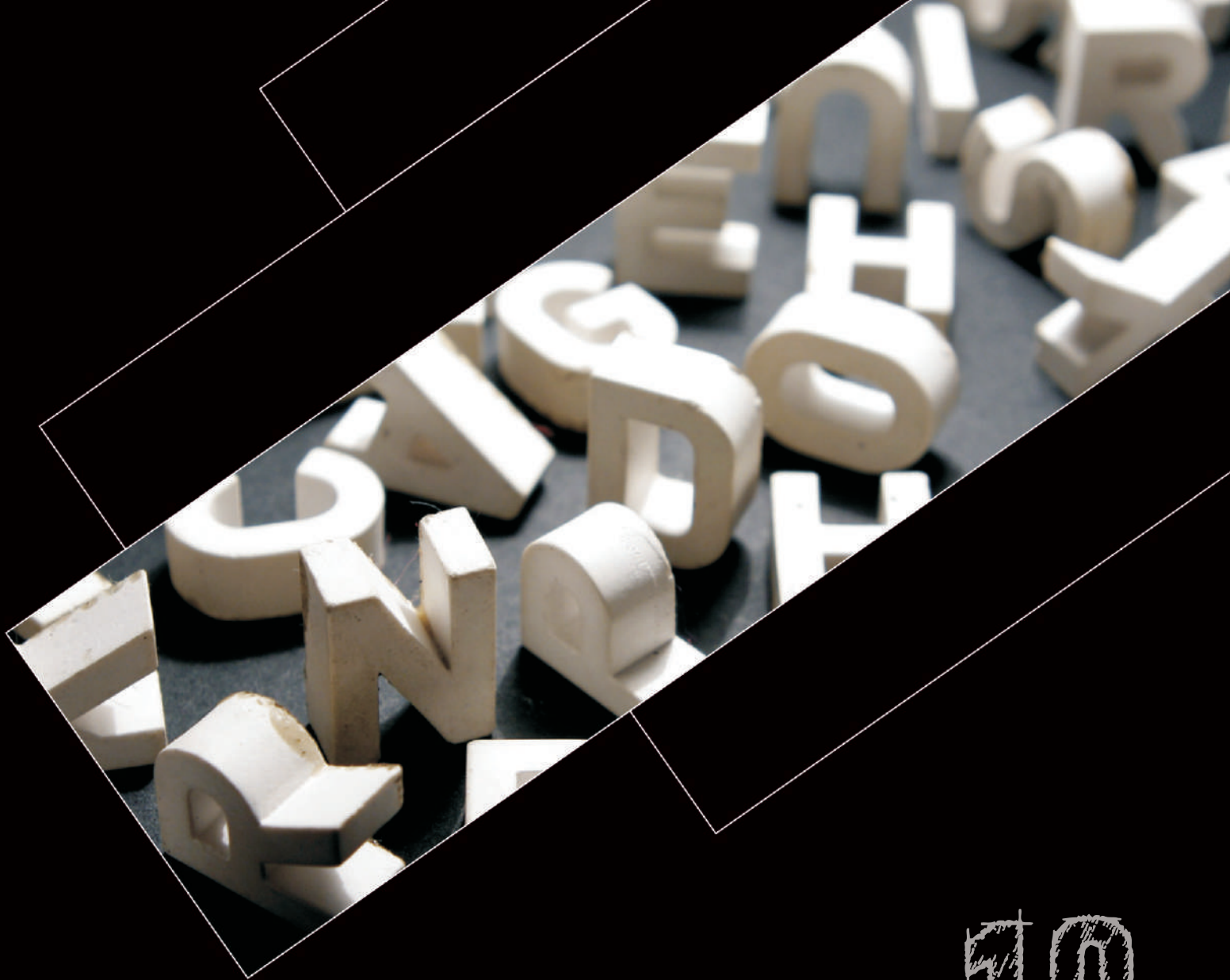


Figura 11.17

Fonte: CEPI



12

GLOSSÁRIO



AFN - Autoridade Florestal Nacional

Agricultura - Extensão de terreno que inclui as terras aráveis, culturas hortícolas e arvenses, pomares de fruto (excepto de castanheiro e de pinheiro manso), olivais, pastagens e pousios, que ocupam uma área superior ou igual a 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Áreas ardidas - Terrenos de uso florestal, anteriormente ocupados por povoamentos florestais que devido à passagem de um incêndio estão actualmente ocupados por vegetação queimada ou solo nu, com presença significativa de material morto ou carbonizado. Tem uma área no mínimo de 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Causalidade dos incêndios florestais - Uso do fogo (queima de lixo, queimadas, lançamento de foguetes, fogueiras, fumar, apicultura e chaminés), acidentais (transportes e comunicações, maquinarias e equipamento e outras causas acidentais), estruturais (caça e vida selvagem, uso do solo, defesa contra incêndios e outras causas estruturais), incendiário (inimputáveis e imputáveis), naturais (raio) e indeterminadas. (DGF/IFN, 2001).

Capacidade - Valor anual teórico da produção das máquinas, sem considerar as condições de mercado.

CEPI - Confederation of European Paper Industries.

Consumo de Pastas - Produção Integrada de Pastas + Vendas no Mercado Interno + Importações.

Consumo de Papel e Cartão - Produção + Importações - Exportações.

Espécie de árvore dominante - Espécie de árvore existente num povoamento florestal com a maior percentagem de coberto. (AFN/IFN5, 2010).

Exploração Florestal - Conjunto de operações necessárias para a transferência do material lenhoso produzido até ao local de transformação.

Floresta - Terrenos com mais de 20 metros de largura e área igual ou superior a 0,5 hectares ocupados com povoamentos florestais, áreas ardidas de florestas, áreas de corte raso ou outras áreas arborizadas. (AFN/IFN5, 2010).

Folhosas - Subdivisão do grupo de espécies de árvores florestais pertencentes ao grupo botânico das angiospérmicas dicotiledóneas que se caracterizam, de uma forma geral, por apresentarem flor e folhas planas e largas. Inclui o sobreiro, os eucaliptos, a azinheira, os carvalhos, o castanheiro e outras folhosas. (AFN/IFN5, 2010).

FMI - Fundo Monetário Internacional.

Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) - Representa o valor dos bens duradouros, destinados a fins não militares, adquiridos pelas unidades de produção residentes a fim de serem utilizados por um período superior a um ano no processo de produção e ainda o valor dos serviços incorporados nos bens de capital fixo (SEC - 79 § 337).

Grupos de Papéis Recuperados, segundo a classificação das qualidades Europeias de papéis recuperados (EN 643) -

Não escolhidos: A0, A1, A2, A3, A7, A9, B3

Papéis para Cartão Canelado: A4, A5, A6, D0, D1, D2, D3, D4, D5, D6

Papéis para Destintagem: A8, A10, A11, B1, B2, B4, B5, B6, B7, B8, B9, B10, B11, B12, B13, C1, C2, C3, C5, C6, C7, C10

Outros: C8, C9, C11, C12, C13, C14, C15, C16, C17, C18, C19

INE - Instituto Nacional de Estatística.

Improdutivos - Terrenos estéreis do ponto de vista da existência de comunidades vegetais ou com capacidade de crescimento extremamente limitada, quer em resultado de limitações naturais, quer em resultado de acções antropogénicas (ex: afloramentos rochosos e praias). Para uma área ser classificada como improdutivo terá que ocupar uma área superior a 0,5 hectares e uma largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Incultos - Terrenos ocupados por matos e pastagens naturais, que ocupam uma área superior ou igual a 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (DGF/IFN, 2001).



NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos.

Outros Papéis para Fins Industriais e Especiais - Papel para cigarros e de filtro, folhas gessadas, papéis encerados e papéis com outros tratamentos e aplicações específicas.

Pasta Integrada - Pasta produzida destinada directamente à produção de papel dentro da mesma unidade fabril.

Pasta para Mercado - Pasta destinada à venda em mercado aberto nacional e estrangeiro.

Pasta Mecânica de Trituração - Pasta produzida triturando a madeira em fibras relativamente curtas. Esta pasta é usada principalmente para a produção de papel de jornal.

Pasta Mecânica Termo-mecânica (TMP) - Pasta produzida por um processo termo-mecânico no qual estilhas de madeira são “amolecidas” por vapor antes de passarem para um refinador pressurizado. As TMP são utilizadas principalmente nos mesmos tipos de papel das pastas mecânicas.

Em variantes dos dois processos anteriores produzem-se pastas de trituração pressurizadas e pastas mecânicas refinadas.

Pastas Semi-químicas - Pasta produzida por um processo com duas fases que envolve uma digestão parcial com produtos químicos, seguida por um tratamento mecânico, em refinador de disco. Esta pasta é principalmente utilizada na produção de folhas “fluting” para cartão canelado.

Pastas Semi-químicas: Químico termo-mecânica (CTMP) - Pasta produzida por um processo semelhante ao utilizado para pasta termo-mecânica (TMP) mas as estilhas de madeira são sujeitas a um tratamento químico antes de entrarem nos refinados. Estas pastas têm características apropriadas para fabricar “tissues”. Alguma pasta CTMP é utilizada para o fabrico de alguns tipos de papéis de impressão e escrita. As pastas CTMP são classificadas como pastas semi-químicas no Sistema Harmonizado do Conselho de Cooperação Aduaneira. Nas estatísticas da FAO e também em outras estatísticas da indústria, estas pastas químico-termo-mecânicas são agrupadas com as pastas mecânicas.

Pastas Químicas ao Sulfito - Pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de licor de bissulfito. Os usos finais incluem papel de jornal, papéis de escrita, “tissues” e papéis de uso doméstico e sanitário. Esta pasta pode ser branqueada ou crua.

Pastas Químicas ao Sulfato (ou kraft) - Pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de um licor de hidróxido de sódio (soda). Esta pasta pode ser crua ou branqueada. Os usos finais são muito numerosos, sendo a pasta branqueada utilizada em particular para papéis de usos gráficos, “tissues” e cartolinas. A pasta crua é utilizada geralmente para “liner”, para cartão canelado, papéis de embrulho, papéis de embalagem (sacos), envelopes e outros papéis especiais não branqueados.

Papel de Jornal - Papel utilizado principalmente para jornais. É fabricado principalmente com pasta mecânica e/ou papéis recuperados, com ou sem uma pequena quantidade de cargas. Os seus pesos variam de 40 a 52 gr/m² podendo chegar às 62 gr/m². O papel de jornal é de acabamento à máquina ou ligeiramente calandrado, branco ou pouco colorido e utilizado em bobinas para impressão normal, offset, etc.

Papel para Usos Gráficos não Revestido de Pasta Mecânica - Papel para imprensa e outros fins gráficos em que pelo menos 10% das fibras componentes são fibras de pasta mecânica. Este tipo é também designado por papel “groundwood” ou “wood-containing”.

Papel para Usos Gráficos não Revestido de Pasta química - Papel próprio para impressão ou outros fins gráficos em que pelo menos 90% das componentes fibrosas consiste em fibras de pasta química. Estes papéis podem ser fabricados a partir de diversos componentes com níveis variáveis de aditivos minerais e uma série de processos de acabamento tais como cortes, calendarização, “couché” e marcas de água. Este tipo inclui a maior parte dos papéis de escritório, como facturas e outros formulários, papel de cópia de computador, de caderneta e de livros. Papéis pigmentados e normalizados “revestidos” (com revestimento menor que 5 gramas por face) estão incluídos neste grupo.

Papel para Usos Gráficos Revestido - Todos os papéis para impressão e outros fins gráficos, revestidos em um ou ambos os lados com minerais tais como caulino, carbonato de cálcio, etc. O revestimento pode ser feito nos vários métodos, quer mecânicos, quer manuais e pode ser suplementado por super-calandrização.



Papéis para Usos Domésticos e Sanitários - Estes papéis incluem uma larga gama de papéis tissue para higiene utilizados em casas de habitação ou instalações comerciais e industriais. Exemplos são os papéis higiénicos, tissues lenços faciais, lenços de bolso, guardanapos, rolos de cozinha, toalhas e papéis para limpar, usados na indústria. Alguns “tissues” são também usados no fabrico de fraldas para bebés, tampões, etc. O material original bobinado é feito de pasta virgem ou de fibras recuperadas ou de mistura de ambas. É referido nas estatísticas de produção pelo seu peso em bobine antes da conversão em produtos finais. No entanto, estatísticas do comércio externo consideram dados quer em bobines quer em produtos acabados.

Papéis para Embalagem: Materiais para Caixas - Papéis (cartolinas) e cartões usados principalmente no fabrico de cartão canelado. Eles são obtidos a partir da combinação de fibras virgens ou recuperadas e têm boas características para dobrar, rigidez e possibilidade de serem cortadas. São principalmente usadas em caixas para produtos de consumo tais como alimentos congelados e embalagens para líquidos.

Papéis para Embalagem: Papéis para Embalagem (até 15g m²) - Papéis cujos fins principais são embrulhos ou embalagens. São feitos a partir de misturas de fibras virgens e/ou recuperadas e podem ser branqueados ou crus. Podem ser sujeitos a vários processos de acabamento e ou etiquetagem. Incluídos neste grupo estão os sacos “kraft”, outros “Kraft” para embrulhos e papéis à prova de gorduras de sulfito.

Papéis para Embalagem: Outros Papéis Principalmente para Embalagens - Esta categoria inclui todos os papéis e cartões utilizados para embalagens não referidos anteriormente. A maior parte é fabricada a partir de fibras recuperadas, por exemplo “greyboards” e destinadas à transformação que em alguns casos pode dar usos finais de não embalagem.

Papel para reciclar - Papel e cartão recolhido e separado com a finalidade de ser reciclado.

Povoamento florestal – Extensão de terreno com um mínimo de 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros, ocupadas com árvores florestais que, pelas suas características ou forma de exploração, tenham atingido ou venham a atingir porte arbóreo (altura superior a 5 metros) e uma percentagem de coberto no mínimo de 10%. Inclui os povoamentos jovens (de regeneração natural, sementeira ou plantação) que, no futuro, atingirão uma densidade de, pelo menos, 10% de coberto e uma altura superior a 5 metros; os pomares de sementes e os viveiros florestais; os quebra-ventos e as cortinas de abrigo desde que respeitem os critérios estabelecidos pelo uso floresta. (AFN/IFN5, 2010).

Produção Efectiva por Ramo - Corresponde à totalidade da produção das unidades residentes ou seus agrupamentos (ramos ou sectores institucionais) (SEC – 79 § 305).

Produtividade - Corresponde ao rácio entre o valor acrescentado bruto e o número de trabalhadores, ou seja, corresponde ao valor criado por trabalhador.

PPI - Pulp and Paper International.

Reciclagem - Reprocessamento de papéis recuperados num processo de produção para o fim original ou outros fins, incluindo a compostagem mas excluindo a recuperação de energia. (DGF/IFN, 2001).

Recolha - Princípio da política de gestão de resíduos, incluindo a reutilização, a reciclagem de materiais, a reciclagem de lixo orgânicos e a recuperação de energia (assim como as exportações para fins similares). (DGF/IFN, 2001).

Resíduos - Qualquer substância ou objecto cujo proprietário decida, pretenda ou seja solicitado a abandonar. (DGF/IFN, 2001).

Resinosas - Subdivisão do grupo de espécies de árvores florestais pertencente ao grupo botânico das gimnospérmicas, caracterizadas por apresentarem folhagem perene e em forma de agulhas ou escamas. (AFN/IFN5, 2010).

Silvicultura - Ciência que estuda a cultura, ordenamento e a conservação da floresta, tendo em vista o contínuo aproveitamento dos seus bens e serviços.

Taxa de reciclagem - Rácio entre o consumo de papel recuperado e o comércio externo líquido deste produto, utilizado para fins de reciclagem e o consumo de papel e cartão.

Taxa de Recuperação - Rácio entre produtos de papel e cartão recuperados e o consumo de papel e cartão.



Taxa de Utilização - Rácio entre o consumo de papel recuperado e a produção de papel e cartão.

Taxa de Cobertura - Corresponde ao rácio entre as Exportações e Importações.

Valor Acrescentado Bruto - É o saldo da conta de produção, ou seja, da produção e do consumo intermédio, que correspondem, respectivamente, aos recursos e aos empregos dessa conta (SEC – 79 § 113).



EDIÇÃO: CELPA - Associação da Indústria Papeleira

Rua Marquês Sá da Bandeira, Nº 74, 2º

1069 - 076 Lisboa

Telefone: + 351 21 761 15 10 Fax: + 351 21 761 15 11

e-mail: celpa@celpa.pt <http://www.celpa.pt>

Design gráfico, paginação e preparação gráfica: VENTOSA - ideias que pegam / MAS Media Projects, Lda

Impressão e acabamento: VENTOSA - ideias que pegam / MAS Media Projects, Lda

Depósito Legal Nº 215366/04

ISSN: 1645-4154

Tiragem: 550 Exemplares

Lisboa, Agosto de 2014.

O Boletim Estatístico da Celpa é impresso em papel Inaset Plus Offset de 100g/m2 no miolo e 190g/m2 na capa, produzido pelo Grupo Portucel Soporcel, empresa certificada pela NP EN ISO 9001/2008 e NP EN ISO 14001/2004.

